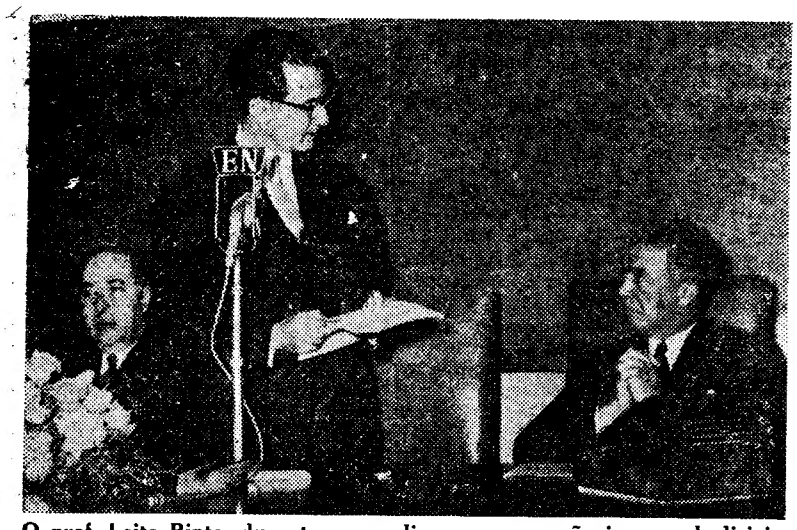
ANO 37.º SEGUNDA-FEIRA, 20 DE JANEIRO DE 1958 N.º 12.615

Diario de Lisbôa

FUNDADOR — JOAQUIM MANSO DIRECTOR — NORBERTO LOPES

TELEF.: 20271, 20272, 20273, 21154 e 21155 REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRAFICA EDITOR — J. CHRISOSTOMO DE SA
ENDEREÇO TELEGRAFICO: DIBOA RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2. NUMERO AVULSO: UM ESCUDO



O prof. Leite Pinto, durante o seu discurso, na sessão inaugural, dirigindo-se ao eng. Frederico Ulrich

A I Reunião dos Técnicos Portugueses de Energia Nuclear

começou hoje no Laboratório de Engenharia Civil sob a presidência do ministro da Educação Nacional

No anfiteatro do Laboratório Nacional de Engenharia Civil, realizou-se hoje de manhã a 1.ª Reunião dos Técnicos Portugueses de Energia Nuclear. Presidiu o sr. prof. eng. Leite Pinto, ministro da Educação Nacional, ladeado pelos srs. prof. dr. Gustavo Cordeiro Ramos, presidente do Instituto de Alta Cultura, e eng. Manuel Rocha, director do Laboratório de Engenharia Civil, á direita; e eng. José Frederico Ulrich, presidente da Junta de Energia Nuclear e prof. dr. Vítor Hugo de Lemos, reitor da Universidade Clássica.

O anfiteatro encheu-se e entre a assistência destacavam-se vários professores de diversas Faculdades. Deu começo á reunião o sr. eng. José Frederico Ulrich, que em primeiro lugar usou da palavra.

O discurso do eng.º Frederico Ulrich

O antigo ministro das Obras Publicas começou por dizer que, nesta reunião, «serão versados numerosos aspectos de aplicação prática da energia nuclear que interessam, pode dizer-se, a todos os sectores da administração publica».

Depois de salientar o interesse que ao ministro da Educação merecem todos os problemas relacionados com a energia nuclear, e de elogiar a personalidade do prof. Leite Pinto, o orador disse:

—A ideia desta 1.ª Reunião dos Técnicos Portugueses de Energia Nuclear foi do sr. ministro da Presidência e, uma vez enunciada, logo mereceu o mais entusiástico acolhimento da Junta. O primeiro problema que houve a resolver foi o da escolha das entidades a convidar para nela participarem, mas isso não foi difícil: assentamos em limitar os nossos convites aos centros de estudos de energia nuclear do Instituto de Alta Cultura, ás empresas industriais que, em circunstancias anteriores, haviam manifestado maior interesse pelo sector científico do âmbito da Junta—Companhia Portuguesa de Radium, Companhia União Fabril, Amoníaco Português, Fábrica Portuguesa de Fermentos Holandeses, Sociedades Reunidas de Fabricações Metálicas, Companhia Nacional de Electricidade, e as Companhias Hidroeléctricas—e, finalmente, aos organismos oficiais que com o patrocínio da Junta, haviam criado secções de estudo das aplicações dos isótopos radioactivos—o Centro de Estudos Egas Moniz, o Instituto de Medicina Tropical, as Faculdades de Medicina de Coimbra e de Lisboa; e—os ulti-

(Continua na 6.ª página)

Nota do dia

Esquecimento

Na sua recente viagem a Trás-os-Montes, o sr. ministro das Obras Publicas tomou conhecimento, se o não tinha já, do estado dos trabalhos respeitantes á projectada estrada que ligará dois concelhos do distrito de Bragança, reduzindo consideràvelmente a distancia que separa uma parte do distrito do Sul do País e servindo a economia de uma importante região agrícola, na medida em que encurta as distancias e facilita o escoamento dos produtos. Trata-se da estrada de Vimioso a Macedo de Cavaleiros, cujo projecto teve começo de execução há mais de sessenta anos (!)—e que parou inexplicàvelmente ao quilómetro 3 junto do rio Maçãs. Todas as tentativas feitas durante esse longo período para remover as dificuldades que se opunham ao prosseguimento dos trabalhos resultaram infrutíferas, até que há poucos anos se quebrou o encanto e o projecto saiu do limbo das gavetas ministeriais. Primeira dificuldade a vencer: era preciso galgar o rio com uma ponte — e a ponte começou a construir-se. Os trabalhos não chegaram, porém, ao fim — e a estrada encalhou de novo e as diligências dos interessados recomeçaram e as evasivas burocráticas repetiram-se. Pergunta-se: serão precisos outros sessenta anos para que essas escassas dezenas de quilómetros possam ser percorridas por um «jeep»? Roma e Pavia não se fizeram num dia, é certo. E tem-se feito muita coisa. Mas em sessenta anos não se faz uma estrada — executa-se todo um plano rodoviário. E os povos daquela esquecida e menosprezada região são filhos de Deus, Portugueses de lei — e pagam contribuições.

Foi emocionante e cordial o encontro

entre os exploradores Fuchs e Hillary

os dois vencedores dos gelos do Pólo Sul

LONDRES, 20. — Segundo os telegramas recebidos hoje e descrevendo a chegada do dr. Fuchs ao Polo Sul, a caravana britanica, após dois meses de viagem, foi avistada pela primeira vez quando ainda estava a 11 kms. do Polo, onde a esperava um grupo que chegara, em avião, da base de Scott, sob a direcção de sir Edmund Hillary.

Em virtude da má visibilidade, perdeu-se pouco depois a caravana de vista. Então, sir Edmund partiu ao encontro do chefe da expedição britanica. Fuchs e Hillary chegaram juntos á presença da comissão de recepção á 1 h., e 8 m. (T. M. G.). Iluminava a cena o pálido «Sol da meia-noite», do Verão austral. Diz-se que o dr. Fuchs se mostrou surpreendido com a importancia da recepção que o esperava. Efectivamente, mal chegou ao Polo, teve de ouvir uma série de mensagens de congratulações, lidas solenemente pelos membros da comissão de recepção.

Sir Edmund Hillary, o vencedor do Everest, acompanhará a expedição Fuchs, durante o resto do periplo, até á base de Scott, a 1.600 kms., do Polo. — (F. P.).

O cordial encontro

WELLINGTON, 20. — Os dois chefes da expedição antárctica da Comunidade Britanica encontraram-se com prazer, não mostrando qualquer indice de tensão, a quilómetro e meio da base do Polo Sul. — «Hello Bunny» — disse sir Edmund Hillary ao dr. Vivian Fuchs, que respondeu: — «Estimo imenso vê-lo, Ed.» E os dois homens trocaram um vigoroso aperto de mão, na presença dos fotógrafos e jornalistas. Foi esta, a descrição do encontro histórico dos dois herois do Polo Sul, feita pela radiodifusão neozelandesa.

Sir Edmund Hillary partira da estação polar, com o major americano George Dufek, para ir ao encontro da expedição de Fuchs. Eram 12 e 45, (locais) quando os dois grupos chegaram á fala. Os membros da equipa britanica pareciam bem dispostos, embora tives-

(Continua na ultima página)

Mergulhou bem no sono!

IRUN, 20 — Quando o «rápido» de Madrid chegou á fronteira, um passageiro permanecia em sono tão profundo que nada o fez despertar. Conduzido ao hospital, continuava a dormir 24 horas depois, parecendo estar sob a acção de um medicamento que tomou em dose exagerada.

Foram-lhe encontrados, além do passaporte pelo qual se verificou tratar-se de Jack R. Mayorcas, da Califórnia, em viagem para a Turquia, 720 dólares, livros de cheques, etc. —(Efe).

Visado pela Comissão de Censura

A estátua ao soldado russo, na necropole do Ehrenmal Treptow

SOMBRAS E CLARIDADES DA ALEMANHA

O monumento ao soldado russo em Berlim Vermelha

(Final da reportagem de Artur Portela)

Em Berlim Vermelho não divisámos a sombra de um soldado russo. Mas sente-se o seu hálito gelado trespassando de medo os transeuntes, enquanto a neve, morosa, insistente, cai do céu, como a caspa dos deuses, branqueando a cidada carbonizada.

Estão nas casernas, com carros de assalto e metralhadoras, prontos a intervir á primeira tentativa de rebelião, como aconteceu em Junho de 1953.

Se as pontes sobre o Sprée entre as duas Berlins ainda se mantêm, não há telefones, nem autobuses, nem «eléctricos».

Funcionam, apenas, o metropolitano e o caminho de ferro local até a certa horas. Entra-se quase sempre, no sector soviético, a pé ou de automóvel, umas vezes, inexplicàvelmente, sem qualquer «contrôle», como nos sucedeu. Mas outras, a «cortina de ferro» cerra-se ruscamente, se é que não surge uma patrulha dos cento e oitenta mil homens da polícia, e o visitante desaparece para sempre sem deixar rasto.

(Continua na 3.ª página)

FIGURAS E PROBLEMAS

Mistérios da crítica

por ADOLFO CASAIS MONTEIRO

É sem duvida coisa muito difícil para os adeptos de qualquer conceito «científico» de crítica admitir que na sua mais íntima essência esteja um dom. Um dom, isto é: uma coisa que não se pode dar nem ensinar a ninguém. De modo que todas as teorias, científicas ou não, resultam sempre falsas desde que não têm em conta o elemento fundamental de imprevisibilidade implícito nesse facto.

Não há duvida que o crítico não nasce feito. Mas também não há duvida que, sem a matéria-prima especial de que ele pode fazer-se,

(Continua na página seguinte)

«Diário de Lisboa»

PUBLICA HOJE

24 PÁGINAS

oito das quais incluem o «Suplemento Desportivo» que não pode ser vendido separadamente.

TRANSPORTADO PARA O PORTO NOS AVIÕES DA T. A. P.

Um veterano do cinema português

O "Homem do Dia" é o 20.º filme

em que Alves da Costa toma parte

Um dos mais talentosos e categorizados actores do nosso teatro acaba de tomar parte no desempenho do 20.º filme da sua longa carreira de artista. Trata-se de Alves da Costa, figura sobejamente conhecida do nosso publico, que tanto o aprecia e estima.

A sua actividade no cinema vem do tempo do mudo, dos bons tempos do «Repórter X», da Invicta Filme, dos gestos largos e das expressões amalucadas.

Recordando exactamente o início da sua vida nos estudios, não admira que, numa breve conversa com o conhecido actor, lhe tivéssemos perguntado como sentiu a transição do cinema mudo para o sonoro.

—Realmente—responde Alves da Costa—a transição foi grande, mas eu gosto muito mais do cinema sonoro, embora as dificuldades sejam, sem duvida alguma, de maior relevo, principalmente para os que não foram actores. Os esgares as caretas e as *poses* tiveram que dar lugar ás expressões, inflexões e atitudes.

Como já dissemos, Alves da Costa acaba de figurar no seu 20.º filme. Desempenha um personagem de vulto em «O Homem do dia», a produção do bloco «Internacional Filmes - Alberto Ribeiro», dirigida por Henrique de Campos, o realizador a quem se devem alguns dos grandes êxitos do cinema nacional.

—Qual a recordação mais grata da sua actividade no cinema?

Alves da Costa não encontra dificuldade na resposta:

—Recordo, com muito prazer, a temporada que passei nas «Furnas», em S. Miguel—Açores, durante as filmagens de «Quando o mar galgou a terra», película também dirigida por Henrique de Campos. Viveram-se ali momentos inesquecíveis de camaradagem e simpatia.

Foi a altura de perguntar a Alves da Costa o que pensa do realizador de «O Homem do Dia», com quem trabalha pela sexta vez.

—Tenho uma grande estima por Henrique de Campos. Somos amigos há mais de 25 anos, trabalhámos juntos no teatro e considero-o um profissional cheio de qualidades. Estou certo de que «O Homem do Dia» confirmará, uma vez mais, a sua competência, de que, aliás, já deu provas suficientes. Quanto a mim, Henrique de Campos tem duas grandes qualidades: começou pelo princípio e é inteligente!

—Que nos diz do seu trabalho em «O Homem do Dia»?

—Gostaria mais de não me pronunciar sobre este assunto. Acho que não nos devemos antecipar ás opiniões da crítica e do publico.

—Outra pergunta, Alves da Costa: concilia fàcilmente a sua actividade teatral com a cinematográfica?

—Infelizmente, esse problema não existe para mim, porque não há teatro nem teatros para eu trabalhar.

O nosso entrevistado acrescenta:

—O teatro em Portugal continua á espera de solução mais equitativa, onde todos, e não só *alguns*, possam trabalhar.

Referindo-se, pròpriamente, á nossa observação, o actor declara:

—Mas se as duas actividades estivessem em plena laboração, seria impossível dar o rendimento necessário a ambas as artes. Como as perspectivas são quase sempre sombrias, somos obrigados a aproveitar o que aparece. Quem pensa no dia de amanhã, ou melhor, no dia de hoje, não pode nem deve estar parado.

Agradecemos a Alves da Costa a breve entrevista que nos concedeu e ficamos certos do êxito artístico que vai constituir mais este seu trabalho num filme português. Assim, «O Homem do Dia», película com interiores rodados nos estudios da Tobis, a cujo chefe dos serviços administrativos, sr. capitão Mário Fialho Lopes, se fica devendo inestimável colaboração, será enriquecido com a presença de um grande actor, além da jovem actriz Maria Dulce, do ciclista Alves Barbosa, Armando Cortês, Camilo de Oliveira, da artista internacional Elita Martos, etc.

ALVES DA COSTA

Violentos abalos sísmicos

no Norte do Equador

causaram muitas vítimas

e devastações na cidade de Esmeraldas

QUITO (Equador), 20 — Dois violentos abalos sísmicos sentiram-se, ontem, de manhã, em todo o país, e particularmente na costa do Pacífico, onde o porto de Esmeraldas foi gravemente assolado por um maremoto, que causou vítimas e estragos consideráveis.

As primeiras informações dizem que morreram, pelo menos, 14 pessoas, 45 ficaram feridas e 4 desapareceram. Abateu um hospital e sucumbiram várias crianças, salvando-se, porém, a maioria, visto que estavam no jardim, á hora do recreio.

O vapor «Vanda» e a chalupa da Alfandega desapareceram.

O governador do Estado de Esmeraldas comunicou que os estragos no centro da cidade são enormes, pois cerca de 30 por cento das casas foram destruídas. Acrescentou que o palácio do Governo e a Camara Municipal estiveram prestes a ruir e que os teatros e duas escolas apresentam grandes fendas nas paredes.

A estação de rádio e as instalações radiotelegráficas do aeroporto ficaram totalmente destroçadas e cortadas, também, as comunicações telefónicas com o resto do país.

As autoridades locais lançaram, hoje, um apelo, pedindo plasma e aparelhos portáteis de raios X. — (F. P. e A. N. I.).

O fenómeno repercutiu-se no Chile

SANTIAGO DO CHILE, 20—Um grande tremor de terra abalou, durante a noite, o Norte do Chile, principalmente a província de Coquimbo. Aguardam-se pormenores.

O abalo sentiu-se, também, na capital. — (F. P.).

Panico na Colombia

CALI (Colombia), 20 — Três abalos telurícos foram sentidos, ontem de manhã, mas não causaram vítimas. Os prejuízos são de pequena monta.

A população deixou-se, porém, invadir pelo panico e numerosas pessoas desmaiaram. — (A. N. I.).

Chuvas torrenciais, no México, que parecem provocadas pelos sismos

CIDADE DO MEXICO, 20 — Há mais de 48 horas que chove torrencialmente nesta cidade e na maior parte do país. A própria zona do Pacífico, conhecida pelos seus invernos soalheiros, sofre do mau tempo actual. Há quem relacione estas perturbações atmosféricas com os abalos telurícos que há vários dias se sentem no continente, nomeadamente no Peru e no Equador, onde um sismo provocou um maremoto. — (F. P.).

Violento abalo em Manila

MANILA, 20 — Um violento abalo sísmico sacudiu, hoje, de manhã, esta cidade, durante cinco segundos.

Não há, por enquanto, notícias de estragos materiais. — (A. N. I.).

O sismo foi registado em Lisboa

Na estação sismográfica do Instituto Geofísico do Infante D. Luís registou-se, ontem, um sismo com início ás 14 horas, 19 minutos e 1 segundo, e com o epicentro a cerca de 7.800 quilómetros de Lisboa (América do Sul).

A magnitude do sismo foi de cerca de 7,5 e a intensidade na região epicentral corresponde ao grau X da escala Mercalli-Sieberg (abalo destruidor).

Atacados por um novilho

EVORA, 20 (Pelo telefone) — Na Quinta Velha do Degebe, onde estavam tomando parte numa ferra de gado bovino, foram acometidos por um novilho os trabalhadores Jacinto Inácio Pereira, de 29 anos, e António Frade Canário, de 32 anos, ambos casados, naturais de Montoito e residentes na Quinta Nova do Degebe.

O primeiro ficou bastante ferido no rosto e no tórax, sofrendo o segundo fractura da perna esquerda. Deram ambos entrada no Hospital da Misericórdia desta cidade.

HOTEL EMBAIXADOR
Orgulha-se em apresentar HOJE
IRENE HILDA
17 anos
A celebre criadora das famosas canções «C'est Magnifique» e «I Love Paris» da Opereta «CANCAN» de Cole Porter.
Esta Artista faz-se acompanhar pelos seus musicos privativos:
RAYMOND SAVASTANO ao Piano
e MICHEL WOOP — Guitarra Electrica
DOMINGO: Das 17-15 ás 19-15 «Matinée» Dançante com IRENE HILDA. Preço Esc. 25$00 incluindo chá completo.

Açorda de Sável?

Figuras e problemas

(Continuação da 1.ª página)

resultam inuteis todas as receitas para fazer boa crítica, já que não servem para fazer bons críticos. O aspirante a crítico pode frequentar as mais respeitáveis escolas, que não aprenderá nunca a acuidade graças á qual poderá detectar o bom poeta, o bom romancista e o bom dramaturgo. É que o dom do crítico vem a ser, sobretudo, receptividade ao que é vivo, e não a ciência das formas, dos géneros, nem sequer a erudição que permite os mais sábios paralelos e ajuda a farejar a pista das mais ocultas influências.

Em suma — velai o rosto, ó cientistas da crítica! — o bom crítico é... o artista da crítica. E como se aprende a ser artista? Aprende-se, quando se nasceu para isso. Ou não se nasceu para isso, e o aspirante a crítico ficará sendo toda a vida um sujeito sem a capacidade de adivinhar. Porque é de adivinhar que se trata, embora num sentido particular da palavra. Adivinhar, para o crítico, é como a fé verdadeira: não tem provas. Ao crítico verdadeiro salta á vista uma coisa que não se justifica por qualquer conhecimento que ele tenha adquirido. Na obra mais rebarbativa ele pode descobrir o brilho do metal precioso, com os raios X do seu olhar que atravessa a camada opaca de ganga que porventura a envolva.

O bom crítico é um criador, que pode inclusive ter teorias profundamente erradas, e acerta na «aplicação», embora a justifique erradamente, pois está a julgar graças ao dom, enquanto supõe fazê-lo graças á ciência. Por isso mesmo os desacertos dos maiores críticos são inevitáveis: o dom não é absoluto, exactamente como não é absoluta a capacidade de criar de outro qualquer artista, seja ele teatrólogo, romancista ou poeta.

O Brasil e Portugal são dos países menos favorecidos sob o ponto de vista da crítica. Porquê? Por faltarem artistas com o dom da crítica? Penso que não, mas por faltar geralmente entre nós o alimento que melhor pode ajudar a revelação de tal dom: o universalismo da cultura. Pois que esse dom precisa de ser suscitado por alguma coisa, e essa alguma coisa é, se não estou em erro, a amplitude dos conhecimentos, a independência em relação a escolas e tendências, e a não limitação a leituras puramente «literárias». Direi mais: é a formação filosófica, mesmo que não seja sistemática, o solo sobre o qual a semente que é o dom pode germinar.

Com efeito, ao contrário do que sucede com a do romancista ou do poeta, a arte do crítico não se basta a si mesma; é alimentada pela dos seus confrades nos outros géneros. Mas este alimento não basta: é indispensável um alimento fundamental, que é a reflexão sobre o essencial dessas artes. A função do crítico não é descrever — mas fazer cortes em profundidade. O que ele adivinha, o que o dom lhe permite detectar, só pode ser aplicado graças a uma penetração das várias camadas cuja densidade sustenta, alimenta e vivifica a superficie, que é a obra tal como aparece «feita» aos olhos que não podem ir até ao fundo da sua complexidade.

Talvez a algum leitor pareça estranho que, dito isto, eu acrescente ser o melhor crítico aquele que nos aparece como o porta-voz de uma geração, coisa que, á primeira vista, deve parecer a negação de uma coisa que se costuma ter como característica fundamental da crítica: a isenção. Ora a verdade é que nunca existiu nenhum crítico isento, isto é, um crítico que não «preferisse» alguma coisa. E a principal preferência é a da nossa «contemporaneidade». Não pode haver função mais indicada para um crítico do que pôr a claro aquilo que ainda não foi assimilado, e que encontra mais dificuldade em ser aceite. E aqui surge a diferença entre o historiador e o crítico, coisa que está longe de ter sido suficientemente esclarecida, tanto mais que, hoje, se dá uma invasão de professores no domínio da crítica — e os professores constituem uma classe em cujo seio tem dificuldade em brilhar a centelha da adivinhação do novo.

Qual foi a principal função da crítica na geração de Eça de Queirós, por exemplo? Teria sido verificar o valor das gerações precedentes? Não, sem duvida, mas, pelo contrário, não permitir, que em nome das gerações precedentes se negasse o valor da que acabava de surgir. Isto implica para a crítica uma função de combate. E porque não implicaria? Porque, se as obras ficam, as teorias que as acompanharam e as justificaram morrem. O romance histórico dera algumas das mais notáveis obras da geração de Garrett e Herculano; mas o romance histórico passou a ser um género morto, e a sua «liquidação» uma das funções a realizar pela crítica da geração de 90.

O problema do «moderno» é, no século XX, mais complexo, e ainda põe em maior evidência que o papel da crítica não é a neutralidade, mas sim a preferência. A literatura — e como ela ou ainda mais, a arte — assentava em valores muitas vezes (talvez até quase sempre) ignorados pelos próprios autores; como iria distingui-los uma crítica que não participasse desses valores, que não tivesse a mesma raiz que as poesias, os romances, as obras de teatro «modernas»?

A função combativa da crítica não é uma diminuição dela, se não aos olhos daqueles que ainda a pretendem julgar á luz de uma ideia de objectividade que deixou de ter sentido. A crítica participa do próprio movimento criador da literatura, e não é nada fora disso. A crítica só pode ser criadora na medida em que vive a mesma evolução, em que torna conscientes e visíveis os motivos implícitos na transformação permanente da literatura. Toda a crítica que não possa ser assim caracterizada não é crítica — é história da literatura.

ADOLFO CASAIS MONTEIRO

As investigações

sobre a explosão ocorrida numa garagem

No dia 31 de Julho do ano findo, na Garagem Vítor Hugo, deu-se, como se noticiou, uma explosão de gasolina quando estava a ser abastecido um depósito existente no subsolo. Atribuiu-se o caso a qualquer pessoa que estivesse inadvertidamente a fumar, ou a qualquer fósforo que tivesse sido aceso na ocasião.

A explosão causou danos em alguns automóveis que ali se encontravam recolhidos, e agora, decorridos quase sete meses, o caso foi esclarecido pela Polícia Judiciária, através da acção do agente Faria, que concluiu o processo, no qual é acusado como responsável pela origem da explosão o empregado da referida garagem, Joaquim Dias Pascoal Xarepe. Diz a Polícia que o arguido, antes de meter gasolina no depósito, procedeu á respectiva sondagem e depois do enchimento, não tapou, acto contínuo, o orifício de inspecção. Em virtude da descarga de gasolina para o depósito deu-se um escape de gases pelo referido orifício, o que, aliado á temperatura desse dia, que era de 27°,5, produziu uma mistura explosiva.

O processo conclui por incúria e negligência, principal causa dos danos em vários automóveis que se encontravam na garagem, os quais, quando da explosão, foram arremessados ao tecto.

Um morto e um ferido

num acidente de trabalho

EVORA, 20. *(Pelo telefone)*. — Numa pedreira, próximo do Bencatel, deu-se uma explosão inesperada, ficando soterrados, sob enormes pedregulhos, os irmãos Manuel Inácio Galhofas, de 39 anos, casado, e João António Galhofas, de 37 anos, também casado, ambos naturais de Bencatel e ali residentes. O primeiro teve morte imediata e o segundo recolheu ao Hospital da Misericórdia de Evora, com ferimentos por todo o corpo e queimaduras nas mãos.

Sete mil soldados soviéticos
enterrados de pé no Eherenmal

(Continuação da 1.ª página)

Todos os dias fogem centenas, mesmo milhares de pessoas (mil e trezentas no domingo que ali fomos). Nestes ultimos doze anos onumero dos evadidos atinge doze milhões.

A população alemã é muito sensível a todos os acontecimentos internacionais, sobretudo os que implicam uma concessão aos ocupantes.

—Mas há também os que voltam? — inquirimos, em Marienfelde, centro dos refugiados de Berlim Oeste.

—Sem dúvida! A percentagem é, todavia, insignificante! Não chega a 4 por cento. As razões desse regresso são quase sempre sentimentais. Por exemplo: o filho que volta a casa, em virtude de os pais não quererem ou poderem abandonar o sector Oriental.

Os que fogem de Berlim Vermelha

Pelo Berlim Vermelho não se passam, apenas, os habitantes da cidade morta. E' de supor que seja também o caminho da liberdade, dos que vivem para lá da linha Oder-Neisse, sob as administrações polaca e soviética.

Os Russos tratam com deferência a «inteligentsia» germanica. Os técnicos e os cientistas de renome ganham, práticamente, o que querem. Um deles, entre muitos, é o professor Herz, agora em Leipzig, que foi numa viagem triunfal a Moscovo. Nem sequer são obrigados a entrar no partido (os socialistas foram compelidos a fundir-se com os comunistas). Há mais dois partidos, até mesmo um jornal de oposição, mas são considerados meramente decorativos.

Ao princípio as eleições, pelo menos para burgomestre, realizavam-se por aclamações monstras. Duzentas mil pessoas juntavam-se, na vasta praça Marx-Engels e o «nomeado» era proclamado de viva voz, numa trovoada de aplausos, pela grandiosa massa dirigida.

Como se fazem as eleições

Agora já há sufrágio, mas a organica é, grosseiramente, artificial. Lista única dos supostos representantes do povo, que só podem, com toda a evidência, ser aqueles prèviamente seleccionados de acordo com as autoridades russas.

O marechal Paulus, que fundou em Moscovo o comité da Alemanha Livre, é uma figura marcante da política. Reside na cidade, talvez numa destas casas hermèticamente fechadas como fortalezas, em tempo de guerra, que o nosso automóvel circunda agora, cortando o vidro coalhado da nevasca, que se acumula nas ruas devastadas.

Mas não damos por ele. Sequer um indício. Soubemo-lo por outiva.

Os que passam de Berlim Leste para Oeste, 60 % são operários e 9 % camponeses. Outro número ainda estatístico, que oxalá seja o ultimo: a percentagem dos homens é de 55 % e a das mulheres 45 %.

Os rapazes em idade militar escapam-se sistemàticamente. Não querem ir para os confins dos Urais ou para as tundras geladas da Sibéria. Depois, chegam as famílias, com o que podem trazer ou já trouxeram em várias escapadas.

O drama dos professores

Há, todavia, jovens que conseguem—não nos revelaram como, e compreende-se porquê — frequentar cursos secundários e superiores na zona ocidental, regressando todas as tardes á outra—façanha perigosíssima que tem custado a vida a muitos. Têm-se feito os maiores esforços para manter no Berlim Vermelho os professores, a quem repugna o sistema de ensino tendo por base a teoria leninista.

A mais pequena dúvida, a mais insignificante observação, desencadeiam terríveis represálias, entre as quais a perda do lugar ainda é a menor. E' á custa desses pobres mestres que representam ali a língua e o espírito germanicos que a chama nacional arde, acabando sempre por consumi-los.

Por seu turno, os juízes são obrigados a julgar politicamente.

A questão dos refugiados envolve numerosos aspectos e foi considerada pelas nações aliadas, não pròpriamente, local, mas internacional. A República de Bonn distribui, ràpidamente, os refugiados, depois de uma triagem que raramente deixa resíduos (espiões, criminosos, etc.). Têm os mesmos direitos que os autoctones do Ocidente e obtêm, fácilmente, emprego, visto a Alemanha continuar carecida de mão-de-obra.

«O grande irmão»

Esta rápida digressão sobre tão vasto problema leva-nos á grande Praça Marx-Engeles, o coração político de Berlim Vermelho. E' o foro do regime. De um lado, uma catedral, que ficou dos velhos tempos; do outro, uma gigantesca tribuna, onde um homem, de barbicha à Lenine costuma falar às massas. É Walter Ubricht, que pertenceu ao Spartakusbund. Casou com uma secretária do marechal Zukov e é o «cérebro» todo poderoso do partido comunista.

Ignoramos se a esta hora substitui Grotewohh na chefia do Governo.

Desde Wilhelm Piec, presidente da Republica, até ao mais humilde dos *pioneiros* da juventude de choque progressista, todos o tratam, familiarmente, por *grande irmão*.

Foi ali na vasta Praça Marx-Engels, perante uma multidão de operários que faziam a greve de braços caídos, que um ministro da Industria, exclamou:

—Eu também sou trabalhador!

Alguém, porém, replicou no meio dos manifestantes:

—É coisa que não se vê!

Perto, numa fábrica, deparámos com a caricatura de três obésos Fritz, com esta legenda gavarniesca:

Os capitalistas queriam estar cá dentro!

«Aquele é o tio Pépe !»

A população anda mal vestida. Distingue-se mesmo pelos fatos rapados e a falta de agasalhos dos senhores de Kurfurstendamm.

A desconfiança estampa-se nos traços humanos. Até mesmo no andar apressado, como que perseguido. Um receio lívido, humido, pegajoso, cola-se às máscaras. O nível de vida deve ser baixo. Nem uma alma aberta, uma porta escancarada, por onde se possa entrar. Todos sombrios, retraídos, silenciosos, quando muito monossilábicos.

Ao passarmos junto de uma estátua de Estaline que na zona russa continua em plena glória, o nosso «chauffeur», com um piscar de olhos malicioso, comentou:

—Aquele é o «Tio Pepe»!

Não estava, ali, felizmente, nenhum membro da S. S. D. (polícia secreta) estruturada nos moldes da antiga Gestapo). Mas aquela voz irónica não seria a de um agente provocador, ao serviço dos dois protores?

Na gigantesca avenida de Staline

Prudentemente, calámo-nos, admirando o monumento vulgar do «pai dos povos». O automóvel subia agora a gigantesca perspectiva de Stalinallee, de enormes blocos de oito e dez andares, perfurados de janelas, mas com poucas varandas, construídos monótonamente em tijolo amarelo canário, naquela rígida e poderosa arquitectura «de tipo ditatorial».

A artéria termina numa ampla praça rectangular, marcada à entrada por dois edifícios mais altos, sobrepujados por torreões e ao fundo, integrado no plano geral, por um imóvel de igual estilo e do mesmo ocre claro.

Aquilo, que é imponente, parece ser um caso isolado de reconstrução no Berlim Vermelho. É o que mais se fotografa e por onde são dirigidos todos os estrangeiros — factos a considerar.

A imensa «Stalinallee», se tivesse outro colorido, o vermelho meridional, por exemplo, de certo modo faria lembrar, embora noutra escala e com pormenores diferentes, o nosso casquilho Areeiro.

Quantos quilómetros tem esta via triunfal? Bandeiras não lhe faltam. Gritos vermelhos sacudidos pelo vento, como se estivesse em festa, embora os transeuntes sejam raros.

Aquelas casas, informaram-nos, sem possibilidade de averiguação (foi o «chauffeur), são exclusivamente destinadas aos membros qualificados do partido vigente, que prestam serviços excepcionais. Pagam noventa marcos por três dependências.

Imagens das ruas

É ali o centro comercial mais importante. Há livrarias que ostentam nas montras volumes de Zola, Camus, Maupassant, Ehrenburg, Bretch, Dickens. E ourivesarias, que não têm, positivamente, os tesouros da coroa inglesa.

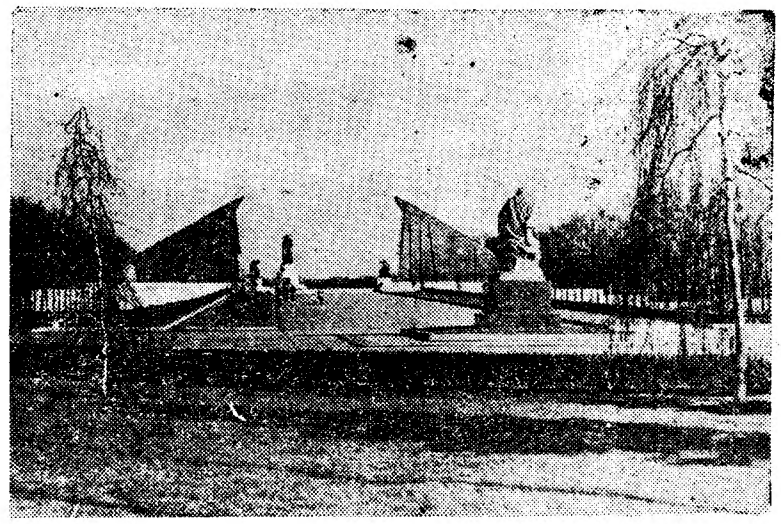
O comércio está quase todo nas mãos do Estado, com estes indicativos a letras vermelhas de «néon»: Konsum *(consumo?)* onde se compra a preço fixo, mediante carta de racionamento e *H. O.* (Handels Organisation), espécie de mercado negro oficializado, onde se pode adquirir tudo nas quantidades desejadas, por preço superior ao fixado nos estabelecimentos do primeiro tipo.

O lojista que teima em viver isolado deste sistema (e ainda os há) vegeta dificilmente. Apresenta nas montras, como notámos, uns vagos e antiquados artigos que, lentamente, se cobrem de pó e teias de aranha. A bem dizer estão vazias.

Há três jornais, mesmo um da oposição consentida, como já referimos, mas não ouvi apregoar nenhum.

As laranjas vendem-se caríssimas. Quando chegam à marcial parada arquitectónica de *Stalinallee* são, devidamente, festejadas, como se na sua polpa trouxessem um pedaço de Sol, de luz, de calor meridional!

Sem nunca termos visto a «vopo» (polícia) da República Popular ,nem um bravo «mujik» fardado, através das artérias desertas, que a neve em penas brancas, embrulhava num fofo «edredon» de silêncio, fomos ao Ehrenmal, vasto parque de cedros e abetos, que fica no bairro Treptow, no qual se ergue o monumento aos sete mil soldados soviéticos que caíram na conquista de Berlim.



Um aspecto do monumento aos mortos da guerra soviéticos. No primeiro plano, de costas, a estátua da «Mãe Russa». Ao meio, duas bandeiras em continência, tendo por baixo duas figuras de combatentes, em bronze e, ao fundo, a estátua do soldado soviético vitorioso

Enterrados de pé

Foram enterrados de pé, como Clemenceau, o «pai da vitória» na guerra de 1914, num cemitério de Vendeia.

Não é, como volume único, o maior monumento do Mundo, mas um conjunto de peças arquitectónicas e escultóricas que é, na realidade, uma extraordinária glorificação.

Entra-se por um pequeno arco de triunfo, cuja rotunda — os mastros brancos estavam nus — se embandeira nos dias solenes, e segue-se ao longo de uma alameda, onde se encontra uma bela estátua de pedra. É a mãe russa! Sem dúvida, a mais expressiva de todo o Ehrenmal. A máscara rude e vigorosa, de malares salientes, bem eslava, coroada pelo entrançado dos cabelos, dobra-se, tocada de melancolia, sobre o peito, no qual poisa a mão esquerda.

No Eherenmal

A figura está sentada. A sua dor é serena. Como que olha os corpos dos filhos inumeráveis que deram a vida pela Pátria.

É intensamente humana na sua dignidade e rústica beleza. Em frente, a umas dezenas de metros, recortam-se duas bandeiras inclinadas, vis-á-vis, de polido mármore castanho avermelhado, proveniente dos luxuosos salões da chancelaria do III Reich. Debaixo dos estandartes, como num baldaquino, dois soldados de bronze, joelho em terra, de capacete na mão esquerda, a direita sustentando a espingarda-metralhadora, numa expressão recolhida, varonil, inclinam-se também sobre os mortos.

Passamos entre os dois e, descendo alguns degraus, abre-se uma imensa esplanada, ladeada de uma teoria de socos, com baixos relevos que historiam batalhas e acontecimentos políticos da guerra. Aqueles plintos fazem como que a guarda de honra a vastos tapetes rectangulares de relva, no meio dos quais branquejam estelas de pedra. Ali estão enterrados os combatentes.

Um monumento aos combatentes

Finalmente, ao fundo, no eixo desta majestosa perspectiva, ergue-se, ao cimo duma escadaria, ladeada de flores, num alteroso pedestal de pedra, a estátua, também de bronze, do soldado russo vitorioso, cuja fisionomia faz lembrar estranhamente a de um Estaline ainda novo, do tempo dos históricos «dez dias que abalaram o Mundo»

Erecto, de cabeça nua, o capote atirado para trás, o seu semblante reflecte, sem orgulho, uma calma, uma irrevogável decisão. Ampara ao peito uma criança, cuja cabecita lhe aflora o pescoço, empunhando uma espada, cuja ponta, a seus pés, despedaça a cruz gamada.

Dentro do pedestal fica uma espécie de cripta circular, revestida de mosaicos, com dezenas de figuras simbólicas de todas as repúblicas da U. R. S. S., obra que não é de muito bom gosto. É uma mancha quente e rubra, no meio da qual dois combatentes mostram a bandeira da Rússia. Por detrás, entre duas mulheres, uma, de luto, numa atitude piedosa, há um velho, vestido à ocidental, talvez Karl-Marx. No centro do pequeno recinto, numa peanha, um volume, encadernado a percalina vermelha, com o título: «O livro dos nossos heróis». Contém o nome de todos os que tombaram no assalto final a Berlim.

Uma peregrinação romana

No tecto cintila uma estrela de vidro, iluminada por dentro. Reproduz a «Estrela da Vitória», a mais elevada condecoração russa, dada, apenas, a cinco pessoas: Eisenhower, Estaline, Montgomery, Zukow e um sargento soviético.

Numerosas coroas e ramos de flores enchiam a cripta.

Quando a visitámos entrou uma delegação romena. Muitos, levavam gorros de *astrakan*, mas entre eles, exóticamente, viam-se tipos chineses, com chapéu à europeia. Se bem recordo ninguém se descobriu. A cerimónia foi fria, silenciosa, como a neve que, em brancas pétalas, trémulamente frisada revoluteava ininterruptamente sobre a necrópole.

Os peregrinos juntaram uma grinalda vermelha às flores encostadas à parede, e retiraram-se logo, como que na ponta dos pés, silenciosamente.

E aqui termina a nossa incursão à «cortina de ferro».

À saída do Berlim Vermelho, o nosso «chauffeur» foi multado em cinco marcos da zona oriental por ter passado por uma rua vedada ao trânsito.

Entre ele e o «vopo» tudo se passou no melhor dos mundos, em efusiva camaradagem. Nem o polícia o increpou, nem ele recalcitrou. Como se fossem velhos amigos que trocassem através do papelzinho da infracção (que conservamos) um fraternal aperto de mão.

Pudera! Se ambos falavam a mesma língua!

ARTUR PORTELA

O 24.º Ano d'Mariazinha

Ao atingir o seu 24.º ano de idade, saúda todos os seus dignos clientes, agradecendo-lhes, reconhecida, o carinho que têm dispensado á sua risonha existência.

A MARIAZINHA não se esquece de que, se hoje ocupa o lugar que ocupa, aos seus dedicados clientes o deve.

Todos reconhecem, também, que A MARIAZINHA tem dado provas insofismáveis de que as suas palavras se ajustam perfeitamente aos seus actos.

Sendo assim, é seu imperioso dever CONSOLIDAR e AUMENTAR o seu bom nome.

A MARIAZINHA vende: CAFÉS, CHAS, CEVADAS, FARINHAS, CHOCOLATE EM PO', LEITE CREME e PUDINS.

Lisboa

Rua Barros Queiroz, 28

Sucursal

Av. Rio de Janeiro, 25 - B

— Frente á Igreja —

Alvalade

¡não deixe passar um dia mais..!

proteja o seu cabelo, e evite a queda, usando...

Diplona

EXTRACTO ANTISEBORREICO

A VITÓRIA DA CIÊNCIA ALEMÃ SOBRE A CALVÍCIE

- Regenera as zonas calvas
- Evita a queda do cabelo
- Elimina as manifestações seborreicas (caspa e ardor)

CASINO ESTORIL

HOJE no «WONDER-BAR»

SERVIÇO DE RESTAURANTE

Jantares e Ceias

Conjuntos: HELDER REIS e OLIVER

(17 anos)

Teatros e Cinemas

Atrás do reposteiro

—A companhia brasileira de revistas deve sair hoje de Luanda, no paquete «Quanza», com destino a Lisboa, onde apresentará o seu reportório constituido por cinco revistas.

—Na próxima sexta-feira, o Teatro Experimental do Porto estreia, no Teatro Sá da Bandeira, a peça «A bilha quebrada», de Heinrick von Kleist.

—O actor João Villaret volta no sábado ao Porto, para representar novamente no Teatro S. João a peça «Esta noite choveu prata», por ter esgotado a lotação na récita efectuada anteontem.

—Na quinta-feira Herminia Silva participa do programa da T V Portuguesa.

—Para a decorrente semana, anunciam-se duas estreias: no Trindade, o T. N. P. apresenta um novo original de Costa Ferreira «Um dia de vida»; no ABC, uma nova revista «Vamos á Lua».

—Após a conclusão dos espectáculos que há-de realizar no Teatro Sá da Bandeira, do Porto, com a sua companhia, o actor Procópio Ferreira seguirá para o Rio de Janeiro.

—Encontra-se a actuar em Bissau o artista brasileiro Odyr Odilon.

—A peça de Luigi Pirandelo, «O pote de barro», é amanhã apresentada no programa teatral da T V Portuguesa.

—Antes de regressar ao Brasil o conjunto «Os Jograis de S. Paulo», realizará em Lisboa um recital de despedida.

—A actriz Bibi Ferreira recebeu convite de uma empresa paulistana para, em Março, participar do elenco da sua companhia, na hipótese de por essa altura, voltar ao Brasil.

—É provável que a temporada

(Continua na 13.ª página)

TEATRO NACIONAL D. MARIA II
Todas as noites ás 21,30
(17 anos)
ULTIMAS REPRESENTAÇÕES
As Bruxas de Salem
No sábado, ultima tarde popular
No domingo, ultima tarde infantil
O vendedor de rebuçados
A floresta encantada
Brevemente, reaparição da grande actriz PALMIRA BASTOS
O Teatro está aquecido

EXITO! PARAISO DE GUITARRAS
T. DO SALITRE, 1—T. 368096
BARTOLO VALENÇA
apresenta todos os dias
RAPSÓDIA PORTUGUESA
RAPAZES DO RITMO
O MELHOR CARTAZ DE MUSIC-HALL!!!
ROSARIO e sua Orquestra com o animador José Nobre
HOJE Fados — Atracções Música — Alegria
17 ANOS

TAVERNA SEVILHANA
BOITE DE NUIT
GONZALO LA PUERTA
LARGO DO REGEDOR, 7 TEL. 34982

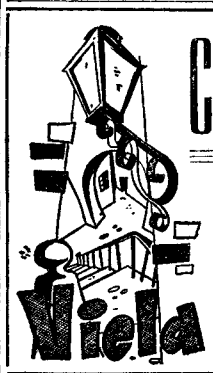
APÓS TER ATRAVESSADO O ATLÂNTICO, EM 80 HORAS
E DADO A VOLTA AO MUNDO EM 80 SEGUNDOS
CHEGA HOJE O GRANDE «ÁS» DA AVIAÇÃO...
Cantinflas

12 ANOS
Aviador
QUE LHES PROPORCIONARÁ
80 MINUTOS DE GARGALHADA
UMA PRODUÇÃO POSA FILMS, S. A.
APRESENTADA PELA COLUMBIA
HOJE, NO CAPITOLIO

NUM MUNDO MODERNO E PROGRESSISTA...
...ESTE FILME É DEDICADO CRIANÇAS CONTINUAREM ...À MANEIRA ANTIGA!
UMA COMÉDIA ORIGINAL E ENGRAÇADISSIMA!
Judy Richard
HOLLIDAY · CONTE
A senhora está à espera...
-Full of life-
com SALVATORE BACCALONI
e ESTHER MINCIOTTI • JOE DeSANTIS • SILVIO MINCIOTTI
Argum. de JOHN FANTE • Bas. na novela de JOHN FANTE
Produt. FRED KOHLMAR • Realiz. RICHARD QUINE • UM FILME COLUMBIA
AO FACTO DE AS A NASCER...

17 anos
amanhã no MONUMENTAL

A's 21,45 h. TEATRO MONUMENTAL 12 (anos)
LAURA ALVES VASCO SANTANA
RIR os BEBÉS RIR
COSTINHA



Casa de Ce'este Rodrigues
Fados-Canções Guitarradas
R. Taipas
(Adultos)
O restaurante realmente típico

VARIEDADES
ÀS 21,45 —— 12 ANOS
ULTIMOS DIAS
COM O MAIOR ACTOR DO BRASIL
PROCOPIO FERREIRA
NA DELICIOSA COMÉDIA DE MOLIÈRE
O AVARENTO
O MAIOR ÊXITO DE GARGALHADA DO ANO!
AINDA ESTA SEMANA
A PEÇA QUE TODA A LISBOA ESPERA COM ANSIEDADE
DEUS LHE PAGUE
de JORACY CAMARGO

MARIA VITORIA
EM 2 SESSÕES ÀS 20,30 e 22,45 —— ADULTOS
SALVADOR
APRESENTA
A SUA MELHOR REVISTA
CURVAS PERIGOSAS
A REVISTA DAS 1.000 GARGALHADAS!
com
BIBI FERREIRA
e ANTÓNIO SILVA
À FRENTE DE UM GRANDE ELENCO

O PÚBLICO É QUEM IMPÕE OS FILMES! QUEM LHES DÁ A CONSAGRAÇÃO SUPREMA! QUEM FAZ OS GRANDES ÊXITOS! E O PÚBLICO, ENTUSIASMADO, ESGOTOU INTEIRAMENTE AS LOTAÇÕES DA PRIMEIRA SEMANA do célebre filme enigmático e misterioso

2.ª SEMANA DUM EXITO INVULGAR NO **TIVOLI**

2.ª SEMANA DUM TRIUNFO COMPLETO NO **TIVOLI**

A HISTÓRIA DUM HOMEM QUE UMA VIDA DE PERIGOS E RISCOS CONSTANTES NÃO DEIXAVA AMAR!

SOM ESTEREOFONICO DE ALTA FIDELIDADE

CINEMASCOPE COR DE LUXE

20th CENTURY FOX

ESCÂNDALOS EM TÓQUIO

Produtor: **Walter Reisch,**
Realizador: **Richard L. Breen**
Argumento de: **Richard L. Breen e Walter Reisch**
MAIORES DE 12 ANOS

O ORIENTE SECRETO DOS ESPIÕES EM LUTA!
ADMIRÁVEIS CRIAÇÕES DE
ROBERT WAGNER, JOAN COLLINS e EDMONDE O'BRIEN

MARIO GONZAGA RIBEIRO

Agente oficial dos Automóveis e Camions das marcas RENAULT e DE SOTO no distrito de Lisboa

Convida todos os seus clientes para a inauguração do seu Stand de Vendas na Avenida Marconi, 4-A, que terá lugar hoje às 17 horas.

Em exposição, durante os dias 20, 21 e 22, até às 24 horas, os modelos DAUPHINE E RENAULT 4 CV.

AV. MARCONI, 4-A **TELF. 776483**

Açorda de Sável?

TEATRO AVENIDA
A's 20,45 e 22,45 (17 anos)
A FARSA

de EDUARDO DAMAS
com
Madalena Sotto — Artur Semedo — Maria Domingas — Fernanda de Sousa — Clarice Belo — Aida Baptista e Mariana Villar

O Teatro tem aquecimento

Açorda de Sável?

Cartaz dos Cinemas

ESTREIA DE HOJE: — CANTINFLAS AVIADOR — CAPITÓLIO

SÃO LUIZ TEL. 27172
Às 15.15-18.15 21.30 (17 anos)
O maravilhoso filme em cinemascope e Metrocolor
CHÁ E SIMPATIA
com **Deborah Kerr e John Kerr**

EDEN TEL. 20768
Às 15.30 — 18.30 e 21.30
Conseguiu viver o seu sonho de deslumbramento... mas por que preço!...
A MULHER DE QUEM SE FALA
com **Virna Lisi, Antonio Cifariello e Franco Fabrisi**
— Para maiores de 17 anos —

CONDES TEL. 22523
Às 15.15 — 18.15 21.30 (17 anos)
O melhor! O impagável! O unico! **Eddie Constantine** em
ELAS PREFEREM O MAMBO...
com **Pascal Roberts — Lise Bourdin** Veronica Zuber

ALVALADE Telefone 763080
Às 15.15 (p. red.) 21.45 (17 anos)
Um dos maiores êxitos da Broadway
CHÁ E SIMPATIA
com **Deborah Kerr e John Kerr**

LIZ TEL. 48560 (17 anos)
Às 21.15 (17 anos)
DUELO DE FOGO
Technicolor
com **Burt Lancaster**

ROYAL Telefone 845037
Às 21 — (12 anos)
O DONGO
Cinemascope
com **Rhonda Fleming**
No programa: **O emissário de el-rei**

CINEMA IDEAL Telefone 24194
Às 21 — (17 anos)
PARAISO ROUBADO
LOIRA TENEBROSA

TIVOLI TEL. 50595
2.ª SEMANA
Às 3 da tarde (preços red.) e 9.30 da noite (12 anos)
Um filme intrigante de amor e espionagem! — em Cinemascope
ESCÂNDALOS EM TÓQUIO
com **Robert Wagner, Joan Collins e Edmond O'Brien**

POLITEAMA TEL. 26305
15,15, 18,15, 21,30
Sensacional êxito
do vibrante filme em cinemascope
POLICIA INTERNACIONAL
com **Victor Mature, Anita Ekberg e Trevor Howard**
A história de uma luta de morte em Lisboa, Londres, Roma, Atenas e Nova York
(Maiores de 17 anos)

ROMA Telefone 727778
Às 15.30 (p. red.) e 21.45 (17 anos)
2.ª SEMANA
A obra imortal de William Shakespeare, teve pela primeira vez, a justa interpretação no cinema.
OTHELLO
Technicolor
com **S. Bondartchouk, A. Popov, I. Skobtseva**

ODEON Telefone 26263
A's 15.15 - 18.15 e 21.30 (12 anos)
6.ª SEMANA
A máxima e a mais recente revelação do cinema
JOSELITO CORAÇÃO DE OURO
Em rigoroso exclusivo
«Matinées» 6 anos

RESTELO Telefone 610375
A's 21.15 (17 anos)
A CONDESSA DESCALÇA
com **Ava Gardner**

TERRASSE TEL. 20917
Às 21 (12 anos)
O BOM CARCEREIRO
REGRESSO DO INFERNO

IMPERIO Tel.: 55134-5
Às 15.15 e 21.30 17 anos)
Ultima noite
A categorizada realização de Ken Hughes, segundo o famoso romance de Bill Ballinger
PERVERSA SEDUÇÃO
com **Ariene Dahl, Phil Carey e Herbert Marshall**

SÃO JORGE BALCÃO 54154 PLATEIA 54153
A's 15,15 - 18,15 21,30 (12 anos)
2.ª semana
O maior de todos os êxitos
O BALLET DE MOSCOVO
com **Ulanova**
Eastman Colour

MONUMENTAL TEL. 55131
Às 15.15 e 21.30 (17 anos)
Ultima noite do grande êxito
FOGO DOS TRÓPICOS
Cinemascope
com **Rita Haywarth — Ribert Mitchum — Jack Lemmon**

CAPITÓLIO TEL. 27493
Às 21.30 (12 anos)
ESTREIA
o filme que proporciona 80 minutos de gargalhada
CANTINFLAS AVIADOR
com **Cantinflas** em o «ás» da aviação

AVIS Telefone 47163
Às 15.30 (p. red.) e 21.45 (17 anos)
6.ª SEMANA
O grande colosso de gargalhada, que detem 3 prémios
A AVÓ ISABEL
com **Sylva Koscina, Renato Rascel, Tina Pica e Peppino Fillippo**

CASINO ESTORIL Às 21.30 (17 anos)
O grande amor da minha vida
com Cary Grant

Já leu o «SEMPRE FIXE»? Então leia!

OLIMPIA CLUB

«O Sempre em Festa» — Telefone 367581 17 anos
Oscar Silva Tavares APRESENTA
UM GRANDE PROGRAMA DE ATRACÇÕES INTERNACIONAIS e
MÚSICA PARA DANÇAR
com JOSÉ MAGALHÃES e sua ORQUESTRA
Na próxima 5.ª feira: 1.º GRANDE
BAILE DE MASCARAS
No «CANTINHO DOS CONDES»: CEIAS
com FADOS e GUITARRADAS

José Gamboa

No ABC Telefone 366783
Empresa José Miguel
BREVEMENTE
Sensacional estreia da nova revista
VAMOS A' LUA!
com um grande elenco e a colaboração do ilustre actor **José Gamboa**
As marcações só se respeitam até hoje ás 20 horas (17 anos)
VER ANUNCIO DE AMANHÃ

CASACOS DE VIZON
Coelho Peleiro
RUA DA CONCEIÇÃO, 85 — TELEFONE 21773

CAVALHEIRO
V. Ex.ª encontra:
Doçaria caseira, café inconfundível.
Uma pega 6$50 — Um ribatejo 10$00 — Um «Super» 15$00
até ás 3,30 da manhã no BAR RIBATEJO
PRAÇA DO AREEIRO, 11-D

O ministro da Educação Nacional

tratou largamente dos problemas relativos ao ensino e à técnica

assim como à importância da pesquisa na vida moderna

Um aspecto da assistência á sessão

(Continuação da 1.ª página)

mos serão os primeiros—o Laboratório Nacional de Engenharia Civil.

Após enumerar as comunicações que os estabelecimentos oficiais e as empresas industriais apresentaram á reunião, o sr. eng. Frederico Ulrich, disse que «se apresenta cruciante, para nós, o problema do recrutamento de pessoal técnico especializado nos diversos sectores de actividade da Junta de Energia Nuclear, e esse problema causa-me a mim, o mais directo responsável pelo organismo, muitas e sérias preocupações».

E acrescentou que «as nossas escolas técnicas mantêm, quase todas, programas de ensino de certo modo antiquados, nos quais se não compreendem as cadeiras de base indispensáveis á ulterior especialização em Física e Química nuclear» e que «isto resultará, em parte pelo menos, da latitude dos cursos superiores portugueses, isto é, do elevado numero de sectores que cada um deles abrange, tornando práticamente impossível, por falta de tempos de aula, a inclusão, nos respectivos programas, das tais cadeiras indispensáveis a um sério conhecimento de cada um desses sectores de per si».

O orador abordou largamente o tema, dizendo que «esta causa da nossa deficiência técnica no campo da energia nuclear, será sensivelmente atenuada com a entrada em funcionamento do Laboratório de Física e Engenharia Nucleares» e afirmou, depois, que «a segunda causa que contribui para a falta de técnicos interessados numa boa especialização em engenharia nuclear reside na actual limitação dos vencimentos que a Junta pode pagar ao seu pessoal—como organismo oficial que é e, portanto, sujeito ás regras legais entre nós vigentes neste capítulo».

O eng. Frederico Ulrich, falando ainda do novo Laboratório de Física e Engenharia Nucleares disse que «o objectivo em vista é interessar as grandes empresas industriais nos desenvolvimentos da tecnologia nuclear no sentido de, quando entrarmos na fase das realizações práticas, a podermos encontrar devidamente habilitada a participar nos respectivos planos em tudo aquilo que possa ser executado em Portugal».

Discurso do eng. Herculano de Carvalho

Falou depois o sr. prof. Herculano de Carvalho, presidente da Comissão de Estudos da Energia Nuclear do Instituto de Alta Cultura, que começou por lembrar que esta fora criada em 1952, sob a presidência do actual ministro da Educação Nacional.

Apontou, a seguir, os objectivos da comissão, dentre os quais se destacava o da formação do pessoal técnico e científico destinado a um futuro organismo oficial de energia nuclear e ainda aos corpos docentes das nossas Universidades, onde certas matérias dessa especialidade teriam de começar a ensinar-se.

Descreveu as missões efectuadas nesse sentido e a acção dos centros de estudo criados em Lisboa, Porto e Coimbra, para maior eficiência dos trabalhos, e referiu-se a outras atribuições da comissão.

Aludiu, seguidamente, á colaboração entre a Comissão e a Junta de Energia Nuclear, enumerando as outras que, sob a orientação da primeira, estão a funcionar, informando que, ao todo, há actualmente cerca de 90 bolseiros universitários, 50 % dos quais são do tempo inteiro. Por outro lado, o pessoal técnico auxiliar, o de secretaria e o pessoal menor anda por cerca de 50 indivíduos.

O sr. prof. Herculano de Carvalho descreveu ainda a forma como tem decorrido o treino dos bolseiros e o seu destino, explicando que, uma vez os laboratórios da Junta a funcionar, deverá contar-se com um certo período de tempo antes que esses laboratórios estejam em condições de formar o seu próprio pessoal, prevendo-se assim que, durante esse período, os Centros de Estudo da Energia Nuclear tenham ainda como preocupação dominante a de colaborar com a Junta para esse objectivo. Depois os Centros terão especificamente um papel de formação pós-universitária competindo-lhes ainda as funções de investigação.

Referiu-se á actividade dos Centros no capítulo da investigação científica e técnica, acentuando como esta reunião de técnicos mereceu também todo o apoio da comissão.

Ao terminar, o prof. Herculano de Carvalho formulou duas aspirações, dizendo:

—A isso me animam, em primeiro lugar o ambiente desta reunião, que tão lucidamente se delineou sob o signo da intimidade e da livre discussão, por outro, as boas tradições portuguesas que davam ao povo — e nesta sessão a minha voz humilde só pode representar a voz do povo, o direito de formular directamente aos governantes as suas reclamações e anseios. Não tenho, em boa verdade, reclamações a fazer. Mas, ao sr. ministro da Educação Nacional, que foi o clarividente impulsionador dos estudos da Energia Nuclear em Portugal, eu desejo transmitir o pedido de, tão breve quanto lhe seja possível, completar a actualização do ensino das ciências — bases que informam a ciência nuclear nas nossas Universidades. Porque esta necessidade n.º 1 tem já sido enunciada por V. Ex.ª e é afinal o corolário da notável acção que tem desenvolvido no seu Ministério, eu tenho de rogar a S. Ex.ª me perdõe ser assim impaciente. Mas o povo é sempre impaciente.

«A segunda aspiração é dirigida ao sr. Presidente da Junta de Energia Nuclear, cujas altas qualidades de realizador, e de dirigente se continuam afirmando através da sua acção na Junta. Também aqui o sr. eng. José Frederico Ulrich conhece o que vou dizer-lhe mas não levará mal a insistência.

«Entre os cientistas e técnicos dos futuros laboratórios da Junta — aos quais certamente serão dadas condições humanas de vida, deve reinar desde o princípio um espírito perfeito de colaboração, alheio a discussões pessoais. Êles devem constituir, ali dentro, uma verdadeira família com elevados fins comuns a levar a cabo. E assim eu queria pedir ao sr. presidente da Junta que, com a sua autoridade, continuasse atento para que esse espírito — que é afinal o desta reunião em tão boa hora organizada, se projecte e se mantenha entre os seus funcionários.

«Com satisfação, verifico que a minha aspiração cabe bem no ambiente desta magnifica sala do Laboratório Nacional de Engenharia Civil, criação de S. Ex.ª, e que é exemplo, tão excelente, desse espírito de família que sem implicar quebra de disciplina é condição indispensável de uma eficaz e fecunda colaboração no campo da ciência e da técnica».

Por fim, usou da palavra o ministro da Educação Nacional.

Fala o ministro da Educação

O prof. Leite Pinto, que começou por dirigir palavras de saudação e apreço ao eng.º Frederico Ulrich e de regozijo por se encontrar enttre os técnicos da Junta, cujo trabalho enalteceu, apontou a seguir o valor dos resultados obtidos que tornaram possivel aquela reunião dos atomistas portugueses, imprevisivel em 1950, quando o Instituto de Alta Cultura iniciou os seus trabalhos para a criação de um organismo capaz de formar os nossos investigadores da física nuclear. O ministro relembra, a seguir, algumas datas e factos, dizendo que «a física nuclear nasceu já neste século com conhecimentos teóricos que permitiam idealizar realizações para além das possibilidades técnicas. Estas, porém, só começaram a concretizar-se nos principios de 1939, quando se descobriu a fissilidade nuclear do uranio. Meia duzia de anos depois — apenas — o Mundo é posto perante a assombrosa realidade da bomba atómica».

Quando rompeu a guerra, cientistas dos dois campos adversos «anteviam a possibilidade de aplicação da energia libertada em engenhos de destruição e nesse sentido se prosseguiram as investigações. Aconteceu, porém, que os diversos investigadores se convenceram, ingénuamente, de que só eles tinham em mente tal fito e passaram a pesquisar em segredo, sem publicar os resultados dos seus trabalhos. Hoje já são publicas as linhas gerais dessas investigações compartimentadas por nações e os resultados das colaborações efémeras de alguns países do Ocidente. Verifica-se que os caminhos trilhados não foram muito diferentes, tanto na busca dos moderadores, como na separação do uranio 235». Traçando a linha, já hoje conhecida, dos trabalhos empreendidos pelos diversos investigadores, o eng.º Leite Pinto conclui ter-se verificado que «não vale a pena tentar guardar segredos cientificos. Qualquer povo, que possua laboratórios apetrechados e pessoal técnico convenientemente formado, pode efectuar investigações de base. Mais se verificou que estas investigações de base só poderão conduzir a realizações práticas na medida em que o país dispuser de industria».

Apesar disso a «psicose do segredo atómico» foi mantida e foi ela que, deu origem a episódios como os de Fuchs, Henry Gold, Rosenberg e Pontecorvo. «O segredo atómico fechava as portas a todos os laboratórios», diz o ministro, que acrescenta:

— O ambiente internacional a tal respeito era tão pesado que ainda em 1952, quando a bomba H pareceu fazer renascer o monopólio americano, se julgou temerosa a viagem de um português a certas universidades do Leste europeu, onde se preparavam atomistas!

E comenta:

— Esta pequena anedota, passada há menos de meia duzia de anos, mostra a enorme evolução que se deu nos espíritos dos homens responsáveis depois da fecunda conferência de Genebra, onde já nos foi possível aparecer com um modesto contributo.

Desemprego e novos empregos Técnica e energia

E o ministro prossegue:

— Um dos males mais espectaculosos do período entre as duas guerras mundiais foi o desemprego. Este mal ainda não desapareceu apesar do afã de reconstrução em vastas regiões devastadas. Não desapareceu nem desaparece, embora minorado, porque a evolução da técnica, abandonando processos de trabalho e criando outros, gera continuadamente o desemprego daqueles que não sabem adaptar-se ás novas técnicas ou a outras já existentes. Esta adaptação é, por vezes dificil, principalmente porque a evolução da técnica anda de par com o progresso cientifico e este obriga a sucessivas revisões na preparação dos homens, que hão-de dirigir e manipular as novas máquinas. Assim o maior mal de hoje não é o da existência possivel de homens inadaptáveis, mas o da falta de homens capazes de assegurar a marcha do progresso. Não há duvida alguma de que a maior preocupação do chamado mundo livre — e também da outra face do Mundo — é a formação de técnicos especializados nos vários sectores criados pelo advento da energia atómica, da electrónica, da cibernética, da automação. Na medida em que o Ocidente perder a supremacia técnica, perderá a supremacia económica e a supremacia política. As nacionalidades caracterizam-se por uma cultura e todas as culturas são influenciadas pelas técnicas. Forma-se assim, um circuito fechado: sem prejuizo da cultura de base, a escola tem de evoluir no sentido de formar, em numero e qualidade, os técnicos necessários ao aumento do nível de vida. A maior riqueza de uma nação é constituida pelos seus homens, quando sãos e cultos.

O prof. Leite Pinto cita palavras de Eden na abertura do Livro Branco do Plano da Energia Nuclear: «No futuro, a vantagem não será dos países mais populosos mas daqueles que dispuserem de um melhor sistema de ensino». E acrescenta:

— Os que são responsáveis, de qualquer modo, pela preparação dos técnicos verificaram há muitos anos e em todo o Mundo que não é possivel nem justo fazer um recrutamento perfeito dentro do numero restrito de crianças que actualmente frequentam os ensinos secundários. A base do recrutamento tem de ser ampliada, por forma a aproveitar todos aqueles que têm qualidades. Há que providenciar no sentido dessa base poder constituir simultaneamente um meio de orientação escolar. Pelo que nos respeita a nós, Portugueses, esta preocupação de formação de bons técnicos é não só fundamental como premente. A nossa terra tem vastas parcelas dispersas pelo Mundo, territórios que há-de valorizar e impregnar de lusitanismo. Necessitamos de homens sãos de corpo e de espírito especializados nas novas técnicas, mas necessitamos também de outros versados nas técnicas convencionais que tendem a desaparecer. Esta grande tarefa só a escola a pode relizar. Só a escola! E não devemos perder tempo!

Tecnica e energia

Acentuando que técnica e energia são os dois polos de qualquer plano de fomento e que o aumento do nivel de vida de um país exige fontes de energia, o ministro lembra que, até ao ultimo quartel do século passado a principal fonte de energia era a lenha, mas que, de repente, o carvão a substituiu tão rápidamente que, no começo do século, assegurou 90 % da potência consumida. Mas essa percentagem diminuiu, hoje, a favor dos combustiveis liquidos. Quanto á energia hídrica — tão importante para nós — ela preenche apenas 20 % do computo mundial. E o eng.º Leite Pinto continua a expor e a comentar:

— Há poucos anos ainda, ontem podemos dizê-lo, havia grandes preocupações quanto ás reservas mundiais dos combustiveis comerciais, sólidos, liquidos e gasosos, principalmente em face do inevitável e desejável desenvolvimento dos países insuficientemente industrializados. Eu próprio, professor do Instituto Superior Técnico, dedicava uma das minhas lições a esse magno problema. As preocupações aumentavam quando se levava em conta o custo crescente da extracção. Ora, tendo-se reconhecido que a massa e a energia não são coisas distintas, mas que a massa se apresenta como uma reserva de energia, desapareceram as apreensões da Humanidade no que respeita a um dos factores principais da industrialização. Mais: sabe-se já transformar algumas massas em energia e a técnica actual da cissão, só por si, transforma completamente as possibilidades futuras dos países desprovidos dos combustiveis, agora impróprìamente chamados convencionais. Quero dizer que, mesmo sem levar em conta o potencial gigantesco das fontes energéticas comandadas pela irradiação solar, a Humanidade deixou de ter apreensões quanto á falta de energia.

Logo, porém, adverte:

— Mas — cuidado! — foi uma humanidade armada de uma técnica complexa que se tornou optimista e não uma humanidade sem cultura técnica! As técnicas estão na base desse optimismo, ao ponto de assegurarem que já hoje, e com regeneradores ou sem eles, a cissão dos átomos pesados garante energia eléctrica por um milhão de anos. Todos os dias se descobrem novos filões de uranio e de tório; todos os dias se adquire a certeza do aumento contínuo e rápido do rendimento das futuras centrais atómicas e em cada dia se não esquece que a cissão é apenas uma das soluções positivas do problema energético mundial. Temos já em cena a fusão termonuclear do hidrogénio pesado, combustivel de preparação baratissima e que afasta as radiações perigosas e já não há duvida de que os técnicos russos conseguiram envólucros, porventura de paredes magnéticas, capazes de suportar as altissimas temperaturas necessárias ás caldeiras termonucleares. Temos o Sol, modelo gigantesco — e perpétuo á escala humana — de um funcionamento sob o ciclo de Bethe, e temos, por cima de tudo, a certeza de que, a equação de Einstein é válida até para a poeira dos caminhos!

A colaboração internacional

Abordando, a seguir, o problema da colaboração internacional, o orador salienta que a unica reunião internacional que nos ultimos anos superou o fim que tinha em vista foi a de Genebra, em Agosto de 1955, destinada a ventilar as realizações no vasto campo das aplicações pacíficas da energia nuclear, verificando-se aí que só com tal colaboração dos cientistas e dos técnicos é possivel caminhar rápido na senda das realizações. Revelaram-se aí muitas aquisições cientificas e técnicas, compararam-se resultados, muitos coincidentes. E acrescenta:

— Os países ricos em técnicos e em meios de investigação ofereceram aos outros o seu auxilio, e, pode dizer-se, pela primeira vez depois da ultima guerra se aliviou o clima da «guerra fria». E' evidente que o alívio não foi completo e que os Estados poderosos nada revelaram sobre a fusão dos elementos leves, fenómeno mais «produtivo» que a cissão dos elementos pesados. Parece, no entanto, que este silêncio se deve considerar como resultado do «segredo comercial» e não do «segredo atómico».

Propondo-se, a seguir, precisar o seu ponto de vista, o ministro continua:

— Todos sabemos que uma das caracteristicas do momento actual é o chamado «acordar das raças de cor», ao qual se deu também um outro nome, igualmente impróprio de «anti-colonialismo». Não é esta a oportunidade de fazer a análise política de tal movimento. Convém, no entanto, dizer breves palavras sobre o seu repercusso no problema demográfico.

Recordando que a população do Globo cresce a um ritmo superior a 36 milhões por ano, acentua que «a sua distribuição sobre a face da terra não apresenta qualquer correlação positiva com a distribuição dos rendimentos nacionais, nem com as produtividades, agrícolas ou industriais, das diversas regiões. Daí um aumento de pressão social das populações sub-desenvolvidas sobre as outras e um recrudescimento da oposição entre os conceitos malthusianos e os conceitos socialistas-marxistas».

— O facto de mais de metade da população mundial correr o risco de passar fome — afirma — e de mais de dois terços ter um nivel de vida baixissimo levou á convicção de que os recursos naturais têm de ser activados pela industrialização e pelo aumento da produtividade. Deste modo se criou um mal estar social á escala mundial.

Põe o problema da improficuidade da assistência publica indiscriminada (não resolve o problema social) para concluir que «o nivel

(Continua na 11.ª página)

Visão do Paris plástico no fim de 1957

Dos frescos de Tassili e da retrospectiva de Kandinsky à síntese válida e promissora da Galeria Charpentier

por URBANO TAVARES RODRIGUES

Uma «composição» de Wladimir Kandinsky

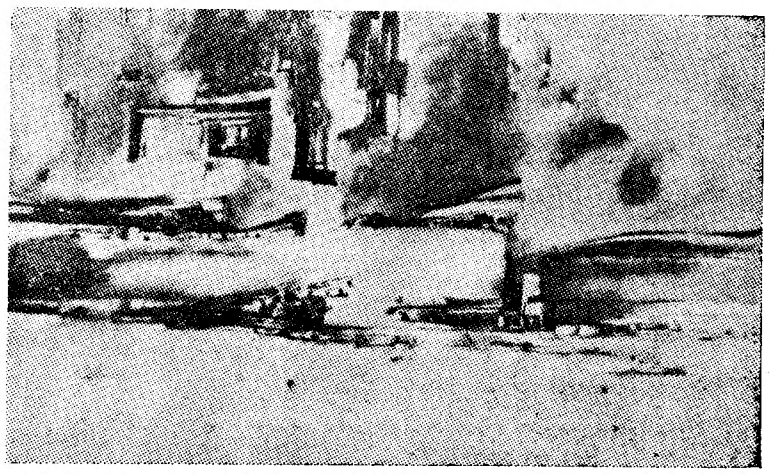
De entre as inumeráveis exposições temporárias que os museus e as galerias de arte de Paris apresentavam a amadores e curiosos, na semana culminante da transição do ano (e que publico estimulante, o da Lutécia dos nossos dias, sempre pronto a ver e ouvir quanto se relacione com o espírito e a beleza, com as ultimas aquisições da ciência e da técnica!), destaca-se, pela eminência do seu significado histórico, e não menos pelo seu sortilégio plástico, a dos frescos de Tassili no Pavillon de Marsan.

Milénios da misteriosa cultura saariana, desde o período neolítico, ali nos são revelados através dos rigorosissimos descalques dos assombrosos painéis murais recolhidos pela exposição arqueológica Henri Lothe, nos miríficos bosques de rochedos dessa até há bem pouco tempo secreta região, quase diabólica, que é o Tassili.

O levantamento sistemático dessas pinturas parietais, cuja descoberta se iniciou, perante o alvoroço do mundo culto, há trinta e dois anos, foi agora levado a cabo com extrema minucia e seriedade. O resultado, ilustra-o este conjunto prodigioso e comovente de obras, que não receiam o confronto com os frescos e os vasos micenianos, gregos e cretenses e através das quais nos ressurgem vivas as remotas civilizações de um Sahará que foi úbere centro de arte, densamente povoado de caçadores e pegureiros, brancos e negroides, de magos e bailarinas, de florestas e animais ágeis e graciosos, antes de se transformar no soberbo mar de areias e lamas mortas hoje luminosamente silencioso. Povos adolescentes há muito extintos enviam-nos, através de milhares e milhares de anos, a sua eterna mensagem de beleza.

Cenas de caça, que são verdadeiros bailados de archeiros e antílopes velozes, duelos, diabos, divindades cornudas e deuses fantasmais, que emergem, colossos quase informes, do nevoeiro dos rios ou dos lagos, máscaras fetichistas, dançarinas de toucado egípcio, flores excêntricas, deliciosos corpos femininos de cabeça arredondada e sinuoso contorno, girafas e avestruzes, em perpétuo movimento, bois estilizados e personagens zoomorfas, e uma estranha Artinea, deusa agrária, deusa da fecundidade, de tamanho natural, magnificente, porém nua, nítida e sigilosa como um contra-luz, as mãos hieráticas e serpentinas, a cabeça, só a cabeça, coroada com os pesados ornatos faraónicos—eis os motivos mais salientes, destas pinturas monocrómicas, de um formoso vermelho claro, ou onde o ocre amarelo alterna com o ocre violáceo e cujas figuras por vezes se sobrepõem umas ás outras, denunciando os períodos sucessivos de uma amorosa realização artística, em que se afrontam naturalismo e estilização, origens negroides e influências greco-egípcias, quem sabe se também da Península Ibérica rupestre...

Importantes dados históricos se podem deduzir destes frescos. Assim, o aparecimento em pleno Tassili de determinadas máscaras, cuja estilização é característica da Africa Ocidental, onde se usam em cerimónias de iniciação animista, prova a existência desses ritos em épocas pré-históricas e situa, ao mesmo tempo, o domínio dos negros na Africa mais ao Norte do que até hoje se supunha. Deparam-se-nos, também, a par das cenas venatórias e guerreiras, quadros provàvelmente alusivos á viagem dos mortos no Além. Influências gregas tardias surpreendem-se ainda nalguns frescos como o da Antinea, de delicadas feições europeias. As pinturas da época *bovidiana*, essencialmente pastoral, em que o simbolismo e o esquematismo são substituídos por uma observação naturalista extraordinária em qualquer outra era e por um delírio do movimento que logo nos empolga e nos emociona, apresentam um bestiário riquissimo, que por vezes recorda, ultrapassando-as, as mais finas tapeçarias do século XVIII.



«Porto no Norte» de Maria Helena Vieira da Silva

* * *

Enquanto na Orangerie um difícil género hoje quase extinto—o retrato—, documenta, numa clara e requintada visão retrospectiva, antes amena do que excitante, todo um ciclo da vida francesa, através de óleos, pasteis, mármores e terra-cotas, de Watteau a David, desde o maneirismo nacarado de Natier e o psicologismo de La Tour á severidade helenizante de David; enquanto a moda, a política, as ideias, do falecido e delicado século XVIII ressuscitam nessa temperada e jubilante galeria, o Museu de Arte Moderna alberga a estranheza intacta de Kandinsky, o seu dinamismo violento, a sua fantasia em perpétuo sobressalto. Kandisky morreu em 1944, a sua pintura pertence já á história, mas as suas intenções novadoras, ligadas ao triunfo do expressionismo e da arte abstracta, continuam vivas na pesquisa de quantos seus émulos, e seus herdeiros na fidelidade aos valores espirituais, anseiam uma tradução fervorosa, uma libertação por meios plásticos válidos, dos seus ímpetos interiores, sonhos e contradições.

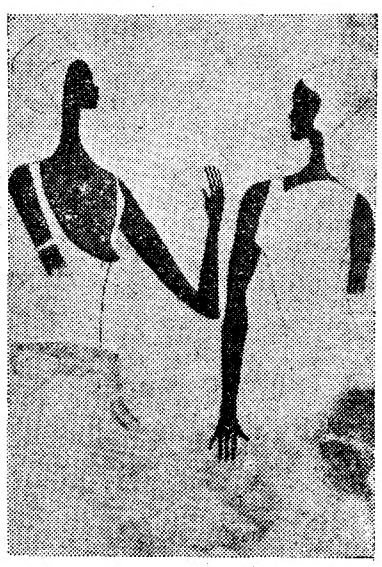
Graças ao Solomon R. Guggenheim Museum de Nova York, de onde estas obras — óleos e aguarelas — provêm, Paris tem assim ante os seus olhos o panorama do génio de Wassily Kandinsky, o caos, o furor das suas composições, a subtileza, a bizarria oriental da sua associação de formas, que ora semelham fragmentos de mosaicos (e não raro ele misturava sàbiamente sobre a tela tintas e areias), crepusculos oníricos, experiências de cores em busca de música, ludicas decorações, memória de tapeçarias arcaicas — hieroglífica mensagem plena de força e em que a «matéria» é sempre verdadeira.

* * *

A honesta coexistência da arte figurativa e da arte abstracta continua sendo, á margem de acaloradas polémicas e controvérsias — dialéctica aliás frutuosa e necessária ao processo artístico—o princípio dos organizadores esclarecidos dos grandes «salons», que se propõem, como na Galeria Charpentier *(École de Paris 1957)*, oferecer ao publico uma síntese de obras das mais diversas origens, em que se reconheça uma qualidade de factura, um «quid» de beleza, susceptíveis de provocar essa simples e maravilhosa comoção que enobrece o homem pela sua inefável pureza e que é o prazer estético.

Assim, abstractos, surrealistas, naturalistas socializantes ou simbólicos, paisagistas subjectivos ou clássicos, expressionistas, «naïfs», post-cubistas, pintores sem filiação, sem rótulo, expõem as suas telas neste fascinante pequeno mundo compósito, feira de felicidade visual em que avultam o primado da liberdade, da fantasia pessoal, e o bom gosto, o deleite da forma, a vibração da cor..

Seria tão injusto entronizar, exclusivamente, por excelentes que sejam os seus corifeus, a moda ocasional e que corresponde para mais a uma crise de crescimento, a uma fase de procura, em que raros são ainda os frutos sazonados, como repudiar dogmàticamente, grosseiramente aquilo que por não se haver ainda tornado familiar ao olhar rotineiro das grandes massas, lhes não aparece por ora na sua verdade —precária ou não—na sua total formosura plástica. E, por falarmos de frutos sazonados — sem que qualquer nacionalismo «chauvin» intervenha neste nosso juizo—citemos, antes de mais, o delicadissimo quadro onírico de Maria Helena Vieira da Silva «Porto no Norte», a que difícilmente poderíamos chamar figurativo ou não figurativo, dado que nele se encontram efectivas sugestões de barcos, e nele, todavia, não há precisamente barcos, senão vagas quilhas submarinas, destroços de sonhos ilógicos e esparsos; e todo ele é água, fluidez e luz, sendo ao mesmo tempo a ausência dessa água, a sua ansia apenas no tom esfumado de um íntimo desejo, com nuvens precipitadas e virtualidades de degraus, de janelas, vida suspensa, cristalizada (subtis transposições musicais?) na certeza de uma matéria comunicativa e firme, de uma transparência, de um modelado quase inexcedíveis. Que importa discursar sobre o arbitrário ou não arbitrário de uma composição artística, quando o seu resultado, seja nele qual for o coeficiente da mistificação—que ainda é um elemento da arte—nos atinge tão aceradamente?



As raparigas de Jabbaren, da época «bovidiana»

A dama de Aouanrhet que aparece nas pinturas rupestres de uma das grutas do Tassili

Roger Bissière tem nesta exposição um belo estudo em «Cinzento e roxo», com esboços de gestos alados. Soulages uma proposição austera e original de travejamentos negros, com dois breves rasgões de uma claridade solar dramática.

Estranha, numa gama particularmente fina de azuis cabalísticos—e no entanto enternecedores —a «Janela Marinha» de Singier, Jacques Villon repete-se.

Picasso—quanto me pesa enjeitar este seu quadro! — apresenta «Homem e mulher numa praia», de um infantilismo frustrado, mau grado o virtuosismo das tintas, sobretudo os brancos. Max Ernst impressiona, numa tela monocrómica (ocre rosado) de um desenho fantasmal poderosamente sóbrio e repulsivo, quase só em cortorno: «Criança Messalina» (conseguido transporte plástico do pesadelo, sem amplificação literária). Manessier («Élan») e André Marchand «Respiração marinha em Étretat». Trazem-nos ambos, na pintura abstracta, especialmente o ultimo, o encantamento secreto e profundo de uma forma em liberdade, de uma subconsciência pré-simbólica, que pela sua qualidade mágica se apartam do exercício de «atelier».

Carzou continua a representar o seu desolado, estreito universo mecanico de mastros e florestas metálicas; Coutaud os seus seres de pesadelo, não isentos de graça, todos em nervuras e nos quais a obsessão sexual se torna lírica, como na sua «Jeune Fille au Bateau», cujas mãos oferendam ao espaço uma nave feita de vísceras.

Pignon, na sua «Paisagem 1957», aponta, com agilidade forte e em coloridos espessos, intensos, numa linha realista de máscula simplificação poética.

Bernard Buffet, o tão discutido e denegrido Buffet, é para mim, digam o que disserem os seus detractores (é já quase de mau gosto elogiar Buffet) um pessoalissimo desenhador e pintor, que não pode deixar de ficar. Não que esta sua Veneza, dura, tristissima, cinzenta, exceda, por exemplo, a prodigiosa «Place des Vosges», toda em decomposições verticais, em que culminou a sua nova fase de uma paisagem espectral, mas nela nos fala surdamente a mesma original, contida, desolação, que era já a dos seus cadáveres, dos seus peixes, das suas figuras humanas nauseadas, vítreas, de uma angustia calada, tocadas por uma espécie de remorso cósmico inibitório, ao mesmo tempo «maravilhoso» e rígidamente grotesco.

Poliakoff, Estéve, Miro, Agostini com o seu ímpeto jovem, a sua permanente, irrequietude a sua paleta deslumbrante; Labisse, Lanskoy (numa brilhante sinfonia de amarelos), estão presentes. Desnoyer é o colorista fino e aliciante de sempre. Chagall o eterno pintor do sonho (numa simbolização lógica), da ternura, da saudade. Marcel Grommaire, descendente privilegiado do cubismo, excede talvez as suas melhores obras derradeiras, apesar de uma utilização, porventura intencional, de estilos contrastantes, num lindissimo quadro em tons fulvos e azuis, cheio de elegancia, de vigor e de esperança, que se chama—e é todo ele tão lídimamente francês — «Ceifeiros no país de Chartres». Vlaminck está representado com dois formosos vasos de flores: os mesmos brancos cenográficos do seu estilo «maneirista» indiscutívelmente válido e excitante, embora limitado, a iluminação violenta. Rouault com uma adorável natureza morta—matéria de vitral que nos traz a lembrança imediata (só ele assim sabe pintar) das cenas bíblicas da Fuga para o Egipto, dos seus palhaços enigmáticos, caricaturais, obsidiantes. Finalmente Goerg dá-nos um quadro de grandes dimensões—certamente dos melhores, senão o melhor, que até hoje fez, intitulado «Quando o Paraíso era terrestre» e em que duas deliciosas, sinuosas, figuras volantes (Adão e Eva) se buscam, através de uma natureza feérica, de que os meigos e esquivos animais paradisíacos, cisnes, aves, gazelas, uma pantera grácil, formam o fundo inextricável, tumultuoso e doce, daquela arisca, dionisíaca doçura que há tantos anos ele nos prometia.

Pequenas notícias

PELA POLICIA

RATOS DE AUTOMÓVEIS—Mais uma proeza de gatunos foi praticada há dias na Avenida de Roma, sendo vítima a sr.ª D. Maria de Lourdes Silva, moradora na Rua de Arroios, 21-4.º, a qual, tendo o seu automóvel ali estacionado, sofreu o furto de uma roda do carro, do que se queixou á P. S. P.

PELOS HOSPITAIS

VITIMA DE ACIDENTE — Deu entrada no necrotério, o cadáver de Manuel Gonçalves Vieira, de 22 anos, solteiro, morador na Rua Francisco Sanches, 53, 4.º, que foi vítima de um desastre, na sua residência.

ACIDENTE NO TRABALHO — José Ferreira, de 58 anos, cuja morada se ignora, foi atingido por uns fardos que descarregava de uma camioneta, na Rua das Cozinhas Económicas, pelo que deu entrada na sala de observações do Hospital de S. José, onde ficou com várias contusões pelo corpo.

CHOQUE DE UM CICLISTA COM UMA CAMIONETA — Na sala de observações do Hospital de S. José, deu entrada, com vários ferimentos pelo corpo, Manuel Alves Teixeira, de 18 anos, servente de pedreiro, que quando seguia de bicicleta, em Cabo Ruivo, chocou com uma camioneta.

QUEM PERDEU?

Relação dos achados ontem em Lisboa e entregues na P. S. P. (Governo Civil): uma nota do Banco de Portugal; uma caneta de tinta permanente; uma carteira de plástico, com a cédula pessoal de Vitor Manuel Soares Apolo; um manípulo para porta de automóvel; um alfinete de fantasia com duas pérolas; um envelope com 21 fotografias um cartão sindical em nome de Joaquim de Sousa; uma pequena pulseira de «plaqué» para criança; a cédula pessoal de Alexandrino dos Santos Marques; um porta-moedas de cabedal, com 2$10 e três cautelas de penhor; um tampão de depósito de gasolina para automóvel; um emblema da Associação Académica de Coimbra (para automóvel); um chapéu para homem; um porta-moedas com 1$90; um cartão escolar do Liceu de D. Filipa de Lencastre; um par de luvas para homem; um par de luvas para criança; quatro luvas desirmanadas; argolas com chaves e chaves desirmanadas; uma gabardine pra homem e um passe da Carris, com o n.º 4351, achados no Estádio da Luz, onde se encontram.

Atentado bombista

contra uma escola

CHATTANOOGA (Tennessee), 20 —Estoirou uma bomba numa escola frequentada por crianças de cor, causando prejuizos calculados em mais de 1.000 dólares.

A Polícia ignora as razões do atentado.—(F. P.).

De ontem para hoje

FOI TUDO TÃO RÁPIDO

MAIS um desastre na Ota. Três motociclistas da P. V. T. tinham acabado o serviço nas Caldas e regressavam a Lisboa. Em sentido contrário (parece que fora de mão) marchava uma furgoneta, que rompeu sobre o grupo moto. Um dos agentes morreu: o guarda António Fernando, de 34 anos; outro ficou gravemente ferido: o subchefe Luís Alves Ferreira, de 35 anos; o terceiro, por prodígios de acrobacia, conseguiu escapar-se aos riscos. Das cinco pessoas que seguiam na furgoneta quase todas sofreram ferimentos mas de importancia limitada. Foi tudo tão rápido que não houve sinais que valessem — dizem os que observaram o desastre. Mas foi tudo tão rápido — quando já não havia tempo de remediar o mal. Porque o mal estava feito — mas podia ter-se acautelado. E para isso há sempre muito tempo.

FÚRIA DA VELOCIDADE

OUTRO agente de sinalização vítima de acidente quando se encontrava em serviço: o guarda Diamantino Neves. Estava ele plantado no cruzamento das avenidas da Republica e de António Serpa, na tarefa de bem regular o transito, quando o transito lhe desrespeitou a integridade física. Não é sem perigos o ofício de sinaleiro... Vinha como uma fera embravecida o automóvel do sr. Inácio Ramos Cabral: chocar com a peanha, baldar o pacato agente fora do estrado, foi obra de um momento. O Diamantino Neves, que não esperava a involuntária agressão tão mal caiu que sofreu fractura de um braço. Nem os agentes do transito já se podem considerar seguros, em sua acatada função, nesta nossa época de furia de velocidades...

DA PIEDADE À MORTE

TRATA-SE de um problema angustioso. Que fazer quando um ente querido, por quem estaríamos dispostos a tudo sofrer, nos foge para um mundo diferente, onde as palavras são as mesmas e onde tudo, no entanto, imagens, delírios, sonhos, sentimentos, cóleras e dores. tudo nos é estrangeiro?! Sim, que fazer?... Por vezes, o universo da loucura absorve-os, guarda-os, não mais os devolve, a esses nossos amigos ou parentes ou companheiros de todos os dias; e outras vezes no-los restitui iguais ao que eram dantes, como se o intervalo cruel da perda da razão não fora mais que um sonho; muitas vezes, porém, eles voltam e um mistério os envolve. Estarão curados? Um clarão que lhes perpassa nos olhos inquieta-nos: eis-nos apreensivos. E pode a nossa injusta suspeita, infundada, magoá-los. Não raro, porém, sucedem até desgraças como esta de que Ponte de Lima agora foi teatro. O Jorge Gonzaga Antunes estivera internado. Voltara aparentemente são de espírito. Mas dentro em breve começava a dar sinais de alienação: então é que a família devia ter tomado providências. Mas tudo continuou na mesma. Resultado: o Antunes, depois de ter disparado vários tiros, que felizmente não acertaram em ninguém, durante uma discussão com o próprio pai, apunhalou, pelas costas, a sua mulher — Alzira das Dores Martins Ferreira, que sucumbiu aos ferimentos. Quatro órfãos a choram. Que fazer, em casos destes?! Se foram a piedade e o amor que consentiram á mão homicida (pobre mão tresloucada!) que se armasse...

UM SALTO NO VÁCUO

SÃO quatro os feridos. E o que mais espanta é que não estejam mortos. Não é todos os dias efectivamente que um automóvel se lança do alto de uma ponte, a quinze metros do solo — nada menos que quinze — sobre a linha férrea... E escaparam, embora muito feridos. O carro ficou todo emborcado, assente o tejadilho na via, as rodas para o ar. Os quatro sinistrados — uma jovem e três moços, um deles oficial aviador — deram entrada na Misericórdia de Vendas Novas. Assim o vigor, a esperança, a chama da juventude deles afastem a sombra da morte! Salvos, terão vivido uma bem assombrosa aventura...

OUTRA QUEDA ABISSAL

FOI ontem o dia das quedas desconcertantes. Que sensação experimentará um homem que cai da altura de 35 metros? Poderá dizê-lo, quando se restabelecer, o sr. Abel de Lemos, que conta também 35 anos («nel nuzzo camino della mia vita», já da «Divina Comédia» o poeta dizia, ao iniciar a sua grande aventura...). Foi de uma rocha alterosa que o sr. Lemos caiu ao Oceano, na freguesia de Porto da Cruz, no Funchal. Mas não pára aqui a relação das quedas. Foi de sete metros de altura — menos, é claro, mas ainda de estarrecer — que o operário Manuel de Sousa Almeida, caiu de um andaime, onde estava soldando vigas de ferro, em Estarreja. E para cumulo da pouca sorte, na ambulancia onde seguia para o Hospital do Porto, o sinistrado, já ferido na cabeça, foi vítima de um desastre de viação.

JORNAL PEQUENO

O sr. ministro da Presidência, prof. Marcelo Caetano, que na Covilhã presidiu á posse da Comissão Regional de Turismo da Serra da Estrela, regressou ontem a Lisboa. * Tiveram honras militares os funerais dos dois cabos vítimas do acidente de viação ocorrido perto de Vila Velha de Ródão. * Em Vila Nova de Paiva, a sr.ª Ana Lopes Cabral, de 75 anos, viuva, caiu a um pequeno lago e morreu afogada. * Em Talhadas, a menina Luísa de Jesus Ferreira, de 8 anos, ao aquecer-se á lareira, sofreu queimaduras, de que veio a falecer. * Em Almadena (Lagos), a sr.ª D. Maria Inácia, de 83 anos, morreu na casa que habitava, intoxicada pelo fumo, entre as chamas provocadas pela queda de uma candeia de petróleo. * Na freguesia de Boliqueime, deram-se quatro desastres quase á mesma hora, todos eles sem gravidade. * Em Oliveira de Azemeis, desmantelou-se um andaime, do qual caíram 2 operários. * Próximo de Santa Margarida do Sado (Ferreira do Alentejo), o jornaleiro José Morgado, de 38 anos, foi colhido por um automóvel, sofrendo fractura do cranio.

Meia centena de artistas

expõem na faculdade de Medicina

Na Faculdade de Medicina de Lisboa, inaugurou-se, esta manhã, a I Exposição de Artes Plásticas organizada pela Associação de Estudantes da Faculdade de Medicina de Lisboa. Nela figuraram obras de Almada Negreiros, F. Lemos, José Julio, Nuno Siqueira, António Pedro, António da Costa, Hogan, Joaquim Rodrigo, Sara Afonso, Nikias Skapinakis Santiago Areal, António Soares, Amadeu Sousa Cardoso, Mário Oliveira, António Araujo, Relógio, Bailote, Nuno Sampaio, Vieira da Silva, Odette da Costa, João Abel Manta, M. Ribeiro de Pavia, Querubim Lapa, Julio Pomar, F. Smith, Albertina Mântua, Pilo da Silva, Julio Resende, Rogério Ribeiro, B. Cid, R. Bertholo, Lourdes Castro, Sá Nogueira, Hein Semke, Cândido da Costa Pinto, António Lino, Calvet da Costa, Cruz Filipe, Rui Filipe, Gamboa, José Santa Bárbara, António Bronze, Maria Emília, Artur Bual, Gargaleiro, Alice Jorge e Jorge Barradas.

Trata-se de uma vasta colecção de trabalhos notáveis, quase todos da vanguarda, naturalmente já revelados ao grande publico mas que, de maneira directa, entram agora em contacto com os jovens futuros doutores em Medicina. Não se pode, por isso, negar o serviço inestimável prestado á arte moderna e á cultura geral dos estudantes, pela Associação de Estudantes da Faculdade de Medicina, ao promover esta exposição de correntes tão ecléticas e feitas para os grandes debates.

O certame, patente no átrio da Faculdade, ali ficará durante toda a semana, para ser visto das 9 ás 15 horas.

O principe Bernardo, entre o embaixador do seu país e o representante do Presidente da Republica

O príncipe Bernardo

deixou hoje de manhã Lisboa

a pilotar o seu próprio avião

com destino à Libéria

O principe Bernardo da Holanda que chegou ontem á noite a Lisboa, jantando com o embaixador do seu país e alojando-se no Hotel Tivoli, seguiu viagem esta manhã para Monrovia, em visita oficial ao presidente da Republica da Libéria.

Pouco depois das 7 e 30, o principe, sorridente e de cravo branco na lapela, chegou ao aeroporto acompanhado pelo embaixador na Holanda sr. Tom Elink Shuurman e demais pessoal da embaixada dos Países Baixos em Lisboa.

Aguardavam-no ali os srs. coronel Bento da França, em representação do Chefe do Estado, e dr. Carreiro de Freitas, representando o Governo, e ainda os srs. conde de Barcelona, capitão Neves Graça, director da P. I. D. E., e inspector Jorge Ferreira; major Sérgio da Silva, subdirector do aeroporto, etc.

O principe Bernardo falou alguns instantes, em espanhol, com o conde de Barcelona, a quem apresentou todos os membros da sua comitiva, e agradeceu a presença do sr. coronel Bento da França, pedindo-lhe que transmitisse ao sr. Presidente da Republica agradecimentos pela amabilidade dos seus cumprimentos de boas-vindas e de despedida.

Depois do embaixador Shuurman ter transmitido ao principe Bernardo o desejo manifestado pela Imprensa e pela TV para que dirigisse algumas palavras de despedida, o ilustre visitante, que ontem não fizera quaisquer declarações, por motivo de fadiga, acedeu amavelmente e exprimiu então o seu contentamento por voltar a visitar Portugal.

—Sinto-me muito feliz por ter vindo, de novo, ao vosso belo País. Espero voltar um dia com mais tempo, para poder estar convosco, meus amigos. Sempre que tenho vindo a Portugal o tempo não me tem permitido ver, como desejava, o vosso belo País, que tanto estimo. Desta vez, ao sobrevoar a vossa capital, pilotando o meu avião, apreciei muito Lisboa, toda iluminada. E' um belo espectáculo.

O principe Bernardo, que ontem ainda esteve num restaurante típico da capital, a ouvir fados, que muito aprecia, despediu-se depois dos jornalistas e convidou os srs. coronel Bento da França, dr. Carreiro de Freitas e o conde de Barcelona a visitar o seu avião pessoal. A seguir despediu-se de todas as individualidades presentes e tomou o lugar de comando na cabina de pilotagem do aparelho. Sorridente, pôs os motores a funcionar e assomou-se á pequena janela num adeus de despedida.

O aparelho, que descolou ás 8 e 3 e que fará escala em Casablanca e Villa Cisneros, vai escoltado por um avião militar holandês.

Um telegrama ao chefe do Estado

De bordo do avião, o principe Bernardo enviou ao sr. Presidente da Republica o seguinte telegrama:

«No momento de partir do vosso belo País, após uma curta permanência, envio cordiais saudações e os melhores votos de felicidade para V. Ex.ª e para o nobre povo português. a) Bernardo, principe dos Países Baixos».

O ministro da Defesa

visitou hoje em Vendas Novas a Escola Prática

VENDAS NOVAS, 20 *(Pelo telefone).*—A Escola Prática de Artilharia festejou hoje o «Dia da Escola», integrado nas festas do final de curso de oficiais e sargentos milicianos. Para o efeito, deslocou-se aqui o sr. ministro da Defesa Nacional, que era aguardado pelos srs. subsecretário do Exército e da Aeronáutica, pelo inspector da Arma, general Correia Leal; comandante da 4.ª Região Militar, brigadeiro Alves de Sousa; comandante de várias unidades e antigos comandantes da Escola.

O sr. coronel Santos Costa fez a viagem num helicóptero da Aeronáutica Militar que aterrou na Parada General Bernardo Faria, vistosamente engalanada. Uma bateria de três pelotões, sob o comando do capitão Anjos de Carvalho, prestou guarda de honra, enquanto uma bateria de 8,8 deu as salvas de ordenança.

O ministro, os dois subsecretários e demais autoridades ouviram missa na igreja paroquial, celebrada pelo sr. arcebispo de Évora. Seguiram-se exercícios demonstrativos de instrução militar, sob o comando do tenente Correia Leal, e de ginástica desportiva, e exercícios de tiro no polígono, após o que se efectuou um almoço na messe dos oficiais.

O maior sortido de ouro, pratas e joias a preços de concorrência
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
R. da Prata, 257

Manhã na praça

O peixe assustado

Parece que o peixe se assusto com a fiscalização aos preços d hortaliça. Nos mercados havia hoj bastante e os preços eram tão in crívelmente baixos, que as dona de casa duvidavam da sua qual dade. E a uma que achou caro ur goraz por 9$20 (vendia-se a 10$0 do melhor) a peixeira, exaltad lembrou-lhe que ainda a seman passada lhe custaria quase o d bro. Noutra banca, uma dona d casa quer saber se a garoupa p quena (não a havia grande, n Chão do Loureiro) se vendia, lim pa, a 9$80 o quilo.

—Sem cabeça só a senhora! O vejam, queria garoupa limpa, 9$80!...

A melhor pescada (que não era Sesimbra mas de Cabo Branc vendia-se a 15, 18, 20 e 22$00; linguado, a 26, 25 e 22$00; o so monete, a 29 e a 30$00; lulas e ch cos, a 12$00; ovas, a 22$00; peix -espada, a 7$00 e 6$50 (de um e outro pequeno); sardas, a 5$0 charroco, a 4$00; pargo (todo e sem cabeça), a 6$80 e 7$00; cach cho, a 5$00; bogas, carapau e b sugo, a 6$00; pescadinha de enr lar, a 10$00 e 8$60; marmota pret sem cabeça, a 9$00 e chicharro, 3$00.

As galinhas, a 40$00 (a 35, mais pequenas), os coelhos de t manho médio, a 22$00, os ovos, 10, 12 e 13$00, faziam boa vizinha ça ás bancas do peixe. Lá em cim na secção de legumes, os preç não seriam tão sedutores como segunda-feira passada mas, mesn assim, vendiam-se couves lomb das de tamanho médio, a 2$0 olhos de couve portuguesa a 8 e tostões. Podia-se comprar uma co ve grande por 1$80 ou 2$00; ceno ras a 2$00 e 2$50; ervilhas, a 7$ o quilo, nabos, a 1$20 (cada mol de três cabeças, duas pequeninas outra maior); molhos de brocol grandinhos, a 4$00 e outros ma pequenos, a 2$00; couves-flores, 1$50 para cima e, com muito raial reclamativo («grelo de Coi bra, olha o grelo de Coimbra!» molhos de grelos e nabiças, d maiores, a 3$00 e 2$50, dos mais p quenos, a 1$00 «dois quinze, vá a sete tostões cada!»...

Escusado será dizer que a fru mantém os mesmos preços exor tantes. Principalmente os citrin como se explica que havendo e tanta quantidade, se vendam lara jas a 14$00 e tangerinas a 7$50?

DONA DE CASA

34 artistas

«recusados» inauguram amanhã uma exposiçã

Mais um singular acontecimen vem animar os arraiais artistic já tão disseminados, e cada um co o seu balsão de combate. Amanh inaugura-se, pelas 14 horas, na S ciedade de Belas-Artes, certament na maior expectativa, um certan de «Obras do Grupo de Artist Portugueses recusados na Expo ção Calouste Gulbenkian» — co se lê no cartão de convite. Ent as centenas, se não milhares, de a tistas que não figuraram nessa g leria, trinta e quatro, entre os qua se contam nomes brilhantissimo das mais variadas escolas, acor ram á liça, mostrando ao publi o que o juri da Gulbenkian rep vou.

Os trabalhos excedem uma ce tena de pinturas, esculturas e ag relas.

HOTEL
ESTORIL —
APRESENTA NA M
DA CO
CARLOS VILLARET
EM DOIS PIANO
FERNANDO M
QUE ACTUAM TAMBEM
OS JANTARES E
ALMOÇOS
PANORAMA

A nova capital do Brasil

será uma «cidade revolucionária»

pela sua arrojada concepção

— diz-nos o dr. Dantom Jobim

Encontra-se em Paris um grande amigo de Portugal e também um grande jornalista brasileiro: o dr. Dantom Jobim, director do «Diário Carioca», a quem todos os jornalistas portugueses, que fizeram parte da comitiva do sr. general Craveiro Lopes, ficaram a dever facilidades e gentilezas sem conto. Prof. da Faculdade de Letras do Rio de Janeiro, ex-professor contratado da Universidade do Texas, medalha de ouro do Prémio Cabot de Jornalismo da Universidade de Columbia, escreve diàriamente, no «Diário Carioca», artigos sobre problemas políticos internacionais.

— Vim a Paris — disse-nos — tomar parte na reunião da Fundação da Associação Internacional de Estudos e Pesquisas Sobre a Informação e vou ouvir personalidades no Libano, Siria, Egipto, Jordania, Turquia, talvez no Iraque, e, evidentemente, na Terra Santa, num inquérito sobre o Oriente Médio. Visitarei a fronteira jordano-israelita onde se acham os campos de refugiados árabes, quase um milhão... Enfim, uma viagem magnifica, mas muito fatigante, também. Vou ao Libano a convite do seu Governo e aproveitarei essa oportunidade para, terminada a minha excursão no Libano, visitar os países já mencionados, com o fito de escrever uma série de artigos sobre a situação política no mundo islamico.

— Te-lo-emos em Lisboa?

— Sim, pretendo, igualmente, fazer uma visita a Portugal no meu regresso, cumprindo assim a promessa feita a mim mesmo de jamais ir á Europa sem passar por Portugal.

— Sabemos que recusou a missão de ir á Etiopia, como embaixador especial, encarregado de fazer a entrega, ao Négus, do Grande Colar do Cruzeiro do Sul, em nome do Presidente Kubitschek...

— E' verdade, mas compreende que, a aceitar tão honrosa missão, eu sacrificava o jornalista, de forma que...

E prosseguiu:

— Na ultima vez que estive na Europa, visitei Lisboa, como não podia deixar de ser, dei um Curso na Sorbonne, e, nessa ocasião, visitei também diversos países e, o curioso é que, o assunto clássico das perguntas era sempre Brasília e o grande interesse que ela desperta. E', realmente, uma obra monumental, agora que nós estamos a comemorar o 60.º aniversário de Belo Horizonte, a cidade artificial que também foi iniciada no fim do século passado e terminada no começo deste. Belo Horizonte é hoje uma cidade de mais de quinhentos mil habitantes e uma das que mais se desenvolveram no Mundo.

— Lembrou-se então de que Brasília...

— Sim, o ritmo do desenvolvimento de Belo Horizonte, prova a viabilidade de Brasília ficar construida em menos de quatro anos. No ultimo ano do seu governo o dr. Juscelino Kubitschek já o passará no Palácio da Alvorada, em Brasília, a futura residência dos chefes do Governo. Brasília é uma cidade em que vamos exibir soluções verdadeiramente revolucionárias, no tocante ao traçado urbano. Basta dizer-lhe que não haverá cruzamentos de ruas, sendo desnecessários, portanto, os sinais de tráfego. A circulação far-se-á em vários planos, evitando-se a intercepção das artérias centrais. Brasília, a cidade que nasce vertiginosamente no Planalto Central, completa a nossa marcha para o Oeste.

— E acerca da situação política brasileira?

— O Governo do dr. Kubitschek estabilizou-se inteiramente depois da crise que marcou a sua instalação. O Presidente conta com o apoio maciço do Congresso Nacional, ou seja, da Camara e do Senado. Demonstra-o a série de vitórias obtidas ultimamente no Parlamento, inclusive na votação do Orçamento. A Oposição, por sua vez, apesar do apêlo a recursos drásticos, tem-se portado democràticamente, abandonando qualsquer veleidades de conseguir mudanças políticas por meios extra-legais.

Interrogado então sobre o alto custo de vida, diz-nos:

— Quanto á situação económico-financeira não é, na verdade, brilhante mas, apresenta sinais de regresso á normalidade, com o progressivo controle da inflação. O ritmo de aumento do custo de vida caiu, bruscamente, de vinte por cento, aproximadamente, em 1955, para cinco e seis por cento em 1957. E' um índice bastante expressivo.

Sobre as viagens do ministro das Relações Exteriores, a vários países da América Latina, Dantom Jobim esclarece:

— Apesar do grande interesse que ainda mantemos pelos assuntos europeus, é natural que o Brasil se volte, agora, para uma política que podemos chamar de «integração na América do Sul». Olhando sempre para o Atlantico temos vivido de costas, por assim dizer, para a maioria dos nossos vizinhos que estão voltados para o Pacifico. Isso explicava-se pelo facto das nossas fronteiras serem grandes desertos. Hoje, vão-se povoando e ocupam regiões em franco desenvolvimento. Tornaram-se fronteiras vivas e é preciso que nos preocupemos em desenvolvê-las cada vez mais, não para prover a sua defesa, mas para criar laços de intercambio com as nações limitrofes. Certos problemas, como o da valorização da Amazônia, envolvem interesses de nações como a Colombia, o Peru e a Bolívia. Será razoável que o Brasil coopere com essas nações na exploração do chamado «inferno verde». Cito isto apenas como um exemplo de problemas que podemos e devemos resolver em comum.

E desenvolvendo o seu pensamento:

— Poderia exemplificar ainda a colaboração brasileira com o Paraguai e a Bolivia. No primeiro caso, construimos uma grande estrada em território paraguaio e brasileiro, que vai dar ao porto de Paranaguá, o qual pusemos á disposição dos nossos vizinhos para lhes oferecer um escoadouro no Atlantico. Por outro lado, já construimos um caminho de ferro que corta todo o oriente boliviano e que, ligado ao caminho de ferro de Noroeste, levará as mercadorias do país andino a Santos, onde a Bolivia tem um porto livre.

— Esta política — rematou — é imposta pelo extraordinário desenvolvimento do nosso país, que nos aconselha a criar mercados na periferia, numa nova atitude, própria da potência económica e política em que nos vamos, rápidamente, transformando.

FERNANDA REIS

DANTON JOBIM

Projécteis e satélites — (1)

No Anuário «Janes» que se publica na Grã- Bretanha e é universalmente considerado como a mais valiosa e bem informada colectanea sobre armamentos, escreveu o seu director, Bridgman, á guisa de sentença introdutória para o volume correspondente a 1958 o qual acaba de aparecer em Londres: «O ano que findou (1957) revelou, contra todas as expectativas e previsões, os primeiros sintomas tangiveis da revolução sem precedentes que o Mundo terá de encarar no domínio da aeronáutica, num futuro muito próximo». Qual é o elemento fundamental dessa revolução, segundo o director do «Janes»? «A evolução da técnica dos projécteis, diz ele, fez-se com tal rapidez e a tal ritmo que não tardará muito que eles substituam, por completo, os aviões tripulados cuja vida e predomínio ainda há pouco pareciam ter uma longa duração assegurada».

Apesar disso — que é para todos os peritos responsáveis uma realidade que não carece mais ampla demonstração do que aquela que os factos lhe deram recentemente — a estratégia do Ocidente, na esteira da dos Estados Unidos, continua a ser a da capacidade de represália representada pelo binomio bombardeiro Bomba H. Trata-se de uma concepção obsoleta e suicida cujas consequências práticas bem podem revelar-se desastrosas para os países que fizerem dela um artigo de fé. A tese americana segundo a qual a S. A. C. (Aviação Estratégica de Bombardeamento dos E. U.) está em condições de desempenhar a sua missão — como no passado — não resiste a um exame elementar. Mesmo partindo do princípio — que não corresponde á realidade — de que havia bombardeiros americanos em numero e de qualidade suficientes, a sua acção não bastaria para triunfar, num conflito em que o adversário empregasse projécteis balisticos, de grande ou médio alcance, e a sua acção deixou de ser a de um dissuasor (deterrefat) eficaz.

Joseph Alsop, num artigo a que pôs o titulo «A desvalorização do dissuasor» fez a demonstração desta verdade fundamental cujo conhecimento é indispensável para avaliar o fundamento da tese americana das represálias maciças e ter a noção exacta das condições em que as nações ocidentais vão atravessar o periodo intermédio que decorrerá até que os Estados Unidos disponham de projécteis para responder, eficazmente, aos da U. R. S. S.

«A capacidade de represália de um país, escreve aquele categorizado jornalista, só vale na medida em que chega para destruir as bases aéreas e as rampas de projécteis do inimigo, instantaneamente e de um só golpe. Estes são os objectivos que visa e precisa de aniquilar, se se quiser evitar a destruição das próprias cidades. Se o golpe inicial não for total e decisivo, as consequências serão trágicas. As nações ocidentais, neste momento, não dispõem dessa capacidade de represália. A Aviação Estratégica Americana não pode pôr fora de acção ou destruir, nessas condições, a totalidade dos campos de aviação e das rampas de lançamento existentes na União Soviética o que quer dizer que perdeu o seu valor ofensivo e não desempenha o papel de deter o agressor, com receio dos seus ataques».

«Para o desempenho da sua principal missão, prossegue Joseph Alson, a capacidade de represália americana (bombardeiros e bombas H) desvalorizou-se a tal ponto, com a revelação dos progressos da U. R. S. S. no domínio dos projécteis, que se torna indispensável, para dar a sensação da sua eficácia atenuada, manter permanentemente no ar, com as suas cargas, um certo numero daqueles aparelhos, sobre o território dos Estados Unidos e dos países onde estes têm bases».

O primeiro resultado desta constatação pode resumir-se assim: a ofensiva, sob todos os seus aspectos sem excluir o da guerra preventiva, deixou de ser possível para as nações ocidentais enquanto estas não se encontrarem em condições de responder aos projécteis soviéticos com os seus projécteis. Estea carência tem como consequência a perda da iniciativa no campo diplomático e a limitação de meios e recursos no campo politico. O Ocidente está reduzido á defensiva sistemática em ambos os campos, enquanto se prolongar a actual conjuntura estratégica e a balança de forças mundial não sofrer uma nova alteração em sentido contrário ao que os acontecimentos lhe imprimiram no segundo semestre de 1957.

A actual capacidade de represália para dissuadir o agressor e evitar que ele se lance numa aventura é insuficiente para desempenhar essa missão. O mesmo acontecerá se for apenas substituida por projécteis de alcance médio, sem haver para completar a sua tarefa os de grande alcance, os quais constituem, de momento e certamente durante algum tempo, o unico elemento sério da acção estratégica. Sem eles é ilusório falar em deter a agressão, sob a forma de uma guerra preventiva, se esta figurar nos planos do adversário, ou sob qualquer outra. Não admitir essa hipótese é, para os dirigentes ocidentais, um risco grave. Como dissiparão, á falta de um acordo com os soviétes, a crescente inquietação dos povos? A realização do acordo implica,porém, o reconhecimento de que a U. R. S. S. não quer destruir o Ocidente com os meios de que dispõe, o que, no plano da propaganda constitui um resultado equivalente ao da aceitação da «paz por qualquer preço» no plano diplomático, ideia contra a qual se insurgem os adversários da U. R. S. S.

O embaixador

António de Faria

tomou posse

e partiu para París

O sr. prof. Paulo Cunha, ministro dos Negócios Estrangeiros, conferiu esta manhã posse, no seu gabinete, ao sr. embaixador dr. António de Faria, recentemente nomeado representante permanente de Portugal no Conselho do Atlantico Norte.

O dr. António de Faria partiu, hoje mesmo, para Paris, acompanhado de sua esposa, no avião da Panair. No aeroporto apresentaram-lhe cumprimentos de despedida os srs. dr. Brás Mimoso, representante do ministro dos Negócios Estrangeiros, o almirante Américo Tomás, dr. Caldeira Queirós, secretário-geral do Ministério dos Negócios Estrangeiros, dr. Abílio Pinto de Lemos, director-geral dos Negócios Políticos do mesmo ministério, dr. Medeiros de Gouveia, do Instituto de Alta Cultura, dr. João do Amaral, dr. Braga de Oliveira, director dos Serviços do Pacto do Atlantico, daquele ministério, dr. Soares da Fonseca, eng. Calheiros Lopes, Marinho Alves, da Panair, e ministro Lafayette de Andrade, conselheiro da embaixada do Brasil.

David Mourão Ferreira

e Urbano Tavares Rodrigues

na Universidade de S. Paulo

SÃO PAULO, 20 — A Reitoria da Universidade de São Paulo concedeu, para este ano, bolsas de estudo ao dr. David de Jesus Mourão Ferreira, encarregado de cursos da Faculdade de Letras de Lisboa, para realizar estudos de História da Literatura Brasileira no Instituto de Estudos Portugueses em São Paulo, e ao escritor e jornalista dr. Urbano Tavares Rodrigues, encarregado de cursos na mesma Faculdade, para realizar estudos sobre Literatura Portuguesa e Brasileira naquele instituto paulista. — (A. N. I.).

Realização de
Raymond Rouleau

Filmes CASTELO LOPES
e o cinema
IMPÉRIO
apresentam
Quarta-feira
uma obra de vanguarda
do cinema francês
AS FEITICEIRAS
DE SALEM
com
notáveis interpretações de
YVES MONTAND
SIMONE SIGNORET
MYLÈNE DEMONGEOT
e outros
Diálogos e adaptação de
Jean - Paul Sartre
Segundo a peça de
Arthur Miller
17 anos
Este filme é apresentado em
RIGOROSO EXCLUSIVO

CIBRA
- TEL. 061811
AIS DISTINTA «BOITE»
STA DO SOL
e ANDRADE SANTOS
S E CLAVIOLINO com
AMEDE na bateria
TODOS OS DIAS DURANTE
OS CHAS DE DOMINGO
CHAS
DESLUMBRANTE

Açorda de Sável?

Curamentol!
TRATA CONSTIPAÇÕES
E EVITA GRIPES.
DISTRIBUIDORES
COUTO, LDA.
L. S. Domingos, 106 — PORTO

Ensopado de enguias
FAMOSO PRATO REGIONAL
do RIBATEJANO de Salvaterra

O PORTO pelo telefone

Mulher colhida por moto

PORTO, 20 — Recolheu ao Hospital de Santo António, com graves ferimentos, Albina Ferreira, de 58 anos, casada, da Colónia Dr. Manuel Laranjeira, 86, em Paranhos, que foi atropelada por uma moto conduzida pelo comerciante António Mendes, morador na Rua Afonso Henriques, 175, na Areosa.

Traineira avariada

Ao regressar da pesca, avariou-se o motor da traineira «Monte Sinai» que foi socorrida pela «Divino Espírito Santo», que a trouxe a reboque para Leixões, onde chegou esta manhã.

Falecimento

Com 58 anos, faleceu o sr. Jaime de Jesus Ferreira, morador na Rua de Pedro Hispano, 425. O funeral efectua-se amanhã, ás 15 e 30, no Prado do Repouso, e está a cargo da Companhia Funerária.

Cartaz do Porto

para amanhã, dia 21

COLISEU—A's 21 e 30—«Don Quixote»

RIVOLI—A's 15 e 30 e 21 e 30 — «A loira explosiva».

S. JOÃO—A's 21 e 30—«O rei louco».

SA DA BANDEIRA — A's 21 e 30 — «Donatella»

OLIMPIA—A's 15 e 30 e 21 e 30— «O ultimo couplet».

BATALHA—A's 21 e 30 — «Porta dos Lilases».

TRINDADE—A's 15,30 e 21,30 — «Os grandes deste Mundo».

NUN'ALVARES — A's 21 e 30 — «O mandrião de Clochemerle».

JULIO DINIS—A's 21 e 30—«Amores de Carmen».

AGUIA DE OURO—A's 15 e 30 e 21 e 30—«Rumo ao Sol».

VALE FORMOSO—A's 21 e 30 — «Davi Kroquette e os piratas».

Houve crime

no caso do trabalhador encontrado morto em Porto Salvo

Já foi em parte esclarecido o misterioso caso da Pedreira Nova de Porto Salvo, onde ontem á noite foi encontrado morto, com um extenso e profundo ferimento na cabeça, o trabalhador José Chumbinho, de 60 anos, natural de Almodovar. Ao lado do cadáver encontravam-se uma garrafa partida, os restos de uma carta queimada e um bocado do sobrescrito, no qual se liam o nome do destinatário — Elias Farinha — e o do remetente — Francisco Luís Farinha .Estes indícios puseram o chefe do posto da G. N. R. de Oeiras, sr. José Joaquim de Carvalho, na pista do criminoso.

Detido por suspeita, o Elias Farinha, solteiro, natural da Sertã, também jornaleiro, reconheceu que a carta em questão, lhe era dirigida por seu pai. Entregue á Polícia, acabou por confessar o homicídio, cujo móbil não está ainda bem apurado.

Publicações

«Padrão», revista gráfica dos Portugueses no Brasil

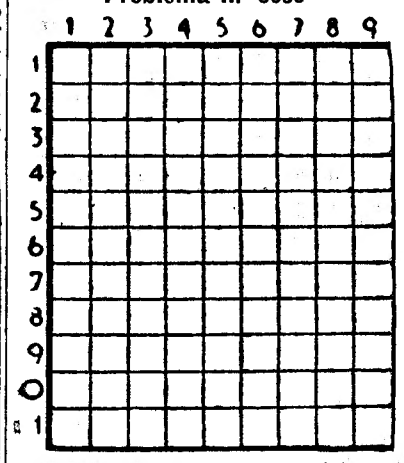
A grande revista portuguesa do Rio de Janeiro «Padrão» entrou numa fase de grande valorização e desenvolvimento, tendo assumido o cargo de adjunto da direcção o escritor e jornalista Carlos Cunha que com Rodesir Martins e Armindo Blanco constitui, agora, o seu quadro dirigente. «Padrão» aumentou o numero das suas páginas, e ampliou o quadro dos seus colaboradores, tornando-se literária e gráficamente uma excelente publicação.

O numero de Natal do «Padrão» saiu com 64 páginas incluindo colaboração luso-brasileira, inumeras gravuras e reportagens da maior actualidade. Na capa publicou um magnifico retrato do comendador José Rainho, o grande animador do Liceu Literário Português que, por decreto do Prefeito do Rio de Janeiro, dr. Negrão de Lima, acaba de ser nomeado cidadão carioca, homenagem a que fez juz a sua longa vida de esforço em prol do luso-brasilismo. No texto figuram trabalhos de M. Horácio Pereira, César dos Santos, Carlos Cunha, Miguel Torga, Nuno Simões, Nicolas Millot, Fernando Pessoa, Judith Lupi Freire, Ernesto de Sousa, Augusto Pinto, etc. Muitas e belas fotografias de paisagens e monumentos portugueses e brasileiros; grandes reportagens gráficas de actualidade e uma larga publicidade de instituições e firmas económicas brasileiras e portuguesas completam este excelente numero.

Palavras cruzadas

NOVA MODALIDADE

Problema n.º 3030



HORIZONTAIS: 1 — Espécie de jogo de azar. 2 — Casa antiga de familia nobre. 3 — Simbolo quimico do erbio. Igual. Desacompanhado. 4 — Movel sobre o qual se come. Destro. 5 — Justapor. Ratazana. 6 — O mais. Nota musical. 7 — Deus do Amor. Amarrar. 8 — Remedeia. Porto interior. 9 — Pronome pessoal. Também não. O mais. 10 — Negras. 11 — Pronome pessoal. Soberano.

VERTICAIS: 1 — Assunto. Pronome demonstrativo. 2 — Notai. 3 — Artigo definido. Um dos sete sábios da Grécia. O mais. 4 — Misturar vinhos. Sagrada. 5 — Pronome pessoal. Erbio (simbolo quimico). 6 — Que desce até ao calcanhar. Equipar. 7 — Figura. Usa. Pronome reflexo. 8 — Cercada. 9 — Cidade de Itália. Pouco densa.

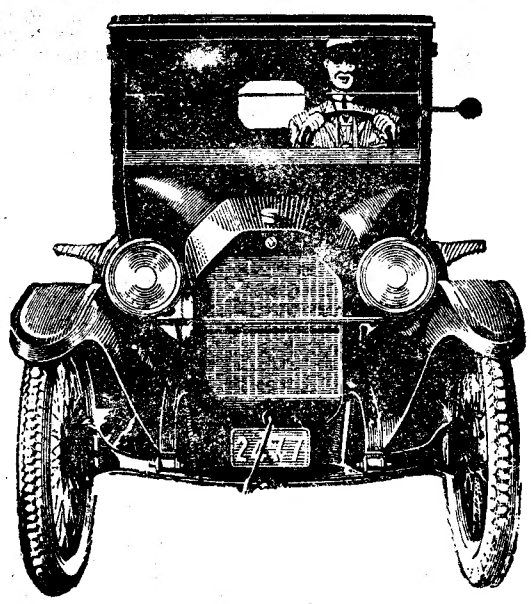
Solução do problema n.º 3029

HORIZONTAIS: 1 — Zama. Maia. 2 — Salgada. 3 — Si. Sá. 4 — E's. Cós. Ar. 5 — Mole. Alte. 6 — Ide. Ara. 7 — Aga. Ida. 8 — Amaro. 9 — Lê. Ega. De. 10 — Ave. Por. 11 — Sombreara.

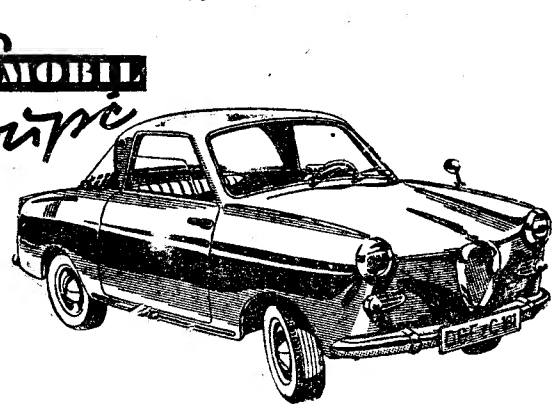
VERTICAIS: 1 — Remi. Elas. 2 A's. Soda. Evo. 3 — Mas. Lega. Em. 4 — Alice. Ame. 5 — Agar. 6 — Massa. Ira. 7 — Ada. Lado. Pá. 8 — Ia. Atra. Dor 9 — Area. Vera.

Que diferença entre o desconfortável carro do passado e o moderno automóvel...

1928



1958



GOGGOMOBIL:

—UMA REALDADE PRESENTE!...

O novo «Limousine» de concepção robusta, prático e muito económico

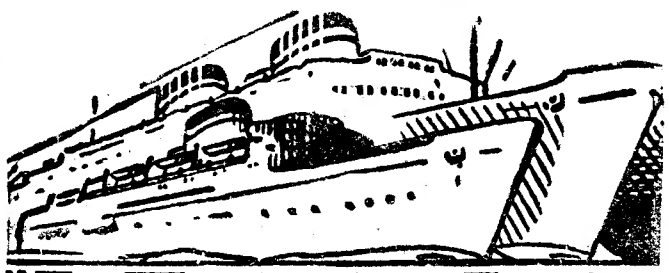
O novo «Coupé» de linhas de rara beleza, ampla visibilidade, luxuoso acabamento e desportivo

IMPÉRIO DA BEIRA, LDA.

Avenida Guerra Junqueiro, 24-C — LISBOA

Agente no Norte: A. M. ROCHA BRITO, LDA.

Rua Passos Manuel, 178 — PORTO



"ITALIA"

SOCIETA' DI NAVIGAZIONE

PROXIMAS SAIDAS

PARA:

Halifax e New York

«SATURNIA»

11 DE FEVEREIRO

«VULCANIA»

24 DE FEVEREIRO

PARA:

Gibraltar, Barcelona, Nápoles, Palermo, Patras, Veneza e Trieste

«VULCANIA»

1 DE FEVEREIRO

OS AGENTES GERAIS

E. PINTO BASTOS & C.ª LIMITADA

(Secção Maritima)

Praça Duque da Terceira, 20-26—Telef. 31581 (10 linhas)

COMPANHIA

CCN COLONIAL DE NAVEGAÇÃO

PARTIDAS	DESTINOS

LINHA DE ÁFRICA

«UIGE» 22 de Janeiro — Com escala prévia por Leixões, para: Luanda, Lobito e Moçamedes.

«LUANDA» 10 de Fevereiro — Com escala por Leixões, para: S. Tomé (se necessário), Luanda, Lobito, Moçamedes, Cape-Town (se necessário), Lourenço Marques, Beira, Moçambique, Nacala e Porto Amélia (se necessário). Carrega em Lisboa até 8 de Fevereiro.

«IMPÉRIO» 22 de Fevereiro — Com escala por Funchal, para: S. Tomé, Luanda, Lobito, Moçamedes, Cape-Town, Lourenço Marques, Beira e Moçambique. Carrega em Lisboa até 20 de Fevereiro.

Chama-se a atenção dos Srs. passageiros para o que está regulamentado sobre o transporte de bagagens

LINHA DA AMÉRICA DO SUL

«VERA CRUZ» 18 de Fevereiro ÀS 12 HORAS — Com escala por Funchal, para: S. Vicente, Recife, Salvador, Rio de Janeiro e Santos.

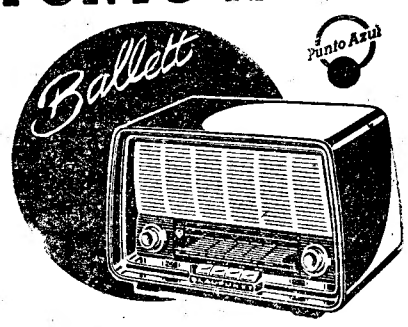
LINHA DA AMÉRICA CENTRAL

«SANTA MARIA» 25 Fevereiro ÀS 16 HORAS — Com escala por Vigo e Funchal, para: Tenerife, La Guaira, Curaçau, Havana e Port Everglades (Miami).

LISBOA: Rua de S. Julião, 63 — Telefs. 30131/8

PORTO: Rua Infante D Henrique, 9 — T. 23342

PONTO AZUL



COMUTAÇÃO DE ONDAS POR TECLAS

COM 3 BANDAS DE ONDAS: LONGAS, MÉDIAS E ULTRA-CURTAS (MODELAÇÃO DE FREQUÊNCIA)

UM RECEPTOR MODERNO UTILIZANDO A NOVA TÉCNICA DOS CIRCUITOS IMPRESSOS

ANTENA INCORPORADA

LIGAÇÃO PARA PICK-UP E ALTIFALANTE SUPLEMENTAR

Preço Es. 1.995$00

À VENDA NOS AGENTES OFICIAIS

Uma produção

BLAUPUNKT-WERKE-GMBH

da Alemanha Ocidental

À venda nos agentes oficiais

Reuniões científicas

Na sua sede, no Hospital Miguel Bombarda, a Sociedade Portuguesa de Neurologia e Psiquiatria promove hoje, ás 22 horas, a 1.ª sessão ordinária correspondente ao biénio 1958-1959, na qual fará uma alocução o sr. dr. Manuel de Almeida Amaral.

A reunião dos técnicos atomistas portugueses

(Continuação da 6.ª página)

de vida só pode ser aumentado pela generalização da instrução publica e da aprendizagem a uma população sã, de corpo e de espírito: os recursos naturais têm muito menos importancia no progresso das nações que o valor dos seus filhos. Qualquer plano de fomento tem, é certo, permissas respeitantes á energia e aos transportes, mas a sua base principal é de carácter demográfico qualitativo. Hoje, quando a energia atómica revolucionou grande parte dos concertos clássicos sobre a localização das actividades económicas, aumentou ainda mais a preponderancia do homem nos planos de fomento».

Problemas de financiamento

O ministro aborda, a seguir, outro factor indispensável á execução dos largos planos de fomento delineados por todas as nações insuficientemente industrializadas: o financiamento. Recorda a opinião dos economistas e cita uma opinião recente de sir John Balfour, expendida em recente artigo, ao pôr em relevo o facto de o aumento das exportações britanicas dever muito aos produtos «absolutamente novos». E acrescenta:

— Ao analisar o aumento da produção da energia, sir John lembra o seguinte: a extracção de carvão a preços aceitáveis pode manter-se para um volume anual de 220 a 240 milhões de toneladas. Está assegurada a refinação na Grã-Bretanha de 30 milhões de toneladas de petróleo bruto. Assim poder-se-ia encarar a possibilidade de retardar a execução do «Plano da Energia Nuclear para 1955», que só previa para 1965 a produção nucluear equivalente a 6 milhões de toneladas de carvão. Ao contrário, as previsões de tal Plano foram ultrapassadas e a Grã-Bretanha terá em 1975 centrais atómicas capazes de produzir o equivalente a 70 milhões de toneladas de carvão. A Grã-Bretanha poderá desde já pensar na venda de centrais nucleares. A posição da Grã-Bretanha não é unica. Os Estados Unidos e a Russia estarão muito brevemente em condições de, no mesmo campo, entrarem em competição, não só em concorrência comercial no que respeita ás centrais e aos maquinismos mas também em competição no que respeita á ajuda técnica especializada. A «exportação» de técnicos, de cientistas e de professores vai desempenhar um importantissimo papel no traçado da nova carta política do Mundo, no que respeita ás zonas de influência das civilizações mais poderosas.

E comenta:

— Oiço o velho do Restelo assombrado diante da barragem de Picote. Tanta energia, tanta! Tantas linhas e tantos cabos! Redes de alta, de média e de baixa tensão. Baixadas, instalações interiores, milhares de motores a instalar. Meu Deus! onde terão «eles» as escolas técnicas bastantes para formar os electricistas que hão-de estender tantos fios.

As novas orientações de ensino

Na parte final do seu importante discurso, o sr. prof. Leite Pinto retorna aos problemas do ensino: uma sólida e larga base de intenção que abria para todas as crianças que não têm idade para trabalhar, um ensino preparatório e de orientação escolar para os que devam prosseguir nos ensinos secundários, diversidade desses ensinos para as técnicas e para as humanidades liceais, pluraridade dos ensinos superiores das artes, das letras, das ciências, das técnicas especializadas e o todo coroado pela aprendizagem post-universitária ao nível da investigação desinteressada.

— A importancia da pesquisa de orientação académica — diz — é hoje índice do valor cultural de um sistema de ensino. Não tem sido possível ao nosso País a manutenção de um Serviço de Investigação Cientifica que abarque todas as matérias do curriculum universitário. A obra projectada pelo ministro Cordeiro Ramos em 1929 nunca conseguiu a eficiência que todos nós ambicionámos. Foi mais feliz o ministro José Frederico Ulrich quando idealizou este magnifico Laboratório Nacional e lhe conseguiu dar a vida que desejamos para um filho nosso. Associo-me, do coração, á homenagem prestada aos dois ilustres directores desta casa. A criação entre nós de um outro Laboratório dedicado á alta especialização técnica fica ligada ao nome de V. Ex.ª, Senhor Presidente. Como eu o felicito e me regozijo!

E conclui, dirigindo-se ao eng.º Frederico Ulrich:

— A oferta que V. Ex.ª me faz de colaboração do novo Organismo com os modestos laboratórios de ensino nas nossas escolas superiores, sensibiliza-me profundamente. Aceito-a e reafirmo-lhe a certeza de que a Junta poderá continuar a contar com aquela que os laboratórios da Comissão de Estudos porventura lhe possam ainda dar. O espírito de colaboração internacional a que atrás fiz referência, é, por mais fortes razões, imprescindivel no ambiente nacional. Na presente conjuntura importa, antes de mais, ter a consciência de que na realidade estamos no átrio de um novo Mundo e imediatamente ter o desejo de não abdicar do direito e do dever de nele entrar. E que essa consciência e esse desejo despertem em todos nós — na escola, nos centros de estudo e de investigação, na industria, nos responsáveis e no «homem da rua» — energias novas e eficaz poder de colaboração para que do aumento de nivel material cada um dos Portugueses venha a colher a cota merecida pelo sentido humano com que sempre soube encarar, realilizar e propulsionar tudo o que tem contribuido para melhorar a vida do Homem.

As sessões de trabalhos

Ás 14 e 30, principiaram, sob a presidência do sr. prof. dr. Francisco Gentil, as sessões de trabalhos, para apresentação de comunicações dos centros de aplicação dos isótopos radioactivos á Medicina, Agricultura e Engenharia.

Após a discussão das comunicações apresentadas, o programa prevê uma sessão de cinema.

Os trabalhos de amanhã principiam ás 9 horas, com a apresentação de comunicações de centros de energia nuclear do Instituto de Alta Cultura.

DE LUTO

D. Maria José Ferreira Guimarães Machado

CALDAS DAS TAIPAS, 18. — Faleceu na sua residência de Sanoe a sr.ª D. Maria José Ferreira Guimarães Machado, de 68 anos, esposa do industrial sr. Augusto Sousa Machado Guimarães, mãe dos srs. António e Augusto Sousa Machado e das sr.as D. Carlota Aurélia, D. Branca Margarida e D. Irene Guimarães de Sousa Machado. Era irmã do sr. José Ferreira Guimarães e sogra do sr. Paulo da Silva, industrial, e da sr.ª D. Margarete Kruger Machado e cunhada dos srs. João Serugudo de Sousa Machado e João Fagundes de Sousa Machado.

SUFRÁGIOS

D. José António Maria José de Melo

Na igreja de S. Mamede celebrou-se hoje missa do 7.º dia pelo falecimento do sr. D. José António Maria José de Melo, conde do Cartaxo, que era director da C. U. F.

Assistiram ao acto numerosas individualidades, entre as quais muitas senhoras.

Carlos Ramiro Fernandes

Sua família participa que se realiza missa do 8.º aniversário da sua morte, pelo seu eterno descanso, amanhã, dia 21, pelas 10 horas, na igreja de S. Sebastião da Pedreira, agradecendo, desde já, a todas as pessoas que se dignarem assistir a este piedoso acto.

Agência «SRAF»
Funerais—Trasladações—Jazigos
Facilidades de pagamento
R. das Pedras Negras, 5—Tel. 27288

AS TEMPERATURAS DE HOJE

Temperaturas extremas registadas hoje em Lisboa, até ás 15 horas: *máxima, 14°,4; mínima, 9°,2.* No mesmo dia do ano passado: *máxima, 11°,1; mínima, 5°,3.*

Temperaturas observadas hoje, ás 9 horas, na Costa do Sol: na atmosfera, 11°,5; na água do mar, 13°,2.

EM 3 LINHAS

Seguiu para Goa o segundo quadrimotor «Skymaster» destinado aos Transportes Aéreos da India Portuguesa.

///

Foi condecorado com medalhas de comportamento exemplar e de assiduidade diverso pessoal da Polícia de Segurança Publica.

///

Pediu a sua exoneração de director clínico da Estancia Termal da Companhia das Águas da Fonte Santa de Monfortinho o sr. dr. Artur Ernesto Moniz, que foi substituido pelo sr. dr. Rui de Carvalho Maia.

///

Foi exonerado do cargo de capitão do Porto de Setubal o capitão-de-fragata Laurindo Henrique dos Santos, que vai servir de presidente da comissão de uns terrenos que a Camara de Sesimbra diz lhe pertencerem.

///

Foi nomeado delegado do Governo junto do Amoníaco Português o sr. dr. António de Fezas Vital.

O sr. brigadeiro Alexandre de Morais foi nomeado delegado do Governo junto da Empresa Hidroeléctrica Alto Alentejo.

Taxa sobre os vinhos no corrente ano

Pelo Ministério da Economia, foi publicada uma portaria que fixa em $05, por litro, a taxa a que se refere o Decreto-Lei n.º 26.317, a aplicar sobre os vinhos e seus derivados, no ano de 1958. A referida taxa será cobrada na área da região do Dão apenas sobre os retalhistas.

Continuam isentas da aplicação da taxa os vinhos engarrafados de marca registada, produzidos na área da Junta Nacional do Vinho e os vinhos de outra proveniência, quando em recipientes de capacidade até, 5, 3, 1, devidamente rotulados e trazendo aposta a marca oficial de origem, se a ela tiverem direito.

Continuam igualmente isentos na cidade do Porto e no entreposto de Gaia, os vinhos verdes e os vinhos de pasto da região dos vinhos generosos do Douro.

Motorista português morto por desastre, na Argentina

BUENOS AIRES, 20. — O motorista português António Francisco, de 46 anos, morreu esmagado num acidente, por se ter virado o camião que conduzia, ao pretender desviar-se de outro veículo. Um argentino que seguia no camião no momento do desastre, nada sofreu. — (A. N. I.).

O apresamento do barco jugoslavo pela Armada francesa

PARIS, 20. — O presidente do Conselho, Félix Gaillard, convocou para esta tarde uma reunião especial do Gabinete, para discussão do incidente diplomático com a Jugoslávia, motivado pelo apresamento do navio jugoslavo «Slovenija», com armamento destinado, segundo se afirma, aos rebeldes argelinos. O navio foi autorizado a prosseguir viagem, depois de as autoridades navais francesas o terem obrigado a desembarcar em Oran 150 toneladas de armamento.

Sabe-se que nessa reunião, o Gabinete se ocupará, também, da actual crise franco-tunisiana.

O ponto de vista jugoslavo

PARIS, 20 — Um informador da Embaixada da Jugoslávia revelou que o embaixador recebeu instruções do seu Governo para pedir á França «explicações sobre o apresamento de 150 toneladas de armas», a bordo do cargueiro «Slovenija».

Depois de declarar que o embaixador será recebido, ainda hoje, em audiência, no Ministério dos Negócios Estrangeiros, o informador disse que as armas se destinavam ao Marrocos, «Estado independente e soberano», e que o «Slovenija» navegava a 40 milhas ao largo da costa da Argélia, quando foi interceptado por dois navios de guerra franceses. — (A. N. I.).

Protesto do Governo de Belgrado

BELGRADO, 20 — Foi entregue ao embaixador da França um protesto do Governo jugoslavo, contra o apresamento do cargueiro «Slovenija», pedindo ao mesmo tempo, a restituição imediata do carregamento apreendido. O Governo jugoslavo reserva-se o direito de reclamar perdas e danos. — (F. P.).

Derrubado e morto por uma bicicleta motorizada

Esta manhã, quando o gerente comercial sr. João Pinto Quintela, de 56 anos, residente na Rua de Entrecampos, 40, 1.º, se apeava de uma camioneta, próximo da sua residência, foi colhido por uma bicicleta motorizada em que seguia o carregador da Companhia do Gás, Joaquim Filipe Ferreira, de 22 anos, residente no Casal do Saloiozinho, em Loures. Conduzido o atropelado á sala de observações do Hospital de S. José, chegou ali já morto, pelo que o corpo foi transferido para o necrotério.

O ciclista ficou também com vários ferimentos na cabeça, provenientes de queda, pelo que recolheu á sala de observações do Hospital de S. José.

SAMARRAS PARA PASSEIO E CIDADE

COMPLETE A SUA COMODIDADE E A DE SEU FILHO COM AS MAIS BONITAS SAMARRAS DE LISBOA

ADÃO CAMISEIROS — 234, RUA AUGUSTA, 240

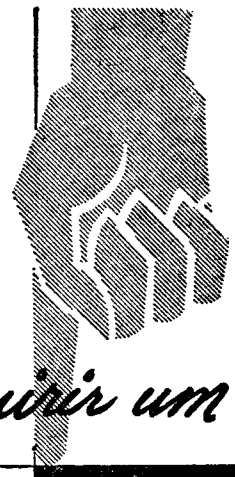
EXPURGOS

DE: CEREAIS, PALHAS, LEGUMES, FRUTOS SECOS, MASSAS ALIMENTICIAS, ETC, ETC.

PELA MAIS FAVORÁVEL TABELA DE PREÇOS,
em NOVAS E MODERNAS INSTALAÇÕES,
bem como SOB COBERTO DE PLÁSTICOS,
em QUALQUER PONTO DO PAIS.

SOCIEDADE PORTUGUESA DE DESINFECÇÃO "GRIMA"
AVENIDA INFANTE D. HENRIQUE - 2ª CIRCULAR - LOTE 2
(A CABO RUIVO) — TEL. 382123

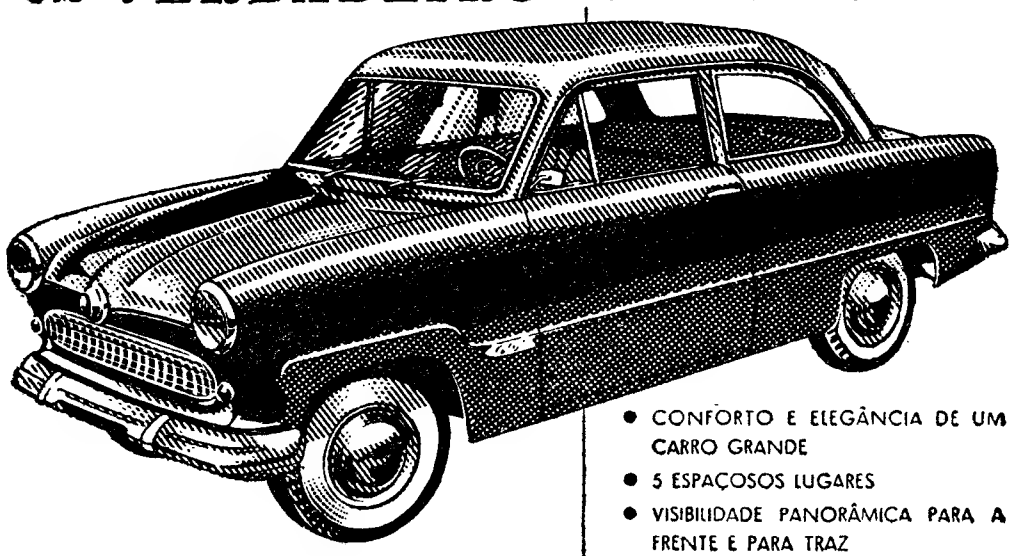
está comprador dum automóvel entre os 50 e 60 contos?



Então pode adquirir um

TAUNUS

*UM **VERDADEIRO** AUTOMÓVEL...*



- CONFORTO E ELEGÂNCIA DE UM CARRO GRANDE
- 5 ESPAÇOSOS LUGARES
- VISIBILIDADE PANORÂMICA PARA A FRENTE E PARA TRAZ
- AMPLO PORTA BAGAGENS
- 7,7 LTS. AOS 100 KMS.

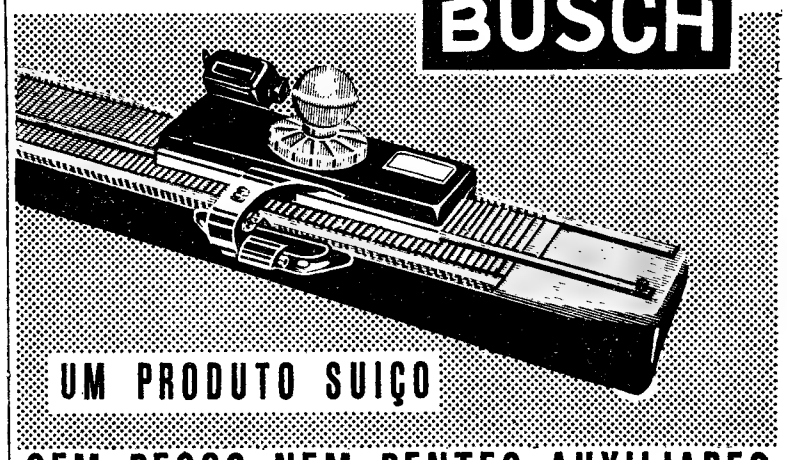
Apoiado pelo Serviço Ford

e é um TAUNUS!

EM LISBOA: LINCURI, LIMITADA — Avenida da República, 32 — Telefones 777091/2/3
STAND MODERNO (F. NUNES DE CARVALHO) — Av. Fontes Pereira de Melo, 15-A — Telefone 49669

MÁQUINAS DE TRICOTAR

BUSCH


UM PRODUTO SUIÇO

SEM PESOS NEM PENTES AUXILIARES

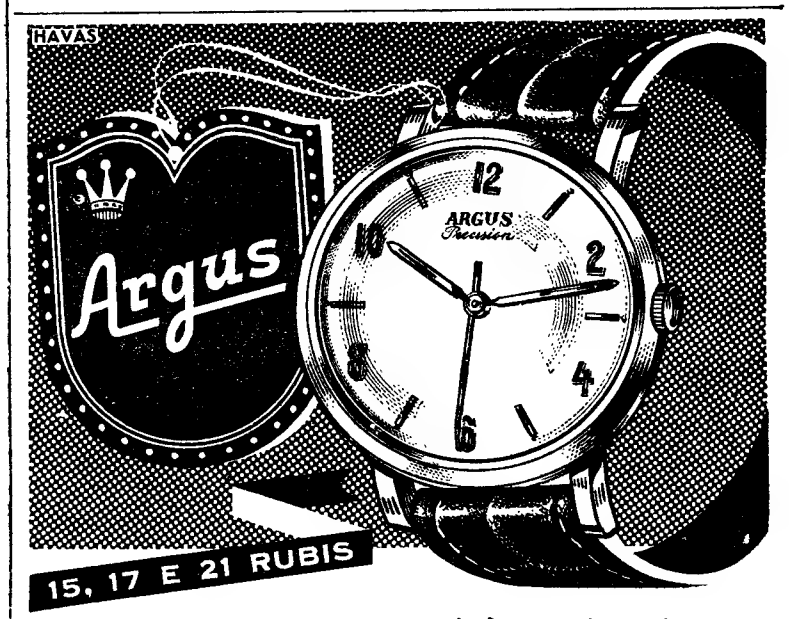
APRENDIZAGEM GRÁTIS

PREÇO:
A PRONTO PAGAMENTO: ESC. 2.500$00
A PRESTAÇÕES: ESC. 140$00 DE ENTRADA
E 24 MENSALIDADES DE: 115$00

REPRESENTANTES:

AGÊNCIA COMERCIAL SUECA, LDA.

AV. FONTES PEREIRA DE MELO, 45 • TELEF. 59181 (3 linhas) • LISBOA

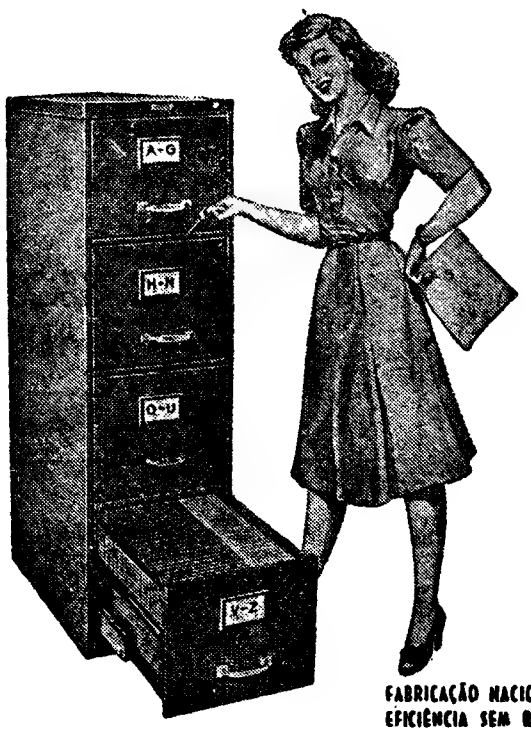


Anti-magnético, anti-choque, Automático com rotor Bidynator. Visualmatic com indicador de reserva de marcha. GARANTIDO CONTRA ACIDENTES. Calendário com fases da Lua.

O RELÓGIO QUE DÁ A HORA EXACTA AO MUNDO

Caminhando juntos!...

A ARQUIVISTA MODERNA E O SISTEMA DE ORGANIZAÇÃO DE CORRESPONDÊNCIA «SEEL VERTICAL VISÍVEL», TORNAM NUM PRAZER O QUE ERA TRABALHO FASTIDIOSO. UM SISTEMA DE ORGANIZAÇÃO DE CORRESPONDÊNCIA RACIONAL E SIMPLES, QUE LHE DÁ UM MAIOR RENDIMENTO DE TRABALHO E UM AUMENTO DE LUCROS.



FABRICAÇÃO NACIONAL
EFICIÊNCIA SEM RIVAL

SOCIEDADE EQUIPAMENTO DE ESCRITORIO, LDA.

LISBOA PRAÇA DOS RESTAURADORES 58 1.º • TÉLEFONE 24886
PORTO A. LENCASTRE & SOUSA—R. Santo Antonio, 216-220

CASINO ESTORIL

Programa do Cinema
da semana de 20 a 26 de Janeiro de 1958

2.ª feira, 20, «O grande amor da minha vida», com Cary Grant, ás 21 e 30, para 17; 3.ª feira, 21, «Carcere sem grades», com Eva Marie Saint, ás 21 e 30, para 17; 4.ª feira, 22, «Um rebelde na cidade», com John Payne, ás 21 e 30, para 17; 5.ª feira, 23, «Perversa sedução», com Arlene Dahl, ás 21 e 30, para 17; 6.ª feira, 24, «Helena e os homens», com Ingrid Bergman, ás 21 e 30, para 17; Sábado, 25, «A avó Isabel», com Pepino de Filippo, ás 21 e 30, para 17; Domingo, 26, «Esta noite ou nunca», com Jean Simmons, ás 21 e 30 para 17.

Junta de Freguesia das Escolas Gerais

EDITAL

Esta Junta faz publico, nos termos e para efeitos do disposto no Art.º 212.º do Código Administrativo, que a partir do dia 1 de Fevereiro e até ao dia 15 de Março, poderão os chefes de família requerer a sua própria inscrição ou a de terceiros no recenseamento eleitoral desta Freguesia, se uns e outros reunindo as condições de capacidade eleitoral não estiverem inscritos.

A inscrição tem lugar ás 2.as e 5.as feiras das 18 ás 19,30 horas, na Sede e Junta de Freguesia, Largo do Salvador n.os 25/26.

Lisboa, 20 de Janeiro de 1958.

a) *Dr. José Ferreira de Almeida*

O «Diário de Lisboa» vende-se no SEIXAL, na casa Firmino de Oliveira Pinto.

Holland-America Line

PACIFICO NORTE
(VIA CANAL DO PANAMA)
SERVIÇO REGULAR
SEMANAL DE CARGA

em regime de frete corrido com conhecimentos directos
De LISBOA

PARA

HAMILTON (Berm.)
CRISTOBAL C. Z.
LOS ANGELES
SAN FRANCISCO
VICTORIA B. C.
VANCOUVER B. C.
SEATTLE (Wash.)
PORTLAND (Ore.)

via ROTERDAM
Navios mistos, que dispõem de confortáveis acomodações para passageiros.

Agentes gerais
CARLOS GOMES & C.A, L.DA
4, Largo Vitorino Damásio — LISBOA
Telef.: 668087/88/89 — TELEX.: 145

ANTOLOGIA UNIVERSAL DO CONTO

A pintora

Condensação do conto de **Rosa Ignacz**

A artista vivia na Transilvania. Usava um casaco de cabedal, sapatos de homem e um lenço nas costas, como as camponesas. O marido dirigia, na Mezöség, uma fazenda. Era um barão. Homem encantador, as fontes já prateadas, as mãos brancas, voz doce e magro como um insecto. Otília era um pouco mais atarracada. Não pintava a cara, mas as telas. Cobria estas com as colinas de Mezöség. Punha-lhes a Lua cheia a espreitar, ou então a luz roxa das lagoas, rodeadas de canaiais.

O barão e Otília tinham-se conhecido em Munique, onde estudavam pintura. O barão recebia pensão dos pais, e frequentava a mesma cervejaria que os professores. Mas não tinha faisca. Otília vivia numa água-furtada com uma companheira, jantava salsichas sem pão e servia-se das tintas das amigas. Mas no concurso ganhou o primeiro prémio. Para tirar um resultado da sua estadia em Munique, o barão decidiu casar com Otília e levá-la para casa.

Instalada a artista no pequeno solar, o barão tornou-se um proprietário activo e trabalhador. Tiveram três filhos e viveram perfeitamente felizes. Otília não frequentava os condes nem os proprietários. Nem sequer convidava o padre a jantar, ao domingo.

Eugénio, o marido era um desses barões pobres da Transilvania (herdara um senhorio hipotecado) que merecia bem a expressão: «é um barão, mas não desempenha a função!» Os seus trabalhadores — dois ao todo—tratavam-no por «Senhor». Guiava os cavalos, vigiava as ceifas e, quando, no estábulo, uma vaca paria, era quem assistia ao parto. No Outono, ajudava os homens a debulhar o milho. Ocupava-se muito da casa, da despensa, das roupas de mesa e dos fatos dos filhos. Aquecia o leite para o biberão do mais pequeno, perguntava as lições ao outro e levá-lo á escola da aldeia. Nas noites de Inverno, tocava ao piano, a quatro mãos, com o filho mais velho. Depois de ter metido os filhos na cama, ajustava os óculos no nariz fino, enfiava a agulha com dedos ágeis, e passajava, sorrindo, as meias da mulher.

Esta, durante o dia, percorria, a pé ou a cavalo, as colinas. Metia os pincéis e as tintas num alforge e amarrava o cavalete ás costas. O alforge pendia da sela. E ela pintava. Já não sabia onde pôr mais telas. Algumas até estavam no celeiro.

—Lá vai a baronesa, é um bocado maluca — diziam os camponeses, com respeito, quando ela, o cavalo a trote, os ultrapassava. Na sua ingenuidade viam qualquer coisa de demoniaco no facto de uma mulher «fazer a imagem» de quanto via, que tudo ficasse tão semelhante e quase mais bonito, como o retrato de Dumitru apanhando batatas. No quadro a cara de Dumitru, brilhava como a dos santos na igreja.

Era só depois da meia-noite que Otília voltava das montanhas. O barão desde há muito que sabia que não tinha razão para se inquietar. Metia os filhos na cama e fazia-os rezar. Tocava um estudo de Chopin, remendava as calças do pequeno Eugénio e deitava-se por fim.

Otília regressava a casa, assobiando devagarinho. Deixava os sapatos no salão, atirava o lenço para cima da mesa, metia os pincéis num jarro e ia ter com o marido.

—Eugénio—dizia, acordando-o—, vê o que pintei hoje. Finalmente, consegui fixar o crepusculo. Repare no nevoeiro violeta da colina!

Ele acendia a luz, beijava Otília acocorada aos pés da cama e contemplava aquele nevoeiro, sorrindo.

Achava-o admirável. Otília beijava-o, reconhecida, dava-lhe as boas-noites e ia para o seu quarto. Procurava uma camisa de noite. Mas, ao abrir o armário da roupa, só encontrava um quilo de verniz, e, na casa de banho, ao lado do roupão, em vez da camisa de noite, um litro de terebintina.

Otília encolhia os ombros, assobiava. Percorria-a um frémito de frio. Regressava junto do barão que dormia.

—Eugénio — dizia-lhe, acordando-o —, dê-me a sua camisa!

Ele tirava-a sem dizer palavra, Otília vestia-a voltava para o seu quarto e adormecia num sono de criança.

Eugénio reflectia depois. Envolvendo-se na colcha, saía do quarto.

—E' minha a culpa, não há duvida — pensava — não arrumei o armário. Entretanto, eu e a mulher a dias passámos a roupa a ferro.

Enfiando o pijama, começava a arrumar. Ia buscar ao salão os sapatos, tirava o pincel do jarro, lavava-o com terebintina e tornava a pô-lo no seu lugar. De manhã acordava os pequenos e barrava de manteiga as fatias de pão da mulher.

Nunca entre os dois houvera sombra de mal-entendido. Os petizes cresciam, perfeitamente educados, ajudando o pai a apaparicar a mãe — filho unico, menino amimado da família. Ela vestia os fatos, muitas vezes as calças do marido, limpava os pincéis nos cabelos da boneca da filha, experimentava as cores da aguarela nas capas dos cadernos do filho. Cantarolando e assobiando alegremente durante todo o dia, ia pintando quadros mais belos uns do que outros.

—Silêncio. Otília está a pintar!— dizia o barão Eugénio.

E a filha, o dedo sobre a boca, intimava silêncio ao irmão:

—Silêncio! A mamã está a pintar!

Um dia, o barão empacotou os quadros de Otília e mandou-os para Munique. Meses depois, recebeu uma importante quantia em dinheiro.

—Vamos á cidade; vamos comprar-te lindos vestidos — propôs ele á mulher.

Otília leu atentamente a carta elogiosa do director da galeria de exposições de Munique, encolheu os ombros e riu com gosto.

—Isso é que eu não vou! Quanto ao dinheiro, dou-lho, querido. Sabe certamente melhor do que eu onde o empregar.

—Mas, francamente...—interveio, delicadamente, o barão.

—Esconda depressa esse dinheiro, querido, e não me fale mais na cidade, porque, senão, este idílio acaba.

—A certeza de que o publico a aprecia pode estragar a nossa felicidade? — perguntou o marido.

Enterrando as mãos nas algibeiras, Otília respondeu, olhando para longe:

—Veja, querido, um artista tem um unico refugio no Mundo. Esse refugio, para mim, é aquele que me dá. E' a maneira que me ama, que me anima, que me respeita, como se faz no Oriente com os doidos furiosos.

—Não a tenho por louca, Otília— fez o barão, corando.

Otília abraçou-o e murmurou ternamente:

—De nós dois, não sou eu quem sofre de loucura, não é verdade, meu amor? E essa sua loucura sou eu. Otília é, sòmente, um bocado maniaca...

—Sim, maniaca... — disse o barão com ternura.

Graças aos ganhos de Otília, puderam educar os filhos e fazer deles bons cidadãos. Nunca foram á cidade e, viveram felizes até idade avançada.

Um negócio de horas vagas— mas dá lucros imediatos em dinheiro

Pela primeira vez se Vos oferece a oportunidade de possuir e explorar uma cadeia de máquinas automáticas para vender rebuçados, caramelos, chocolates, etc. No Reino Unido e em muitas outras partes do Mundo, existem milhares destas máquinas, que representam para os possuidores uma substancial fonte de receita adicional.

Nenhuma experiência é necessária. Contra um investimento de 400 libras (32.000$00), a Companhia fornece 10 máquinas, arranja os locais e fornece seguro total e garantia mecanica completa, cobrindo cada uma das máquinas. O possuidor só tem que recolher o dinheiro entrado na máquina e reabastecê-la de artigos.

Os interessados em receber informações mais precisas devem escrever indicando apenas nome e morada a **Mr. S. H. Master, The Master Vending Machine Company Limited, 82/106 Cricklewood Lane, London, N. W. 2., Inglaterra.**

Relógio de Precisão LONGINES

Milhões em uso nas CINCO partes do Mundo

Teatros e Cinemas

(Continuação da 4.ª página)

de comédia no Teatro Maria Vitória, tenha inicio nos primeiros dias de Fevereiro.

As estreias de hoje

No Capitólio

Título — «Cantinflas aviador».
Produção — Mexicana.
Intérprete — Cantinflas.
Argumento — História de um «ás» da aviação.
Processo — Normal.
Distribuição — Columbia.
Classificação — 12 anos.

No Olimpia

Título — «A armada selvagem».
Produção — Americana.
Intérpretes — George Montgomery e Mona Freeman.
Argumento — Aventuras de corsários.
Processo — Eastmancolor.
Distribuição — Sonoro Filme.
Classificação — 12 anos.
(Em complemento o filme de Charlie Chaplin «Tempos modernos»).

Sessões clássicas

«Brincadeiras proibidas», amanhã, no Tivoli

Na sessão clássica de amanhã, ás 18 e 30, no Tivoli, é exibido o filme de René Clement «Brincadeiras proibidas», uma das obras-primas do grande realizador francês.

Cineclubismo

Os programas do ABC

O ABC Cine-Clube de Lisboa, realiza amanhã, ás 18 e 40, no cinema Monumental, a sua 146.ª sessão, em que se exibe o filme «Matou», de Joseph Losey.

Em S. Carlos

vai cantar-se «A Valquiria», de Wagner

A «Tetralogia» — poema e musica de Ricardo Wagner — constitui um dos mais altos expoentes do génio europeu, pelo que encerra de grandioso na conjugação admirável do espírito das velhas lendas da mitologia de raiz nórdica, coroando o impulso musical e dramático que fluiu continuamente desde a criação do «camerata florentina», quando os Italianos de quinhentos quiseram ressuscitar a tragédia grega e acabaram por produzir o chamado «dramma per musica».

Já por diversas vezes o Teatro Nacional de S. Carlos levou á cena, integralmente, a «Tetralogia». Não fará este ano, a fim de poder apresentar outros aspectos valiosos da arte musico-dramática austro-alemã. Mas escolheu, entre as quatro jornadas de «O anel dos Nibelungos», a segunda — «A Valquiria» —, uma das mais impressionantes páginas do cintilante e ainda hoje surpreendente génio wagneriano. É, pois, com «A Valquiria», dirigida por George Sebastian, que prossegue, na próxima sexta-feira, a temporada de ópera em 1958 do S. Carlos.

Peças novas

«Um dia de vida» quinta-feira, no Trindade

Estreia-se na quinta-feira, no Trindade, o primeiro original português do Teatro Nacional Popular. Costa Ferreira, autor de «Um dia de vida», corresponde perfeitamente ás intenções de Francisco Ribeiro e do seu T. N. P., pois, o fim em vista é apresentar originais portugueses de feitura moderna, que sirvam a arte dramática dos nossos dias e falem de conflitos humanos contados em linguagem que toda a gente entenda, embora cuidada. O teatro de Costa Ferreira sempre revelou essa fluência, essa natural simplicidade, esse desejo de relatar cenas da vida quotidiana, surpreendidas nos ambientes mais diversos, mas sempre autenticos. A valorizar a classe de «Um dia de vida» há a presença de Maria Lalande e Josefina Silva e, em outros papeis de relevo, Ribeirinho e dois jovens, Fernando Gusmão e Rui de Carvalho.

«Vamos à Lua !», amanhã com José Gamboa, no ABC

Com invulgar interesse do publico, estreia-se amanhã, a nova revista «Vamos á Lua!», dos consagrados escritores Fernando Santos, Aníbal Nazaré e Carlos Lopes, que o empresário José Miguel apresenta, com Leónia Mendes e Álvaro Pereira, Carlos Coelho, que, além de fazer o «compère» ensaiou a peça, Maria Adelina, José Viana, Simone Monteiro, que reaparece, Helena Vieira, Rui Luís, Zeca Fonseca e muitos outros.

A grande atracção do espectáculo será, porém, a presença do ilustre artista José Gamboa, em três numeros especialmente escritos para o seu admirável temperamento artístico.

Imagem do dia

A 2.ª SEMANA do filme Cinemascope que começa esta noite no TIVOLI, não espanta ninguém, dado o entusiasmo que «ESCANDALOS EM TÓQUIO» causou ao publico de Lisboa que sempre manifestou interesse por películas de espionagem. No actual exito do Tivoli, além do conflito enigmático do filme, passado no Oriente secreto e mistérioso, avulta a alta categoria da interpretação confiada a três artistas de primeira ordem: ROBERT WAGNER, a lindíssima JOAN COLLINS e EDMUND O'BRIEN.

Coliseu

O ESPECTÁCULO N.º 1 DE LISBOA

Hoje, em primeiro espectáculo da moda, as maiores atracções da Grande Companhia Internacional de Circo

A Grande Companhia Internacional de Circo, sem duvida a maior, mais deslumbrante e mais alegre espectáculo de Lisboa, continua a levar ao Coliseu um publico ávido de sensações. Hoje, em espectáculo da Moda, caãesinhos pekinois, o cavalo sábio, equilibristas musicais, saltadores em báscula, jongleurs, cama elástica, Tana a girafa fenómeno, lindíssimos cavalos amestrados de Kine, em alta escola espanhola, esculturais e arrojados «ecuyéres» e os célebres e engraçadíssimos palhaços Rudillatas, os reis da TV francesa.

CARTAZ DO DIA

NACIONAL—A's 21.30 — «As bruxas de Salém».
VARIEDADES — A's 21.45 — «O avarento»
MARIA VITORIA—A's 20,30 e 22,45 —«Curvas perigosas».
MONUMENTAL—Ás 21,45—«Os bebés».
AVENIDA — A's 20.45 e 22.45 — «Mas que escandalo».
COLISEU — A's 21.30 — Grande Companhia Internacional de Circo.
TIVOLI—«Escândalos em Tóquio».
SÃO LUIZ—«Chá e simpatia».
EDEN — «A mulher de quem se fala»
SÃO JORGE—«O «ballet» de Moscovo».
ROMA—«Othello».
CONDES—«Elas preferem o nambo».
POLITEAMA—«Polícia Internacional»
CAPITÓLIO—«Cantinflas aviador».
MONUMENTAL—«Fogo dos trópicos».
IMPERIO — «Perversa sedução».
ALVALADE—«Chá e simpatia».
AVIS—«A avó Isabel»
TERRASSE—«O bom carcereiro».
OLIMPIA—«A armada selvagem».
RESTELO — «A condessa descalça».
PROMOTORA—«Ela é de gritos».

A SENHORA TAMBÉM FAZ *café com leite* "AGUADO"?

Por incrível que pareça é muito provável que V. Exa. venha fazendo café com leite "aguado". Duvida? Então como é que V. Exa. prepara o seu café com leite?

(TEMPO PARA PENSAR)

Exacto! Ao deitar, na chávena de leite, o café preparado à moda antiga V. Exa. está automàticamente juntando água ao leite! Bebe, por conseguinte, leite "aguado"! Mas há uma maneira nova e revolucionária de preparar um café com leite bem mais saboroso e **sem água.**

Veja como é muito mais fácil:

1.° — Coloque na chávena 1 ou 2 colheres de Nescafé (a seu gosto).

2.° — Junte-lhe o leite bem quente, mexa e adoce à sua vontade.

Aí está o melhor café com leite do mundo. E que diferença! Que novo e delicioso sabor.

NESCAFÉ NORMAL • NESCAFÉ "37" EXPRESSO • NESCAFÉ SEM CAFEÍNA

Policlinica do Intendente

Av. Alm. Reis, 27, 2.° — T. 45587

Dr. Abel Alves—Ouv., nariz e gar. 14 h.
Dr. Anastácio Gonçalves—Doenç. olhos 18 h.
Dr. Armando Valle—Anál. clín. e vacinas, 11 h.
Dr. Armando Luzes—Rins e vias urinárias, 14 h.
Dr. Benard Guedes—Raios X, 16 h.
Dr. Camara Leme—Boca e dentes, 10 ás 13 h. e 17 ás 19 h.
Dr. E. de Miranda Rodrigues—Doenças nerv. mentais (2.as, 4.as e 6.as), 16 h.
Dr. Fernando Castro Amaro—Med. geral, 14 h.
Dr. Formigal Luzes—Ag. Físicos, 15 h.
Dr. João Marques Pinto—D. das crianças, 18 h.
Dr. Juvenal Esteves—Doenças da pele e sífilis (2.as, 4.as e 6.as), 14 h.
Dr. Mário Rosa—Cl. méd., est. e intest. 15 h.
Dr. Souto Soares—Cirurgia geral, ortopedia, operações, 14 h.
Dr. Pedro da Cunha—Partos e doenças das senhoras (3.as, 5.as e sáb.), 15 h.
Dr. Vasco de Lacerda—Cl. méd., coração e pulmões, 18 horas.

Não compre sem consultar

afari

OCULISTA

(Tudo para óptica)

PREÇOS INFERIORES AOS DA CONCORRÊNCIA APESAR DOS DESCONTOS POR ELA ANUNCIADOS

afari selecção de artigos com alta qualidade

RUA AUGUSTA, 112 A 118

Policlinica de Arroios

P. DO CHILE, 14-1.° — T. 42414

Dr. Aires de Sousa—Raios X e Radioterapia, 16 horas.
Dr. Mário Ruas—Rins e vias uri., 17 h.
Dr. Monteiro Grilo—Doen. olhos, 16 h.
Dr. Paiva e Costa—Boca e dentes, 15 h.
Dr. Paradela de Oliveira—Doenç. crianças, 12 h.
Dr. Pina Monteiro—Cor. e pulm., 17 h.
Dr. Ramos Chaves—Pele e sífilis, 15 h.
Dr. Eurico Alves Pereira—Clin. ger., 18 h.
Dr. Cabral Sacadura—Cir. geral e partos, 17 h.
Dr. Dias Amado—Anál. clínicas, 14 h.
Dr. João dos Santos—Doenças nervosas e mentais, 14.30 h.
Dr.ª Maria Manuela Antunes—Doenças das senhoras, 13 h.
Dr. Luís Andrade—Ouvidos, nariz e garganta. 15 e 18.30 h.

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os **COMBOIOS ELECTRICOS**

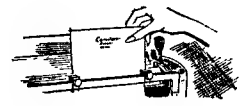
No seu interesse adquira na véspera bilhete simples, ou de ida e volta.

Se o preço da contabilidade mecanizada tem privado a sua organização dos benefícios de um serviço eficiente, rápido e preciso, a nova Burroughs Director P-600 é a resposta ao seu problema.

A Director P-600 é a sua evolução mais prática dos processos antiquados e lentos de pena e tinta para uma contabilidade mecânica simplificada. O seu preço torna-a acessível a qualquer negócio.

Todos os dispositivos que tornam mais simples a contabilidade

Datador no teclado — Este dispositivo permite, de maneira conveniente, a mudança rápida de data dos relatórios ou estatísticos.



Inserção frontal de formulários — A guia transparente, com uma linha gravada, assegura um alinhamento exacto e rápido.

Operação manual de emergência — A falta de energia não é obstáculo para a Director P-600. Em questão de segundos, coloca-se a manivela para a operação manual.

Burroughs

Burroughs

Peça literatura gratuita ou uma demonstração sem compromisso ao representante da BURROUGHS

"SISTEMA" SOCIEDADE DE MÁQUINAS E SISTEMAS DE CONTABILIDADE, LDA.
(Associada de ROBINSON, BARDSLEY & CO., LTD.)
AV. 24 DE JULHO, 2, 1.° — TELEFONE 32991 (P. P. C.) — LISBOA
PORTO — P. Carlos Alberto, 128-A, 1.° — Tel. 24007 - 20293
COIMBRA — Bairro Marechal Carmona, Rua C, 3 — Tel. 3228

FEIRA INTERNACIONAL DE FRANCFORT
2 – 6 III 58

PARA INFORMAÇÕES, RESERVA DE ALOJAMENTO E BILHETES DE INGRESSO DIRIGIR AOS REPRESENTANTES HONORÁRIOS:

LASSEN TRANSPORT, LDA.
Rua da Prata, 59-2.°-Esq. — Tel. 21387

Centro de Medicina Dentária

Assistência exclusivamente médica
Correcções de dentes — PREÇOS DE POLICLINICA
Consultas permanentes das 9 ás 21 horas
C. Bento da Rocha Cabral, 1 (Ao Rato) — Tel 68 41 91

DIARIO DE LISBOA

PROGRAMAS DE RADIO

EMISSORA — A's 18: Noticiário e danças; 18 e 40: Cançonetas; 19: Desdobramento; 21: Noticiário; 21 e 15: Desdobramento; 23 e 45: Noticiário, boletim meteorológico e fecho.

Programa «A» — A's 19: Crónica tauromáquica; 19 e 15: Passatempo musical; 19 e 30: Alegria no Trabalho; 20: Jornal sonoro; 20 e 15: Trechos em piano; 20 e 30: Zarzuela; 21: Junção dos emissores; 21 e 15: Musica de salão; 21 e 30: Radiodesporto; 22: Concerto ligeiro; 22 e 30: História do Teatro; 23: Musica de sempre; 23 e 15: Danças, transmitidas do Hotel Embaixador.

Programa «B» — A's 19: «Seis Preludios», de Debussy, por Walter Gieseking; 19 e 20: Leituras portuguesas; 19 e 30: Canções: «Cessate omai», de Vivaldi, pelo soprano Ribacchi e a Orquestra Corelli; Seis canções, de Hindemith, pelo Coro de Camara de Viena, dirigido por Reinhold Schmid; 19 e 50: Noticiário regional; 20: Novidades em discos: «Concerto op. 58», de Prokofieff; o «Concerto n.º 1», de Milhaud, para violoncelo e orquestra, por Janos Starker e a Orquestra Filarmónica dirigida pelo maestro Sueskiknd; 20 e 45: Três árias, de Mozart, pelo soprano Hilde Gueden, e a Orquestra Filarmónica de Viena, dirigida pelo maestro Erede; 21: Junção dos emissores; 21 e 15: Três peças de Mendelssohn, pelo pianista Corde Groot; 21 e 30: Concerto: 1.ª parte: «Requiem Alemão», de Brahms, pelo coro da Catedral de St.ª Edviges, coro «De Matetes», de Berlim, com os solistas Maria Stader e Otto Wiener e a Orquestra Filarmónica de Berlim, com o organista Meyer, sob a direcção do maestro Fritzs Lehmann; 22 e 50: Tempo de poesia; 23 e 5: Concerto, 2.ª parte: «Concerto n.º 1, em mi menor», de Chopin, para piano e orquestra, por Alexandre Brailowsky, e a Orquestra Sinfónica da R. C. A. Vitor, dirigida pelo maestro Mengelberg.

RADIO CLUBE — A's 17: Opereta; 17 e 31: Mah-Jong; 17 e 45: Orquestra de Elliot Lawrence; 18: Ritmos de baile da Choupana; 18 e 15: Conjuntos vocais; 18 e 30: Imagens por musica; 18 e 45: Interludio feminino; 19: Cançonetas; 19 e 30: Jornal da A. P. A.; 20 e 15: Apontamento do dia; 20 e 20: Variedades; 20 e 45: Brasil; 21: Festa brava; 21 e 15: Novos artistas; 21 e 30: Trechos recreativos; 22: Novos discos; 22 e 32: Companheiros da Alegria; 23 e 30: Ritmos de baile do Maxime; 23 e 45: Agenda; 23 e 50: Peggy Lee; 0: Talismã apresenta: «Boa-noite e bons sonhos — Estrelas da meia-noite»; 0 e 30: Noticiário: 0 e 40: Ritmos de baile.

Estação Miramar — A's 18 e 15: Alberto Pizzigon e a sua viola; 18 e 30: Folhetim Tavol; 18 e 45: Musica de operetas; 19: Teatro Tide; 19 e 15: Fados e guitarradas; 19 e 30: Cançonetas; 20: Boletim informativo; 20 e 10: Imagens por musica; 20 e 30: Leitura; 20 e 45: O conjunto Ames Brothers; 21: Noticiário; 21 e 15: Fados por Amália Rodrigues; 21 e 30: Os grandes esquecidos — Joaquim de Araujo; 22: Companheiros da Alegria; 22 e 45: Musica de salão; 23: Concerto; 23 e 30: Variedades; 0: Ritmos de baile do H Embaixador.

RÁDIO RENASCENÇA — A's 18 e 30: Terço e bênção da basílica dos Mártires: 19 e 25: Boletim do S. C. R.; 19 e 30: Musica de Strauss; 20: Canções que o Mundo canta; 20 e 30: Noticiário; 20 e 55: Meditando; 21 e 5: As ultimas novidades; 21 e 30: Cançonetas italianas; 21 e 50: Fantasias; 22: Livros e leituras; 22 e 25: Revista da Imprensa francesa; 22 e 45: Noticiário; 22 e 57: Boletim religioso; 23: Serão familiar.

POSTOS CENTRALIZADOS—Das 17 ás 19 e 30: Voz de Lisboa; 19 e 30 ás 22: Clube Radiofónico de Portugal; 22 á 1: Voz de Lisboa.

ENCICLOPÉDIA

William Laud, teólogo e estadista inglês, nasceu em Reading, em 1573 e foi decapitado em 1645. Capelão do rei, tornou-se bispo de S. David e depois figura poderosa da Igreja inglesa com a subida ao trono de Carlos I. Em 1633 era bispo de Cantorbey. Pretendia aniquilar o espírito puritano que dominava a Igreja inglesa e substituí-lo pelo espírito anglicano. Tratava-se de voltar ás ideias de tolerancia. Mas Laud empregou meios violentos e Carlos I, sob a pressão de grandes influências retirou-lhe o seu apoio. Laud foi acusado pelos Comuns, aprisionado na torre e executado.

TELEVISÃO

Hoje, ás 21, abertura da emissão; 21 e 2, Noticiário; 21 e 6, Circo no Estudio: O faquir Ruther, Miss Dulce em Monociclo; Rillys em malabares; Hermanos Ferrers (acrobatas) e Irmãs Campos, acompanhamento pelo conjunto de Domingos Vilaça: 21 e 45, Jornal de Actualidades Internacionais; 22, Bancada Central (nota sobre a 19.ª jornada do campeonato nacional de futebol); 22 e 15, «Parada da Industria»; 22 e 25, «A Arma e o Homem» (3) produção e texto de Pisani Burnay e Mascarenhas Barreto; 22 e 45, Musica para todos, com o soprano Roberta Peters e coro e orquestra de Howard Barlow; 23 e 5, ultimas notícias e actualidades; 23 e 15, apresentação do Orfeão do Sport Lisboa e Benfica; 23 e 30, fecho da emissão.

O TEMPO QUE FAZ

SITUAÇÃO GERAL ÁS 9 HORAS (T. M. G.) DE HOJE—No continente português o vento é fraco a moderado de Noroeste e o céu está muito nublado por acção de uma massa de ar marítimo transportada na circulação de um anticiclone centrado a Norte dos Açores.

Temperaturas ás 9 horas: Lisboa e Porto, 10.º; Faro, 7.º; Penhas Douradas; 1.º; Funchal, 16.º.

PREVISÃO ATÉ ÁS 24 HORAS (T M. G.) DE AMANHÃ—Céu muito nublado, vento moderado de Noroeste, aguaceiros. Pequena subida de temperatura.

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

TURNO J — Benfica — Estrada de Benfica, 678-E, Tel. 782532; Vicente — Estrada de Benfica, 466-A, Tel. 782606; Alegria — Estrada de Benfica, 180-A-B, Tel. 780511; Canto — Estrada das Laranjeiras, 202-B Tel. 780841; Berne (De) — Avenida de Berna, 44-A, Tel. 773568; Patuleia, Herdeiros — Rua do Lumiar, 122-124, Tel. 779332; Neoterápia — Campo Grande, 138, Tel. 774682; Líbia — Avenida da Igreja, 4-B-C, Tel 776681; S. Miguel — Praça Francisco de Morais, 1, Tel. 771469; Lusitana — Avenida de Roma, 18-A, Tel. 725443; Imperial — Avenida Guerra Junqueiro, 30-B Tel. 726860; Lungenit, Ld.ª — Avenida da Republica, 55-A, Tel. 772132; Latina — Av. António Augusto de Aguiar, 17-A, Tel. 42312; Fonseca — Largo D. Estefania, 4-5; Ascensos, Ld.ª — Rua J, lote 48, Bairro da Encarnação, Tel. 388172; Marvila (De) — Rua Direita de Marvila, 25, Tel. 381612; Marluz — Calçada da Picheleira, 140-B-C, Tel. 720703; Cruz de Malta — Largo Chafariz de Dentro, 36, Tel. 23326; Almeida Dias — Largo da Graça, 38-A, 39, Tel. 862909; Dalton — Av. Mousinho de Albuquerque, RSV, Tel. 843571; Pais — Rua Abade de Faria, 22-A-B, Tel. 723965; Antolin, Ld.ª — Avenida Almirante Reis, 88-B-C, Tel. 44173; Guerra — Rua Andrade, 32-36, Tel. 845513; Ronil — Rua Rodrigo da Fonseca, 153, Tel 683438; Gouveia — Rua D. Maria Pia, 514, Tel. 664949; Linaida — Rua Ferreira Borges, 30, Tel. 660955; Higilux — Rua de Pedroucos, 50-52, Tel. 610280; Mendes Gomes — Calçada da Ajuda, 222, Tel. 638256; Botanico-Química, Ld.ª — R. da Junqueira, 38-40, Tel. 638132; Ester Nogueira — Rua de Alcantara, 5-A, Tel. 637563; Micael — Rua de S. Bento, 380-382, Tel. 662162; Neves, Suc. — Rua da Bela Vista, a Lapa, 37, Tel. 661251; Açoreana — Largo do Conde Barão, 2, Tel. 661330; Gonçalves, Ld.ª—R. da Rosa, 176-178, Tel. 32687; Salix, Ld.ª — R. Barata Salgueiro, 54, Tel 730820; Luís Magalhães — Rua de Santa Marta, 15-A-B, Tel. 46490; Formosinho — Praça dos Restauradores, 18 Tel. 30927; Normal — Rua da Prata, 220, Tel. 21342.

— **Eu por mim costumo curar a gripe com água fria!**
— **Com água fria?**
— **Pois! Então querias que aquecesse a água ardente?**

A LEI EM QUE VIVE

E' reconhecida á Igreja Católica em Portugal a propriedade dos bens que á data de 1 de Outubro de 1910 lhe pertenciam e estão ainda na posse do Estado, como templos, paços episcopais e residências paroquiais com os seus passais, seminários com as suas cercas, casas de institutos religosos, paramentos, alfaias e outros objectos afectos ao culto da religião católica, salvo os que se encontrem actualmente aplicados a serviços publicos ou classificados como «monumentos nacionais» ou como «imóveis de interesse publico». (Dec. n.º 30 615, art.º 41.º).

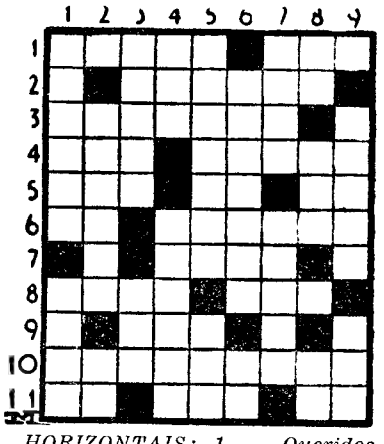
HA TRINTA ANOS

O «Diário de Lisboa» de 20 de Janeiro de 1928 dizia em fundo: «O monumento ao marquês de Pombal deve ser inaugurado em 1931. Esperamos que nessa data, as questões que nos dividem hajam perdido a sua acuidade. Os Portugueses — quando será? — reconhecer-se-ão um dia como irmãos. Se não acharem campo mais próprio para o abraço reconciliador, talvez se possam reunir em torno da estátua do marquês. Este não foi um liberal, mas um português, sem duvida. O ministro de D. José pode servir de exemplo aos nossos concidadãos que, á força de amarem a liberdade, se dispensam de respeitar a opinião dos outros».

PALAVRAS CRUZADAS

(COM PROVERBIO)

Problema n.º 1129



HORIZONTAIS: 1 — Queridos. Adicionei. 2 — Excelente. 3 — Engasta. 4 — Segue. Enfurecer. 5 — Rezo. Qualquer. Prefixo de duplicação 6 — Senhor (abrev.). Domesticadores de serpentes. 7 — Réptil sáurio. 8 — Vasos de pedra, para liquidos. Poesia. 9 — Amarre. 10 — Falta de pulso. 11 — Nome de letra grega. Surge. Preposição.

VERTICAIS: 1 — Coetaneos. Pôr obstáculos. 2 — Descrevi. Símbolo químico do cobalto. 3 — Orvalho. Rio da Suíça, afluente do Reno. 4 — Capa de confraria. Graduações militares. 5 — Famoso compositor austríaco, autor de valsas célebres. Nome de letra grega. 6 — Adversário. Segundo. 7 — Querer muito. Faces. 8 — Compaixão. Bordo. A mim. 9 — Salienta. Favorável.

Resolveu completamente este problema?

Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

Solução do problema n.º 1128

HORIZONTAIS: 1 — Sequestro. 2 — Aluir. Ais. 3 — Bié. Vaias. 4 — Id. MAIS. 5 — Negava. 6 — Cá. SÃO. 7 — Acampes. 8 — Sob. OS. 9 — Ira. Tre. 10 — CASOS. Rui. 11 — Oras. Boas.

VERTICAIS: 1 — Sabino. Eco. 2 — Elide. Ás. Ar. 3 — QUE. Coisa. 4 — Ui. Macabros. 5 — Ervavam. AS. 6 — Aia. Pó. 7 — Tais. Sestro. 8 — Ria. Vãs. Rua. 9 — Ossa. LEIS. (Provérbio: MAIS SÃO OS CASOS QUE AS LEIS).

O «Diário de Lisboa» vende-se em MONTEMOR-O-NOVO, na casa Joaquim R. Amaro.

BOLSA DE LISBOA

Fundos do Estado	Compra	Venda
Cons. 2 3/4 T. 10	934$00	933$00	935$00
Cons. 3 % T. 10	977$50	977$50	978$00
Cons. 3 1/2 % T. 10	1.027$00	1.027$00	1.028$00
Centenários 4 % 1940	2.200$00	2.195$00	2.202$00
Obg. Fes. 2 1/2 % 1942	—	990$00	—
Obg. Fes. 2 1/2 % 1943	—	990$00	—
Obg. Fes. 2 1/2 % 1944	—	990$00	—
Externo 1.ª série	—	1.170$00	—
Ext. 1.ª série car.	—	1.170$00	—
Externo 2.ª série	—	1.170$00	—
Ext. 2.ª série car.	—	1.170$00	—
Externo 3.ª série	—	—	—
Ext. 3.ª série car.	1.330$00	1.320$00	1.340$00
Caut. 3.ª série s/juro	—	165$00	—
Obrigações			
Aguas Lisboa 5 %	—	507$00	—
Norte de Portugal 5%	108$00	107$50	—
Gás Elect. 3 3/4 %	—	913$00	920$00
Gás Elect. 4 %	944$00	944$00	945$00
Gás Elect. 4 1/2 %	960$00	959$00	—
Gás Elect. 5 %	—	1.000$00	1.010$00
U. E. P. 3 3/4 %	—	84$00	86$00
U. E. P. 4 % 1945	—	—	91$00
U. E. P. 4 % 1948	—	—	91$00
U. E. P. 4 1/2 %	—	—	—
U. E. P. 5 % 1951	—	—	—
U. E. P. 5 % 1952	—	—	—
Metropolitano	1.004$00	—	1.004$00
Acções Bancos			
Alentejo	—	—	—
Angola	—	—	—
Espirito Santo	8.750$00	8.700$00	8.750$00
Lisboa & Açores	—	3.480$00	—
Portugal	—	2.090$00	2.120$00
Ultramarino	1.595$00	1.595$00	1.600$00
Seguros			
Mundial	—	575$00	590$00
Nacional	—	—	—
Sagres	—	—	—
Tagus	—	—	—
Soberana	—	1.150$00	—
C.as Ultramarinas			
Ag. Cassequel	—	1.800$00	1.825$00
Ag. das Neves	—	800$00	—
Agric. Colonial	—	685$00	695$00
Açucar de Angola	—	2.430$00	—
Boror	430$00	421$00	440$00

C.as Ultramarinas	Efectuado	Compra	Venda
Cabinda	—	—	—
Cádá	—	4.550$00	4.650$00
Colonial do Buzi	317$00	316$00	316$00
Ilha do Principe	—	2.050$00	—
Incomati	—	3.250$00	3.500$00
Moçambique	—	155$00	157$00
Zambézia	167$00	166$00	168$00
Diamantes T 100	—	732$00	740$00
Lobito T 10	—	2.021$00	2.040$00
C.as Diversas			
Cimentos Tejo	—	540$00	600$00
Cimentos Leiria	540$00	535$00	570$00
Crédito Predial	—	44$50	46$00
Industrial Aliança	—	300$00	315$00
Portugal e Colónias	—	420$00	435$00
Nacional Navegação	—	—	—
Colonial Navegação	—	1.080$00	1.100$00
Port. de Celulose	—	—	2.200$00
Portuguesa de Pesca	—	1.600$00	—
Port. de Tabacos	—	396$00	398$00
Tabacos de Portugal	770$00	770$00	775$00
Sacor	—	—	—
Aguas, Electricidade e Gás			
Aguas Lisboa 1934	280$00	280$00	290$00
Aguas Lisboa 1936	—	—	—
Elect. das Beiras	—	1.305$00	1.330$00
Gás e Electricidade	299$00	298$50	299$00
H Alto Alentejo	145$00	144$50	145$00
H E. Cávado	1.270$00	1.267$00	1.275$00
H. E. Zêzere	—	—	1.300$00
Nac de Electricidade	1.270$00	1.270$00	1.275$00
União Elect Port.	230$00	229$00	231$00
	—	3.400$00	4.000$00

GRÉMIO NACIONAL DAS CASAS DE CAMBIOS
Cotações de notas e moedas estrangeiras

PAISES	COMPRA	VENDA
Africa do Sul	76$75	78$75
Alemanha	6$75	6$90
America:		
Dólares de 1 e 2	28$30	28$60
Dólares de 5 a 20	28$50	28$80
Dólares de 50 a 1000	28$50	28$80
Argentina	$74	$79
Austria	1$08	1$13
Belgica	$56.5	$57.5
Brasil	$29,5	$31,5
Canadá	28$60	29$10
Congo Belga	$55.5	$56.5
Dinamarca	3$90	4$20
Espanha	$51	$52,5
França	$05,95	$06.15
Holanda	7$40	7$70
Inglaterra	76$00	77$50
Itália	$04.5	$04.7
Marrocos	$05,8	$06,2
Noruega	3$65	3$95
Suécia	5$35	5$65
Suiça	6$68	6$78
Uruguay	6$00	6$70
Ouro:		
Inglaterra (Libra)	285$00	295$00
Portugal — Barra	32$70	33$20
Portugal — Barra Fino	32$80	33$30

BANCO DA AGRICULTURA
R. da Assunção, 74 — TEL. 366132/6
COFRES FORTES
AR CONDICIONADO
TODAS AS OPERAÇÕES BANCÁRIAS

J. BURNAY, LDA.
RUA DO OURO, 72
Notas estrangeiras
TELEF. 21273
Papéis de credito

As prisões em Espanha de elementos considerados subversivos

MADRID, 20 — A opinião publica não se comoveu com a prisão de 44 rapazes acusados de tentarem reconstituir o Partido Comunista em Espanha. Deve-se o desinteresse, em parte, ao facto de os presos serem desconhecidos, salvo Javier Pradera, neto de um tradicionalista, morto nos primeiros tempos da guerra civil, e sobrinho do actual embaixador de Espanha em Damasco.

Nota-se, enfim, que a operação de polícia desencadeada nos primeiros dias deste mês coincidiu com uma fase de tranquilidade completa e prolongada, tanto nas Universidades como nos centros industriais. Alguns observadores estrangeiros frisam, por outro lado, que, sob o ponto de vista do Governo espanhol, a operação foi muito oportuna. No plano interno, permite estigmatizar como actividades comunistas as tentativas que se notam, há cerca de dois anos, para unificar a acção dos vários sectores da oposição ao regime.

No plano externo, as autoridades quiseram mostrar — entendem os observadores — a sua vigilancia quanto ao comunismo. — (F. P.).

O Governo suiço propõe-se em resposta a Bulganine organizar uma conferência entre os dirigentes dos dois blocos

BERNE, 20.—O Governo estaria disposto a organizar uma conferência internacional na Suíça, com o fim de se procurarem as bases de entendimento entre Leste e Oeste, se as potências mais interessadas concordassem em que a mesma seria oportuna — declara, nomeadamente, o Governo suíço na resposta ás recentes mensagens do marechal Bulganine.

Lembra o Governo suíço que a Confederação Helvética prossegue, tradicionalmente, uma política de neutralidade e está sempre pronta, em conformidade com essa política, a facilitar os contactos entre as potências interessadas, a fim de solucionar litígios ou reduzir a tensão internacional. Acrescenta:

«O Governo suíço pensa que a situação actual apresenta graves perigos, que nenhum país pode sentir-se indiferente aos riscos de nova guerra e que nada se deve descurar, desde que possa contribuir para afastar o risco e promover uma compreensão melhor entre as nações».—(F. P.).

A resposta de Adenauer

BONN, 20.—A resposta do chanceler Adenauer á carta do marechal Bulganine foi transmitida hoje, telegráficamente, á embaixada da Republica Federal em Moscovo. O embaixador, Wilhelm Haas, pediu para ser recebido pelo Governo soviético a fim de entregar o texto.

A carta do chanceler, que conta umas dez páginas, responde, principalmente, á primeira mensagem do chefe do Governo da U. R. S. S., recebida em Dezembro, mas trata, igualmente, de algumas questões referidas na segunda mensagem, do princípio deste mês.—(F. P.).

A resposta da Turquia incide sobre o problema da Síria

ANKARA, 20.—O chefe do Governo, Adan Menderes, entregou ontem ao embaixador da U. R. S. S. a resposta á mensagem do marechal Bulganine, datada de 22 de Novembro, sobre as relações russo-turcas e a tensão sírio-turca. Depois, o presidente Mendères recebeu mais duas cartas do chefe do Governo soviético, uma antes da Conferência da N. A. T. O., em Paris, outra há dias. Ainda estão em estudo.

Na resposta á mensagem de 22 de oNvembro, o presidente Mendères declara-se satisfeito por verificar, mais uma vez, que o Governo da U. R. S. S. manifesta empenho em criar com a Turquia relações baseadas na amizade e na confiança. Mas acrescenta que determinadas considerações da mensagem não parecem dever facilitar a realização desse objectivo.

Declara que não existem quaisquer problemas entre a Turquia e os seus vizinhos, mas que o Governo turco acompanha, com ansiedade, «as actividades de elementos estrangeiros dentro do território sírio», as quais podem vir a ser prejudiciais não só para a Síria mas, também, para todo o Próximo Oriente.

Mendères diz que a carta de Bulganine dava a entender que a União Soviética pretendia falar como procuradora da Síria e afirma:

«O nosso principal objectivo é o estabelecimento da paz e segurança no Próximo Oriente».—(F. P. e A. N. I.).

Ben Gurion também respondeu a Bulganine

JERUSALÉM (Sector israelita), 20.—O presidente do Conselho, David Ben Gurion, tenciona enviar hoje, depois de a ter submetido ontem á sanção do seu Gabinete, a resposta á ultima carta do chefe do Governo soviético sobre a actual situação internacional — segundo declararam círculos autorizados.

Na sua carta, datada de 13 de Dezembro, Bulganine chamava a atenção do Governo de Israel para os perigos de uma nova crise no Próximo e Médio Oriente e salientava que a União Soviética continua empenhada em manter relações amistosas com o Egipto.

Círculos diplomáticos dizem saber que, na sua resposta, Ben Gurion frisará que a União Soviética está a fornecer armas ás nações árabes, ao mesmo tempo que proclama a sua intenção de apoiar uma política de desarmamento mundial e concede apoio político ás nações árabes, as quais continuam a manifestar abertamente a sua hostilidade contra Israel.

Ben Gurion esteve reunido, ontem, com o embaixador norte-americano, Edward Lawson, tendo sido discutida a resposta enviada, na semana passada, pelo presidente Eisenhower a Bulganine. — (A. N. I.).

O encontro de Fuchs e Hillary

(Continuação da 1.ª página)

sem as barbas consteladas de gelo. Estavam todos tão contentes — declarou o locutor — que mais pareciamos encontrar-nos num campo de «ski» australiano do que nas tremendas extensões geladas do Polo.

O dr. Vivian Fuchs declara que continua decidido a prosseguir na travessia antárctica, até chegar á base de Scott — como ficara previsto, inicialmente, depois de «alguns dias de repouso» aqui. Sir Edmund Hillary, o primeiro homem que alcançou o Polo Sul por terra, nos ultimos 45 anos, prepara-se para acompanhar a expedição inglesa do dr. Fuchs, na fase final e mais perigosa da empresa, pelas condições climatéricas em que terá de se efectuar devido á iminente mudança de estação.

O dr. Fuchs revelou as suas intenções, pouco depois de ter chegado ao Polo, á uma hora (T. M. G.). A sua expedição, composta de onze homens, partira da base britanica de Shackleton, no Mar de Weddel, do lado oposto ao do ponto de partida de Hillary.

Ontem, ás 20 e 30 (T. M. G.), avistavam-se já, das torres de observação da base polar norte-americana, os tractores alaranjados, avançando pesadamente sobre os ultimos dezassete quilómetros e meio cobertos de neve mole. Organizou-se logo uma comissão de recepção, constituida por 26 pessoas, entre as quais sir Edmund Hillary e o comandante da operação norte-americana «Deopfreeze», ambos vindos, de avião, propositadamente, da base de Scott para felicitarem Fuchs; o radiotelegrafista Peter Mulgrew, membro da expedição neozelandeza de Hillary; os chefes das equipas de cientistas norte-americanos na base polar e alguns jornalistas.

Optimismo em ambiente a 26 graus negativos

O encontro dos dois exploradores, o inglês e o neozelandês, ocorreu a cerca de quilómetro e meio da base.

Um céu claro e sem nuvens estendia-se sobre as suas cabeças e a brisa fazia estremecer as bandeirolas com que os onze homens da expedição do cientista britanico tinham enfeitado os quatro «Snowcats» e o «Weasel» que os transportaram desde o Mar de Weddel. Havia as cores da Inglaterra, da Nova Zelandia e da R. A. F. Australiana. O mercurio marcava 26 graus negativos.

Hillary e o almirante Dufek subiram, depois, para o veículo do dr. Fuchs e, lado a lado, os dois exploradores antárcticos dirigiram-se triunfalmente para a base polar norte-americana, que, também, estava embandeirada. O cientista britanico enviou, imediatamente, uma mensagem ao quartel-general da expedição, em Londres, comunicando a sua chegada. Mais tarde, chegou a mensagem de felicitações de Londres, assim como outra da Real Sociedade de Geografia, responsável pelo financiamento da operação.

Apesar de alguns quilos perdidos, das queimaduras do frio, das mãos vermelhas e gretadas, os doze ingleses não pareciam fatigados. Foi com bom humor e vivo regozijo que receberam o seu primeiro correio, desde que deixaram South Ice, em 24 de Novembro. Mas o neozelandês George Lowe, um dos companheiros de Hillary na escalada do Mónte Everest, ficou estupefacto quando encontrou, entre as suas cartas, um aviso do Governo para pagar o imposto de rendimento.

Sensacionais descobertas científicas

«Há meses que não vemos uma mesa assim á nossa frente» — exclamou um dos exploradores, diante do almoço que lhes prepararam na base. Havia volumosas sanduiches americanas, legumes, queijo, creme, batatas fritas, um grande bolo coberto com as cores da Inglaterra: vermelho, branco e azul.

O dr. Fuchs fez descobertas sensacionais, durante o percurso. Sondagens que efectuou a quarenta quilómetros do Polo demonstram que se encontra terra a mais de 1.500 metros acima do nivel das águas do mar, indicio da existência de cordilheiras de altitude elevada. As mais recentes sondagens realizadas no Polo indicavam que, debaixo das camadas de gelo e neve a superficie terrestre se encontrava a 275 metros acima do nivel do mar.

«Pelo caminho deparámos com outras variações espectaculares — prossegue o cientista inglês. Nenhum ponto por onde passámos ficava abaixo do nivel do mar. A 160 quilómetros do Polo, a altitude era superior a dois mil metros»

Se não fosse a preocupação de encontrar precisamente o meridiano 24, como lhe havia sido pedido pela equipa de cientistas da base polar, a expedição poderia ter chegado aqui algumas horas mais cedo — salientou.—(F. P. e A. N. I.).

O consumo da carne tratada com hormonas provoca alterações de sexo?

LONDRES, 20 — O tratamento de animais para consumo, mediante hormonas, para acelerar o crescimento, tem o perigo de provocar mudanças de sexo nos consumidores da respectiva carne — avisa Arthur Rickwood, criador experiente de Cambridgeshire.

O método foi aplicado, pela primeira vez, nos Estados Unidos, há quatro anos. A pesar da sua eficácia no plano do rendimento, tanto para o gado como para as aves de capoeira, esbarrou com oposições em vários países. Depois de inquéritos científicos, a França e a Holanda, nomeadamente, proibiram a sua aplicação. Na Grã-Bretanha, as averiguações continuam no Centro de Neston, no Cheshire. — (F. P.).

O rei Olavo da Noruega prestou hoje juramento constitucional

OSLO, 20 — O rei Olavo V, que sucedeu, em 21 de Setembro do ano findo, a seu pai, o rei Haakon VII jurou a Constituição, numa cerimonia solene, no Parlamento, e proferiu o discurso do Trono, ao abrir a sessão parlamentar de 1958.

Prestou homenagem á memória de seu pai e, falando da política geral, disse que «a Noruega prosseguirá nos esforços para manter a paz e atenuar a tensão no Mundo, cooperando, onde seja possivel, para promover negociações efectivas sobre divergências, fiscalização do desarmamento e medidas tendentes á suspensão da produção e dos ensaios de armas nucleares».

«A Noruega — acrencentou — assumirá a sua parte de responsabilidades para fazer das Nações Unidas um escudo real para a paz dos povos, a liberdade e o direito a dispor de si mesmos; o Governo trabalhará para reforçar e ampliar a cooperação política, económica e defensiva da Organização do Pacto Atlantico; e a defesa nacional será adaptada ás exigências do desenvolvimento da técnica militar». — (F P.).

Um atentado na Tripolitânia

BEIRUTE, 20 — Uma carga de dinamite explodiu, durante a noite, ao Sul de Tripoli, na linha férrea de Beitrute-Tripoli-Alepo. Os estragos materiais são importantes e o tráfego foi interrompido.—(F. P.).

Ultimas notícias

Manuel Faria vai à Argentina?

BUENOS AIRES, 20 — A Federação Atlética Argentina faz diligências para conseguir a vinda do atleta português Manuel Faria.

Se forem bem sucedidas, Manuel Faria disputará provas em Buenos Aires, Mar del Plata, Rosario, Cordoba e Mendoza, nos primeiros dias de Março. — (F. P.).

MacMillan na Nova Zelândia

AUCKLAND (Nova Zelandia), 20 — O primeiro-ministro britanico, MacMillan, chegou a esta cidade, contando demorar-se oito dias na Nova Zelandia. Interrogado pela Imprensa, declarou-se partidário de uma conferência dos chefes de Governo, desde que se assente préviamente numa agenda precisa. E acrescentou: «E' minha convicção de que devemos conversar, novamente, com os Sovietes». — (F. P.).

A política da União Indiana

NOVA DELHI, 20 — Depois de cinco dias de debates, terminou, em Gauhati, a 63.ª sessão do Partido do Congresso.

Ao intervir na discussão, Nehru declarou: «A India não se deixará comprar. Nem por dinheiro, nem por medo, renunciaremos á nossa política interna socialista, ou á nossa política internacional de neutralidade». — (F. P.).

Demissão na Turquia do ministro da Defesa

ANKARA, 20 — A inesperada demissão de Semi Ergin, ministro da Defesa Nacional, provocou grande surpresa. Notam alguns observadores que a demissão — dada lacónicamente pela agência oficiosa «Anatólia» — segue-se, de perto, á notícia da prisão de 9 oficiais do Exército. Semi Ergin és substituído por Ethem Menderes, ministro das Obras Publicas e antigo titular dos Negócios Estrangeiros. — (F. P.).

Greve geral em Caracas?

CARACAS (Venezuela), 20 — Elementos da oposição pretendem organizar para amanhã uma greve geral nesta cidade, como protesto contra o Governo do presidente Marcos Perez Jimenez. Observadores estrangeiros põem em duvida o êxito da greve, mas prevêem uma quebra na produção dos operários. — (A. N. I.).

Tumultos em Nápoles

NAPOLES, 20 — Houve violentos incidentes entre as forças da ordem e elementos do Movimento Social Italiano (neo-fascista) e a Polícia fez algumas prisões, no final de um comício organizado por Giorgio Almirante, da direcção do M. S. I., quando membros daquele partido tentaram perturbar uma reunião comunista, presidida pelo senador Terracini. — (F. P.).

O terrorismo na Argélia

ORAN, 20 — Num atentado á bomba, ontem á tarde, em pleno coração da cidade, por terroristas, houve 4 mortos (mulheres) e 41 feridos, incluindo muitos adolescentes e crianças. — (F. P.).

Mais prisões na Hungria

VIENA, 20 — Vinte e sete pessoas foram presas em várias zonas da Hungria — segundo anunciou, hoje, a Rádio de Budapeste, que as classificou de «criminosos e bandidos». Acrescentou que os presos actuavam em diversas partes do país, escondendo-se nas florestas.—(A. N. I.).

...SÓ QUERO... ...VINHOS MESSIAS POR SEREM BONS

AS FRIEIRAS

e o seu tratamento rápido com **PIODERMOL**. À venda nas farmácias e principais drogarias. Lab. **SIDUS**, Rua de S. Paulo, 108.

CONTRIBUINTES

DE

IMPOSTO COMPLEMENTAR

Aproximando-se os prazos de apresentação das várias declarações de imposto complementar, lembra-se a conveniência da aquisição do respectivo Regulamento, anotado por

JOSÉ RODRIGUES DA TRINDADE

e

MANUEL LOPES BRANCO,

funcionários em serviço na Direcção de Finanças de Lisboa.

Pedidos aos autores — R. Joaquim A. Aguiar, 71-r/c., Dt.

Diário de Lisbôa

Os homens do Porto deram formidável lição

de energia, dignidade e jogo

Por TAVARES DA SILVA

O dia não podia estar melhor para a prática do jogo, até a temperatura era suave e convidativa. Um dia maravilhoso! E os adeptos corresponderam, não só enchendo o estádio, que fácilmente esgota a lotação, mas tomando posição cá fora, nos montículos em volta, em toda a parte donde se lobrigasse uma nesga do estádio. E nem faltaram os foguetes! Era justo que o jogo correspondesse ao dia magnifico. E em parte assim sucedeu!

■

E não se pode, nem se deve, negar o mérito e a justiça da vitória brilhantíssima que o F. C. P. ontem conquistou em Lisboa, no Estádio da Luz, contra o Benfica. Sabe-se que os três Grandes da capital têm normalmente grandes dificuldades quando se deslocam ao Estádio das Antas, mas a reciproca também se verifica. E, todavia, no caso particular de ontem, os homens do F. C. P. jogaram como se estivessem em casa, sem qualquer espécie de acanhamento, com bravura e dureza, obstinadamente, na sua luta para o título. Um Portuense saltou ao campo para abraçar os jogadores e quando saía do estádio, sob custódia, incitou a massa de adeptos a explodir, aplaudindo a equipa. Que mais é preciso dizer?

■

Os homens do Porto deram uma formidável lição de energia, dignidade e força de vontade, já não referindo o aspecto técnico e de manobra, pois, reduzidos a dez unidades, por se ter verificado a expulsão de

(Continua na 7.ª página)

A SEGURANÇA DE ACURSIO — Um dos homens que mais contribuiu para a magnífica exibição portuense foi o guarda-redes Acursio, que deu confiança aos seus companheiros da defesa, dada a forma como sempre agarrou a bola e a segurança com que saiu das balizas, metendo-se nas jogadas... Nesta fase, Acursio antecipou-se a Aguas, tendo á sua volta Coluna, Arcanjo, Santana e Cavem

YUSTRICH E OS JOGADORES — Muito se tem dito da personalidade do treinador Yustrich, mas é indiscutível que ele vive de modo intenso o descnrolar das partidas, estando irmanado com os jogadores no mesmo sentir... Esta fotografia é muito expressiva — o abraço da vitória a Pedroto — e demonstra que os jogadores estão á volta do seu treinador, todos com o mesmo objectivo de conquista do título

NO CAMPO DE SANTA BÁRBARA

O Sporting cometeu boa proeza

ao empatar fora com uma excelente equipa

Arsénio marcou três golos

Já há bastante tempo que não víamos jogar o Sporting e esta sua exibição no campo de Santa Bárbara, que estava completamente á cunha — como se costuma dizer — deixou-nos desagradávelmente surpreendidos, quase desiludidos.

Pelas referências que nos têm chegado, já calculávamos que a equipa leonina, que ainda ontem era o guia da classificação, tivesse ultrapassado o seu melhor momento, que ficou pelo caminho quando os dois interiores tiveram que pagar o duro contributo á implacável «lei das lesões». Mas o que não supunhamos, até porque Travaços e Vasques já regressaram aos seus lugares, é que a equipa estivesse tão vulnerável, tão pouco segura e tão incapaz, físicamente, de suportar o andamento que uma equipa como a C. U. F., que está impaciente e contrafeita no modesto lugar que ocupa na tabela da classificação, sabe e pode imprimir ao jogo durante os noventa minutos, sem dar tréguas, sem desfalecimentos, mesmo se transitóriamente os numeros do marcador lhe são adversos.

Tal como o jogo decorreu, o melhor será dizer que o Sporting não cedeu o 1.º lugar por ter perdido um ponto no campo da C. U. F., mas sim que cometeu a notável proeza de empatar fora de casa com uma excelente equipa — sem duvida uma das equipas de que mais temos gostado neste campeonato. Pena é que alguns jogadores da defesa cufista se excedam em dureza, oferecendo-nos Durand o exemplo mais flagrante de um modo de actuar sobre o adversário que os árbitros não deviam tolerar. Esta é, em primeira análise, a maior falha que se nota na interessante equipa que Candido Tavares formou na C. U. F. Hugo, por exemplo, que foi o unico avançado do Sporting que deu rendimento aceitável, deve ter suportado um dos maiores «martírios» da sua carreira. Estamos em crer, de resto, que Durand se excedeu desta maneira, não só porque percebeu que o árbitro lho consentia, mas também porque sente necessidade de recorrer ao processo para disfarçar a falta de mobilidade, de recursos técnicos e de experiência. Não será intencionalmente o «terrível» que todos vimos neste jogo.

(Continua na 6.ª página)

Carlos Gomes, que a despeito de ter sofrido três golos foi o melhor da sua equipa, vê neste lance a bola esbarrar na trave. Foi um lance de muita sorte, pois o remate de Carlos Alberto não tinha defesa

O «MUNDIAL» DE FUTEBOL

A ITALIA

(e por que não Portugal?)

pode beneficiar da desistência possível da Irlanda do Norte

Já se sabe o que sucedeu á Itália. Tendo embora recorrido aos «oriundos», levando quatro a Belfast, e todos na linha avançada, não conseguiu o seu objectivo, para o qual o empate bastaria: qualificar-se para a fase final do campeonato do Mundo. A Irlanda do Norte ganhou por 2-1 e juntou-se aos 14 países já apurados. Agora, só falta conhecer o 16.º, mas não parece dificil prevê-lo. O País de Gales, no mesmo dia, derrotou o Israel em Tel-Aviv e é plausivel que, na segunda «mão», em Cardiff volte a triunfar. Então, acontecerá este caso inédito: dos dezasseis finalistas, quatro serão britanicos! Inglaterra, Escócia, Gales e Irlanda do Norte, as quatro divisões da Grã-Bretanha, estarão na Suécia, na mais estranha anomalia da competição da F. I. F. A.

Nada justifica, realmente, este privilégio concedido aos britanicos. Já na Imprensa estrangeira o caso é tratado e comentado, ao mesmo tempo que se lamenta o apartamento do Uruguai e da Itália, ambos

(Continua na 3.ª página)

O melhor elemento do encontro C. U. F.-Sporting, Arsénio, que foi o autor dos três golos da sua equipa, é abraçado no fim do desafio pelos entusiastas da sua equipa. Deve dizer-se que estas felicitações foram merecidas

Os jogos da 2.ª Divisão

EM OLHÃO

Vitória justa

da equipa local

sobre o Montijo

A autoridade imposta pelo árbitro, desde o início do jogo permitiu assistir-se a uma partida correcta e emocionante, ainda que de fraco resultado para as merecidas possibilidades do Olhanense, principalmente agora em que as pedras do seu xadrez parecem estar certas, faltando apenas aperfeiçoar a estruturação da equipa.

Nunes e Alfredo, na defesa; e Parra e Angelo, no ataque, aperfeiçoaram o conjunto que poderá levar o Olhanense ao limite máximo das suas aspirações.

A dureza inicial posta na luta por alguns jogadores, principalmente do Montijo, foi quebrada pelo sr. Mário Mendonça, que apenas deixou passar em branco a atitude de Barrigana, ao atirar, por duas vezes e, propositadamente, o esférico para o publico.

Felizmente, os actos incorrectos dos jogadores vão desaparecendo no futebol português e cabe á Imprensa colaborar para que eles sejam eliminados.

E' bem verdade que os visitantes vieram animados duma garra invulgar para a luta, e isso valeu-lhes serem batidos por fraca margem, após o intenso domínio dos locais que, em outras circunstancias, podia ser muito mais ampla, pois Redol, Anica, Evaristo e José Paulo, só por si, valem um bom quinhão da equipa.

No sector algarvio, temos a registar a boa actuação de Alfredo, Angelo, Parra, Cava e Silvio, além da segurança de Nunes. A perfeita esquematização do jogo por parte dos Olhanenses justifica plenamente o êxito que conquistaram, se bem que, na segunda metade, os Montijenses tivessem ripostado da melhor maneira.

No Montijo, salientaram-se Redol, Anica, Ernesto, Veredas e José Paulo.

PEDRO MARTINS

TORNEIO DA ZONA SUL

A luta para os primeiros lugares

deverá manter-se até ao fim da competição

A 20.ª jornada do torneio da Zona Sul, do Campeonato Nacional da 2.ª Divisão, forneceu os resultados que a seguir recordamos:

Estoril-Farense 1-1 (1-3)
Arroios-U. Montemor 3-0 (1-0)
Almada-Coruchense... 1-0 (1-3)
F. C. Serpa-Atlético 1-1 (1-5)
Portimon.-Juvent. ... 1-0 (1-2)
Olhanense-Montijo ... 2-0 (0-0)
Portalegrense-Beja ... 1-1 (1-2)

Entre parêntesis indicam-se os resultados dos desafios da 1.ª volta.

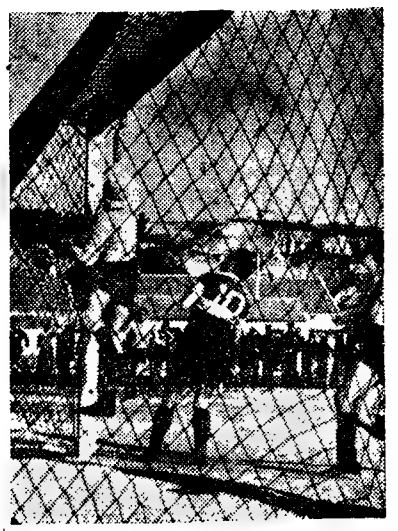
Desta maneira a classificação passou a estar assim ordenada:

Farense	20	13	3	4	41-24	29
Olhanense ...	20	13	2	5	46-19	28
Portimon. ...	20	12	1	7	43-24	25
Juventude ...	20	10	5	5	30-31	25
Arroios	20	11	2	7	41-35	24
Serpa	20	10	3	7	41-35	23
Desp. Beja ..	20	10	3	7	37-38	23
Montijo	20	9	4	7	40-27	22
Atlético	20	9	4	7	51-37	22
Coruchense...	20	6	2	12	27-47	14
Portalegrense	20	5	3	12	28-40	13
Almada	20	4	5	11	18-41	13
Estoril	20	3	6	11	23-36	12
U. Montemor	20	2	3	15	20-52	7

Ao contrário do que acontece na Zona Norte, a luta para a obtenção dos três primeiros lugares complica-se de jornada para jornada. Nem sequer o guia actual pode considerar-se certo de vir a terminar nessa posição. Ontem cedeu mais um ponto, deixando que os seus vizinhos de Olhão e Portimão se aproximassem.

Com as três equipas algarvias nos lugares cimeiros da tabela repete-se o «panorama» doutras ocasiões, que pode, no entanto, não vir a ser o ultimo, tão perto deles está uma meia duzia de equipas.

Os resultados de ontem não deixaram de provocar mexida na ordenação das equipas. Assim, o Portimonense adiantou-se ao Juventude (por permuta); o Arroios galgou dois lugares (de 7.º para 5.º); o Beja passou de 8.º para 7.º; o Montijo baixou de 5.º para 8.º; o Almada passou de 13.º para 12.º, por troca com o Estoril.



ALMADA-CORUCHENSE—O guarda-redes da equipa ribatejana repele a bola para «canto»

EM PORTALEGRE

O Beja

teve sorte...

No declinar da prova da Zona Sul, os Portalegrenses melhoraram de maneira pronunciada. Já estão livres, a bem dizer, do ultimo lugar, e no seu meio conseguiram ressarcir-se, finalmente, de vários malogros registados no começo da prova. Ontem receberam o Desportivo de Beja, clube que tinha as atenções na fase final do torneio, e só não ganharam o desafio porque os visitantes na defesa tiveram a sorte a ampará-los. Pode dizer-se que o melhor jogo pertenceu aos Portalegrenses, cujos avançados não conseguiram melhor produção de remate, devido á maneira enérgica e rude como agiram os defesas adversários, perante a complacência do árbitro.

O empate de 1-1 ficaram, pois, os Bejenses a devê-lo á toada rispida que os seus defesas puseram na luta e a qual, até certo ponto, intimidou os dianteiros da equipa local.

Diga-se, no entanto, que durante vários trechos do prélio os visitantes puderam gizar alguns lances de agrado, que confirmam, aliás, o apuro de forma a que chegaram nesta época.

Mas, no balanço geral, os Portalegrenses exibiram melhor fio de jogo e desfrutaram das mais nítidas ocasiões de marcar.

NA COSTA DA CAPARICA

Num terreno péssimo

era impossível jogar melhor

Interdito o campo do Pragal, o encontro entre o Almada e o Coruchense foi marcado para a Costa de Caparica num terreno de jogo em péssimo estado e sem condições para a prática do futebol de qualquer divisão.

Em terreno de areia movediça e muito esburacado era impossível aos jogadores dominar convenientemente a bola, o que os obrigava a um esforço altamente dispendioso e sem qualquer resultado prático para as turmas contendoras, sendo por isso a partida falha de primores técnicos e destituida de futebol que chegasse para o jogo.

E' certo que devido ao estado do terreno as equipas não conseguiram desenvolver o seu padrão normal, prejudicando o rendimento global da equipa. Contudo, se os jogadores não tivessem teimado em pessoalismos, o seu desgasto físico seria menor e o desfecho poderia ter sido outro.

Mais aguerrida e com melhor sentido prático ofensivo, a equipa de Almada saiu vitoriosa da pugna, apenas por resultado tangencial. O triunfo, no entanto, podia ser mais claro se os seus avançados não tivessem pecado no remate á baliza e se não fossem tão morosos na ordenação dos lances de ataque, permitindo por isso que o adversário lhes anulasse todos os intentos. Digamos mesmo que, com uma linha atacante mais expedita, o Almada podia ter vencido com facilidade, porque oportunidades para isso não lhe faltaram.

Devido ao esforço despendido no primeiro tempo, os Almadenses desceram nitidamente na outra metade do jogo, enquanto as suas jogadas se passaram a desenrolar sem aquela ligação necessária, umas vezes por lentidão dos interiores (principalmente José Augusto), outras devidas á melhoria do grupo ribatejano.

O Coruchense, com um primeiro tempo muito fraco, sem jogadas dignas de registo, aproveitou o cansaço do adversário para tentar mudar a feição da partida, conseguindo, em parte, os seus intentos. Os seus jogadores passaram a jogar com mais garra e, sobretudo, com mais entusiasmo e melhor ligação entre os seus sectores. Todavia, os seus dianteiros não estavam também em tarde afortunada e se em alguns lances não obtiveram o empate, não foi devido á falta do factor sorte, mas sim á incompreensível colocação do seu sector avançado, onde, em certas jogadas, se entenderam deveras.

Nos vencedores destacaram-se: Faustino Lídio, Costa e Jaime Silva. Nos vencidos sobressairam: Prates, Foguete, Narciso e Rocha.

Boa arbitragem de Joaquim Campos.

JOÃO MALHEIRO

NA AMOREIRA

Um Estoril «atrevido»

impôs-se ao «leader»

Quando, no minuto inicial o Farense atacou, ganhando um «canto» e tendo o golo á vista, em jogada movimentada, que Tarro desperdiçou atirando ao lado; e, na resposta, o Estoril se acercou das redes dos visitantes, tendo Uria entrado a um lance ao mesmo tempo que o guarda-redes algarvio, forçando este a conceder «canto» para evitar o pior, tivemos a impressão que, daí em diante, quer um grupo quer outro dificilmente teriam oportunidades tão fáceis de transformar... Foi assim durante quase todo o desafio, salvo no golo do Farense e no do Estoril, este, porém, em condições excepcionais, visto que nasceu de um «penalty».

Isto dá-nos a ideia de que a partida teve muitos períodos de jogo sem garra, e que na verdade aconteceu, salvando-se a parte final, da reacção estorilense a ganhar jus á igualdade que veio a verificar-se.

O Farense voltou a revelar jogo meticuloso, por vezes burilado demais, em contraste nesta partida, com o movimento que o Estoril imprimia ás suas jogadas, feitas á base de improvisação, sem que este, no entanto, não deixasse de ter a grande virtude de se impor mais eficazmente á toada de sossego que os Algarvios puseram no seu jogo.

Equipa por equipa, sem duvida, a dos Farenses foi melhor. Mas o ar atrevido com que o Estoril encarou este encontro, respondendo com o melhor animo ao jogo bem concebido do adversário, tornou perfeitamente lógico o empate verificado, tendo mesmo em conta que a grande penalidade lance meramente fortuito neste jogo, embora tivesse existido, não fosse a causa que justificasse essa igualdade. No ultimo quarto de hora, depois de sujeitos a pressão de que podia ter resultado em mais um ou dois golos do Farense, os Estorilistas, que nunca se entregaram, deram largas ao seu maior entusiasmo e criaram situações de que os Algarvios nem sempre se saíram da melhor maneira, ainda que as suas redes continuassem intactas. Já antes Uria e Caracol estiveram perto de atingir o alvo na reacção que se seguiu ao golo sofrido.

A linha média Farense soube apoiar bem o ataque e neste importante pormenor do jogo Bento e Vieirinha cumpriram cabalmente a missão, o primeiro sempre esforçado, e o segundo sempre habilidoso. No ataque algarvio, Armando, Tarro e Queimado estiveram em plano de evidência, mas Tarro mostrou-se afoito nos lances decisivos. A defesa teve em Ventura II o grande pilar e no guarda-redes (Ventura I) um bom elemento com algumas defesas de valor.

No Estoril, Uria voltou a revelar a sua superioridade em relação aos companheiros. Foi bem secundado por Caracol, havendo na defesa que destacar o bom trabalho de Mota e Batalha. Os restantes, animosos, sem, contudo, chegarem ao plano dos companheiros citados.

O trabalho do sr. Manuel Lousada não foi perfeita. No entanto, mostrou imparcialidade ..

J. L.

EM SERPA

Marca lisonjeira

para os Lisboetas

Este jogo entre o Serpa e o Atlético, ambos ainda com o pensamento na qualificação para a fase final, teve todas as características de partida decisiva, daquelas em que a ideia de ganhar sobreleva todos as outras preocupações. Não admira, por isso mesmo, que o nível técnico roçasse muito pelo mau jogo.

A compensação para o espectador resultou de cunho de forte emotividade, que esteve bem patente de principio a fim, e da incerteza apaixonante que existiu até ao apito final, sobre o resultado.

O Serpa consentiu um empate e assinale-se, desde já, que não faltam motivos para que os seus jogadores e adeptos aleguem infelicidade. De facto, a segunda meia-hora da metade inicial, pertenceu claramente aos visitados que forjaram muitas avançadas perigosas, perderam por infortunio três excelentes ocasiões de marcar e, em todos os aspectos, se afirmaram melhor equipa.

O zero-zero que se registava ao intervalo, estava assim longe de corresponder á fisionomia da partida e de se harmonizar com o labor de uma e outra turma. Após o descanso, assistiu-se, porém, a meritória reacção do grupo lisboeta que, talvez por inesperada, perturbou claramente o «onze» alentejano, cuja exibição baixou muito de tom, sobretudo no que se refere á organização da extrema defesa e do seu sector médio.

Até á passagem da meia-hora prevaleceu o ascendente do Atlético que, aos 6 minutos, se colocou em vencedor por intermédio de Martinho. No ultimo quarto de hora com os visitantes reduzidos a dez elementos pela expulsão merecida de Castiglia, o Serpa lançou-se numa tentativa desesperada para se furtar á derrota, o que conseguiu, nove minutos do final, com um forte remate de Teixeira da Silva.

Pelo que se disse, conclui-se que o empate é lisonjeiro para o Atlético, dado que não se pode esquecer a sua inferioridade perante o adversário nos primeiros quarenta e cinco minutos.

Constitui, porém, um prémio para a maneira, de certo modo valiosa, como soube reagir, depois do descanso.

O Serpa acusou sensivelmente a falta de alguns titulares, que o recurso á utilização do argentino Fonda, seu treinador, esteve longe de suprir convenientemente.

Além da falta de sorte, a equipa serpense teve culpas próprias na perda deste ponto em casa, pois desorganizou-se logo que o adversário passou a jogar com melhor movimentação e mais audácia.

Jogadores em destaque: Baião, Eduardo, Veríssimo e Mateus, entre os visitados; Santos, Pereira, Fonseca, Martinho e Mesiano, entre os visitantes.

A arbitragem do juiz farense Pinto Coelho foi irregular, complicativa e insuficientemente enérgica. O lançamento de bola ao solo com que reatou o desafio, após a expulsão do n.º 7 lisboeta, representou injustificado atropelo ás leis do jogo.

MELO GARRIDO

EM PORTIMÃO

Jogo sem história

Se quisermos aquilatar do valor técnico das turmas contendoras — ambas com grandes responsabilidades devido á posição que ocupam na tabela — pelo jogo que ontem se disputou, pouco se teria em conta a sua valia técnica, porque nada fizeram que merecesse nota positiva.

E não só os dois grupos jogaram muito abaixo das suas possibilidades, como até e para não destoar, o trabalho do sr. Guiomar, cujas arbitragens sempre temos conhecido como meritórias, sofreu o contágio do nível fraco do jogo, que decorria um vai-vem de bolas altas, de pouco «contrôle», obrigando aos chouses, nem sempre bem apreciados pelo juiz da partida.

De início, e logo ao primeiro minuto, numa descida rápida e inteligente, Romão desferiu potente remate e fez o unico ponto da partida. Com este tento, os Alentejanos recuaram defendendo a área perigosa e tentaram nalgumas descidas isoladas desfazer a vantagem dos alvi-negros que, devido ao desentendimento da sua defesa, esteve á beira de sofrer o empate.

Jogou-se aos repelões e sempre nesta toada, com algumas oportunidades desperdiçadas, consumiram-se os 90 minutos num prélio sem história devido á ineficácia, especialmente, dos dianteiros que não souberam atirar á baliza.

MARTINHO MERGULHÃO

ZONA SUL

NA PICHELEIRA

Vitória certa dos lisboetas

Partida de fraco nivel técnico a que se disputou ontem na Pichelleira, entre o Arroios e o União de Montemor.

Os Lisboetas, que na ronda anterior tiveram comportamento digno de nota alta ao baterem, sem remissão, o Farense, «leader» da Zona Sul, no estádio de S. Luís, em Faro, viram-se e descjaram-se para ganhar ao Montemor, ultimo da classificação. E porquê? Simplesmente porque o grupo da capital aceitou de boamente a toada do adversário, não impondo, como devia, a sua maneira usual de actuar, visto tratar-se de equipa melhor apetrechada.

Ao jogo alto e largo dos forasteiros, respondeu o Arroios da mesma maneira, pelo que durante toda a primeira parte só teve desvantagem, pois o Montemor, que dispõe de um grupo fisicamente bem constituido, ganhou quase sempre a disputa da bola, frustrando quaisquer intentos do adversário, para em contra-ataques rápidos fazer perigar, muitas vezes, as redes do Arroios.

E que assim era, provou-se plenamente na segunda metade da partida.

Rectificadas posições e passando a jogar com a bola sempre no chão, como é do gosto da equipa, os donos do campo puderam então dar a espaços uma imagem da sua valia e justificar, ao mesmo tempo, o triunfo alcançado.

E' assim o futebol. Não há jogos fáceis. O União de Montemor provou-o exuberantemente. Uma equipa que joga apenas com o coração e onde não abundam elementos de grande classe, pôde ombrear durante mais de metade da partida com um «team» que lhe é bastante superior, não saindo grandemente diminuido do confronto.

O Arroios, um pouco por culpa própria, ia, ontem, sendo vítima do aparente á-vontade com que encarou a partida.

Como conjunto, nenhuma das formações agradou. No entanto, algumas referências individuais se poderão fazer. No Arroios, Carvalho, Mário, Amadeu e Severino, estiveram acima dos companheiros.

Salgueiro, Reis e Narciso, distinguiram-se nos Alentejanos.

Boa actuação do director da partida, que teve ovação especial no fim do encontro, apesar de se tratar de um novo que prestava provas de exame.

RUI DIAS

NOVOS DIRIGENTES

Para presidir á direcção, conselho fiscal e assembleia-geral do Grupo Desportivo da General Motors, foram eleitos, respectivamente, os srs. Thomas North, José Marques Guerra e Luís de Almeida Leite.

ILLIABRUN CLUBE

Reuniu-se a assembleia-geral desta colectividade de Ilhavo. Foram eleitos os srs. prof. Guilhermino Ramalheira, capitão Manuel Ré e dr. Alcino Couto, respectivamente, para presidentes da assembleia-geral, conselho fiscal e direcção, cuja cerimónia de posse se realizou no dia 18, com grande concorrência de sócios.

Campeonato de damas

Encontra-se aberta a inscrição para o 1.º campeonato de damas organizado pelo Clube Arte e Sport, o qual deverá começar no dia 8 de Fevereiro.

PIANOS
Verticais e de Cauda
ALUGAM-SE
Est. Valentim de Carvalho, Lda.
95, Rua Nova do Almada, 99
LISBOA

TORNEIO DA ZONA NORTE

Guimarães, Covilhã e Boavista

bem encarreirados para a fase final

A 20.ª jornada do torneio da Zona Norte, do Campeonato Nacional da 2.ª Divisão, forneceu os resultados que a seguir relembramos:

Leixões-Vila Real ...	*0-0 (2-3)*
Vianense-Gil Vicente	*2-0 (0-0)*
V. Guim.-Sanjoanense	*6-0 (1-1)*
Tirsense-Marinhense	*2-0 (1-1)*
Peniche-Covilhã	*0-3 (0-6)*
«Leões»-Boavista.....	*1-3 (0-0)*
Chaves-Espinho.....	*3-0 (0-3)*

Entre parentesis indicam-se os resultados dos desafios da 1.ª volta. Desta maneira a classificação ficou assim:

V. Guimarães	20	15	2	3	62-23 32
Spt. Covilhã..	20	13	2	5	50-18 28
Boavista	20	12	2	6	46-30 26
Spt. Espinho	20	8	7	5	39-33 23
Gil Vicente ..	20	8	5	7	27-39 21
Leixões	20	7	5	8	37-33 19
Marinhense...	20	8	3	9	30-34 19
Sanjoanense..	20	8	2	10	38-41 18
Desp. Chaves	20	7	4	9	30-43 18
Peniche	20	6	5	9	30-41 17
Vianense	20	6	4	10	24-32 16
Tirsense	20	6	4	10	26-43 16
Vila Real ...	20	5	5	10	19-31 15
«Leões»	20	3	6	11	16-30 12

Os três clubes da frente da classificação ganharam mantendo as diferenças de pontuação entre si. E como o quarto classificado perdeu, sucedeu que se abriu maior clareira entre o 3.º e o 4.º classificado, tornando-se mais firme a impressão de que só muito dificilmente — faltam sòmente seis jornadas — os apurados para a 2.ª fase deixarão de ser os três primeiros da actual classificação, que, por coincidência, são equipas que já estiveram na 1.ª Divisão.

Dos resultados de ontem — e o melhor pertenceu ao guia — só surgiram alterações na classificação, a partir do 6.º lugar. O Leixões passou de 8.º para 6.º adiantou-se ao Marinhense e á Sanjoanense, que baixaram um furo cada; o Desportivo de Chaves subiu de 10.º para 9.º, por permuta com o Peniche; e o Tirsense passou de 13.º para 12.º, por troca com o Vila Real.

Em ultimo lugar, o «Leões» — o unico do quarteto dos ultimos, que perdeu — agravou a sua posição, ficando a três pontos do que o antecede.

Pronta reabilitação do Vitória

Recebendo um adversário tido como difícil, os Vimaranenses souberam reconquistar todo o seu prestigio e confiança, impondo á Sanjoanense um resultado amplo, que não foi mais do que o reflexo da sua superioridade.

De começo, pondo em prática toada de jogo rijo, os visitantes tornaram trabalhosa a tarefa dos Minhotos, que, por esse motivo, não foram além de dois golos até ao intervalo, evidenciando melhor capacidade, mas sem que com ela lograssem submeter, inteiramente, os adversários.

Talvez porque o desfecho não oferecia duvidas, a Sanjoanense, na segunda metade, encarou o jogo de modo diverso e o encontro evolucionou em sentido mais agradável, com as duas equipas empenhadas, em exibir-se com acerto. Com o rodar do tempo, porém, os locais foram-se tornando senhores absolutos da acção, compelindo os Sanjoanenses a defesa aturada que não evitou o acréscimo de quatro golos, devidos á eficiência da linha dianteira do Vitória, ficando á conta do avançado Ernesto metade dos tentos do encontro.

Boa saída do Covilhã

A deslocação do Covilhã a Peniche, deu aos Serranos um bom triunfo contra uma equipa fortemente moralizada, que fazia antever-lhe embaraços. De facto, no período inicial, os Penichenses não deixaram de alardear o seu estado de espírito, opondo-se ao sentido mais apurado do seu contendor com extraordinário animo, o que conservou a partida em elevado nível de interesse, tanto mais que o marcador se manteve em branco até aos 45 minutos.

No prosseguimento, tudo se modificou. O Covilhã pôs maior velocidade nas suas jogadas e o Peniche não conseguiu aguentar o ritmo, cedendo três golos em breve espaço, o ultimo dos quais provacando enorme bronca que interrompeu a partida por mais de dez minutos, com motivo numa deslocação suposta que o árbitro não considerou. O incidente liquidou práticamente o encontro passando os Covilhanenses a viver o resultado já feito, com os Penichenses resignados.

O Boavista soube vencer as contrariedades

A arriscada saída dos «axadrezados» a Santarém, proporcionou-lhes um exito que foi precioso, pelos seus efeitos na classificação e pela maneira como a equipa soube enfrentar as contrariedades que se lhe depararam.

Na realidade, o encontro começou sob os piores auspicios para os Portuenses que logo aos 6 minutos sofreram um golo e ficaram privados do seu guarda-redes, fortemente lesionado, tendo de ser substituído por Albino, durante 10 minutos. Quando Américo regressou á baliza, o Boavista reencontrou-se e obteve o empate, adquirindo com ele o estímulo necessário para impor domínio até final do jogo, expressando através de dois novos golos a sua maior robustez técnica e física.

Os Ribatejanos, com um jogador também inferiorizado por acidente, actuaram de forma medíocre, deixando-se submeter largamente e não indo além de fugas esporádicas.

A vitória dos Portuenses foi, deste modo, inteiramente natural e merecida.

O Espinho, sem sorte em Chaves

Os Espinhenses foram infelizes na sua viagem a Chaves. Perdida a colaboração do seu guarda-redes, acidentado quando não havia mais de três minutos de jogo, o grupo da Costa Verde não evidenciou o seu vigor característico, sucumbindo ante golpe de pouca sorte, e a vontade indómita que os Flavienses puseram na luta. Estes, já com um golo de vantagem na altura do descanso, intensificaram a ofensiva, na segunda metade, colocando em grandes dificuldades os visitantes, cujo animo se havia quebrado.

O triunfo flaviense, por 3-0, embora premiando o esforço desenvolvido, filiou-se principalmente na contrariedade que atingiu a equipa do Espinho.

O Vianense impôs-se ao Gil Vicente

O resultado verificado em Viana do Castelo, favorável aos locais por duas bolas, concretizou-se apenas no período final do encontro. Até aí, o Gil Vicente, demonstrando grande firmeza, havia resistido a todas as tentativas dos locais, que só aos 50 minutos puderam abrir o activo. Pouco depois, os visitantes ficaram reduzidos a dez unidades, por expulsão do defesa Serodio, mas assim mesmo não deixaram de procurar animosamente o empate.

Os Vianenses, entretanto, bem impulsionados por Castillo, consolidaram o triunfo, pertencendo-lhes abertamente o domínio nos derradeiros minutos, em que só a boa actuação do guarda-redes Augusto evitou aos gilistas marca mais pesada.

Empate meritório para o Vila Real

No campo de Santana não se registaram golos, o que significou para o Vila Real, visitante do Leixões, um empate meritório, embora não tivesse bastado para afastar os Trasmontanos da zona perigosa da classificação. O encontro foi mal jogado pelos Matosinhenses, que raramente conseguiram lances de entendimento e os Vila-realenses, mercê dessa circunstancia, e do trabalho certíssimo da sua defesa, fizeram inteiro jus ao ponto conquistado.

O Tirsense travou o passo ao Marinhense

Prestigiado pelo seu sensacional exito da jornada anterior, sobre o guia da zona, os Marinhenses, foram a Santo Tirso confiantes num bom resultado e, durante largo tempo, a sua expectativa pareceu justificada, pois as melhores situações de golo, tornaram-se sua pertença, podendo os locais considerar-se muito afortunados em alguns momentos nos quais a bola foi repelida já em cima do risco da baliza.

Alcançado, porém, que foi um tento de grande penalidade, quando havia 52 minutos, os Tirsenses transformaram-se, assumindo a luta carácter enérgico e mesmo de reprovável dureza.

A um quarto de hora do fim, o Marinhense ficou sem o seu guarda-redes, que abandonou o terreno magoado, e a sorte do encontro ficou ditada, com novo golo dos locais, pouco depois.

Confirmando o aspecto desagradável, registou-se ainda a expulsão do médio Lopes, por agressão a um adversário, terminando a partida em clima nada interessante.

3.ª DIVISÃO NACIONAL

Resultados interessantes

nos jogos da primeira jornada

Começou ontem a segunda fase do Campeonato Nacional da 3.ª Divisão. Registaram-se alguns resultados curiosos. Dos 60 jogos do programa, os quais interessam todo o País, onze terminaram com a vitória das equipas visitantes. Eis um rápido balanço da jornada inicial:

PRIMEIRA SÉRIE — Mirandela-Académico do Porto, 1-2; Sp. Fafe-Os Limianos, 5-1; Murça - Famalicão, 3-7; Régua-Bragança, 1-0. Os famalicenses parecem desejosos de regressar ao posto de evidência de que já desfrutaram. Bons êxitos dos sportinguistas de Fafe e do Académico.

SEGUNDA SÉRIE — Ovarense-Penafiel, 3-0; Leça-Varzim, 3-2; Feirense-Beira Mar, 0-3; Avintes-Oliveirense, 1-0. Varzim e Oliveirense, campeão de Aveiro, deram boa réplica. Boa vitória dos beiramarenses, fora de casa.

TERCEIRA SÉRIE — Mortágua-Académico de Viseu, 1-6; Minas da Panasqueira-Tondela, 5-1; Covilhanense-Sp. Gouveia, 1-1; Lusitano-C. Branco, 0-0. Tudo parece indicar que irá travar-se novo duelo entre albicastrenses e academistas.

QUARTA SÉRIE — Ateneu de Leiria - Marialvas, 5-3; Alcobaça - Norte e Souse, 2-0; União Coimbra-Naval, 2-0; S. L. Marinha-Marrazes, 2-3. A prova promete decorrer com equilíbrio. Unionistas, atenistas e Marrazes, sobretudo este, começaram bem.

QUINTA SÉRIE — Vilafranquense-Operária, 1-1; Ferroviários-Bevente, 0-1; Alferrarede-T. Novas, 1-7; S. L. Olivais-Alhandra, 3-0. Operária, T. Novas e Benavente tiveram estreia feliz. Os Olivalenses vão conhecer bons adversários.

SEXTA SÉRIE — Luso-Amora, 1-2; Seixal-Sacavenense, 2-2; Casa Pia-Pescadores, 1-0; C. Piedade-Sintrense, 2-0. Amora e Sacavenense estiveram em evidência. Os Pescadores de Caparica ofereceram em Lisboa excelente réplica aos casapianos.

SÉTIMA SÉRIE — Campomaiorense-S. C. Estrela, 3-1; «O Elvas»-Estrela de V. Novas, 3-1. Os Elvenses jogaram sem oito titulares, a sofrerem castigos aplicados na ultima época.

OITAVA SÉRIE — Lusitano-Silves, 2-3; S. Brás-S. Domingos, 2-3; Despertar-Sambrazense, 0-2; Aljustrelense-Moura, 1-1. Foi um dia em cheio para os clubes visitantes. Realce-se o comportamento dos Silvenses.

CIGARRILHAS E CHARUTOS
KAREL I
MAIS SUAVES E AROMATICOS

O «Mundial» de futebol

(Continuação da 1.ª página)

duas vezes campeões mundiais, talvez sacrificados em holocausto aos interesses da Grã-Bretanha.

A situação é, na verdade, invulgar. Dir-se-á que a Itália e o Uruguai perderam a sua qualificação em campo. E' verdade. Simplesmente, sem a preponderancia admitida aos britanicos, talvez houvesse uma fórmula, na distribuição dos concorrentes e no numero de apurados, de procurar impedir um facto chocante, impressionante mesmo.

O «mal» está feito.

Todavia, levanta-se o problema da participação da Irlanda, cujos jogadores, pelo regulamento nacional, não podem actuar ao domingo. Admite-se a desistência dos Irlandeses, tanto como uma revisão do seu anacrónico regulamento. A Suécia não parece disposta a abdicar dos desafios ao domingo e está no seu pleno direito. Aliás, as ideias anacrónicas de um país não podem, nem devem, influenciar numa competição na qual esse país voluntàriamente se inscreveu...

Se a Irlanda abandonar, aflora-se que será chamada a Itália, 2.ª classificada no grupo. Isto daria satisfação a um país que foi duas vezes campeão, mas poderá, mesmo assim, discordar-se da solução. A desistência deveria implicar a anulação dos jogos que disputou e, deste modo, Portugal e a Itália ficariam em igualdade de pontos (os golos não contam, mas se contassem ainda a igualdade se manteria), justificando plenamente um desempate em campo neutro. Cremos que esta hipótese é de encarar pela nossa Federação, que deverá manter-se alerta... E' provável que os Irlandeses acabem por se adaptar ás realidades, mas não parece desacertado estar-se de atalaia...

* * *

A preparação dos vários países concorrentes intensifica-se, em quase toda a parte. Na França, na Russia, na Hungria e na Jugoslávia começaram os estágios dos pré-seleccionados e os trabalhos de treino tomam forma. Na Argentina também a preparação se iniciou. E o próprio México, de escassas possibilidades, não descura a sua acção. Só o Brasil parece adormecido, sem jogadores designados nem técnico nomeado, pois aguardava-se o resultado da eleição para a presidência da C. B. D. Ela realizou-se já, tendo ganho largamente João Havelange, candidato da própria Confederação, que deixou a larga distancia o candidato da oposição, Carlito Rocha. Espera-se, agora, que tudo se acelere, até porque a Imprensa se lançou já numa campanha a que Geraldo Romualdo da Silva deu expressão no «slogan»: «todos os países começaram a sua preparação, menos um — o Brasil!»...

Em França, no entanto, as coisas correm mal. O primeiro estágio, em Limoges, ficou limitado a um dia num hotel e a dez dos quinze elementos convocados. Dois deles não são dispensados pelo Exército, não obstante tratar-se da representação nacional. As possibilidades dos «tricolores» aparecem minimas no grande pleito do futebol mundial.

* * *

Para a Taça dos Campeões Europeus, o Manchester United, venceu o Estrela, de Belgrado, por 2-1, mas toda a cidade tremeu ao saber-se que os Jugoslavos ganhavam ao intervalo por 1-0. A reacção, e o melhor jogo, dos Ingleses acabou por lhes dar um triunfo escasso, que pode não ser bastante para o encontro da segunda «mão».

Este desafio revestiu-se de uma particularidade notável. Na sua politica de rejuvenescimento e descoberta de novos valores, Matt Busby fez alinhar, no grupo do United, Morgan, de 18 anos, e Scanlon, de 20, ao lado de Edwards, Coleman e Charlton, respectivamente, de 21, 21 e 20 anos! Mais ainda: no banco dos suplentes do United estavam Wood, guarda-redes internacional, Berry, extremo-direito, Whelan, interior-direito, e Pegg, extremo-esquerdo, todos também internacionais!

E', realmente, um caso espantoso.

NO-NIK
A BOQUILHA ANTI NICOTINA
QUE OS MÉDICOS RECOMENDAM

Olá Glória

* **Que, em todas as partes do Mundo, os grande clubes têm momentos de crise...**

* **Que a equipa do Benfica jogou bem, e não merecia a derrota.**

Tivemos oportunidade de observar na semana transacta que inumeros «casos» têm sido fomentados em um sem numero de grandes clubes de várias partes do Mundo, em virtude da insatisfação e do desagrado dos quadros associativos dessas mesmas agremiações pelas fases menos favoráveis, ou talvez mais adversas, atravessadas momentaneamente pelas suas equipas representativas. Assim é que, em Itália, há uma enorme reacção contra os responsáveis e jogadores do Milão e do Fiorentina; na Espanha, o «milionário» Real Madrid, da mesma forma que os dois grandes grupos transalpinos, integrado por jogadores fabulosos e pagos a peso de ouro atravessa um momento crítico, com campanhas reaccionárias contra os «homens do futebol»; no Brasil, o famoso treinador Fleitas Solich, depois de alcançar três títulos de campeão seguidos e haver dado ao C. R. Flamengo nada menos de 4 campeonatos em 5 anos de contrato, entra em litígio com o seu clube porque a intransigência dos adeptos não admitiu a perda deste ultimo certame; aqui, para não se fugir á regra, o mesmo problema se põe. Todas as vezes que uma equipa atravessa uma fase menos favorável — cousa infalível, vulgar e inexplicável, em futebol — a incompreensão e a paixão desenfreada dos adeptos e dos eternos pessimistas e descontentes fazem-se presentes, com todo o seu desagradável cortejo de injustiças, ingratidões e comentários desairosos. Os dirigentes mais ligados ao futebol, que nos tempos favoráveis são incensados por todos os meios e modos, passam a ser apodados de relapsos e desinteressados; os treinadores, por mais provas de competência, honestidade, rectidão, capacidade, e suficiência que tenham dado são taxados de incapazes, falhos e outros adjectivos do mesmo jaez; e os jogadores, por sua vez, de semi-deuses, futebolistas de eleição e outras quejandas coisas, passam a ser nada menos que autênticos «pernas de pau». Bem sabemos que de nada adiantarão as nossas palavras e que — até mesmo serão mal interpretadas por alguns — não nos estamos arvorando em «palmatórias do Mundo». Entretanto, cremos que nunca fazem mal as campanhas que as pessoas bem intencionadas estão a fazer no sentido de dar aos torcedores e associados dos clubes desportivos, bem como aos aficionados do desporto das multidões a necessária e indispensável isenção de animo para que encarem os sucessos e «desaires» das equipas de suas predilecções com a compreensão e o espirito de «fair-play» próprio dos verdadeiros desportistas. E' preciso compreender, antes de mais nada, que os profissionais do futebol, técnicos ou jogadores, são homens como quaisquer outros, com as mesmas virtudes e defeitos e susceptiveis dos mesmos erros e deslises. Querer fazer deles criaturas privilegiadas, capazes de fazer sempre o melhor, é que é humanamente impossível e descabido. Do mesmo modo, não se deve esquecer tudo o que de bom e valioso foi feito na «época das vacas gordas», para só lembrar os períodos difíceis. Tornamos a afirmar que não contamos com os efeitos da nossa peroração, mas nunca é demais lembrar a esses que querem tudo bem feito, que aquele que não tiver erros ou não passar por fases menos favoráveis, ainda está por nascer...

E que os «tifosos» do futebol não esqueçam, que os mesmos elementos que em certa altura são depreciados, são os mesmos que em tempos passados prooprcionaram inumeros e indiziveis momentos de alegria. Os mesmos que hão-de dar mais alegrias no futuro.

* * *

Foi dos mais emotivos e sensacionais o grande encontro de ontem, no qual, embora jogando em perfeito pé de igualdade em alguns momentos, e com absoluta superioridade em diversos outros, fomos batidos pelos nossos valorosos adversários do Porto. Pese á fase adversa que atravessamos, a nossa equipa começou o desafio com muito boa produção, apesar de ter pela frente um antagonista de excepcional categoria. E durante todo o tempo, a luta caracterizou-se pelo maior trabalho individual dos vencedores, em sua maioria jogadores excelentes e pelo labor conjuntivo muito mais acertado dos nossos defensores. Ainda que correndo o risco de merecer críticas, mas emitindo apenas a nossa opinião, achamos que o Benfica (levando em conta o período que atravessa) jogou bem e não mereceu a derrota. Ainda sem a confiança e o àvontade que só os bons momentos permitem, e perseguidos por uma «guigne» terrível que lhes negou sempre as melhores oportunidades de êxito, ainda assim os nossos rapazes foram briosos, lutadores, entusiastas e correctos, lutando até ao final da contenda como atletas dignos da gloriosa camisola que envergam. Não queremos deixar de, mais uma vez, enaltecer o apoio incondicional e entusiástico da massa associativa, que, compreendendo o transe dificil por que vêem passando esses mesmos jogadores que tantas tardes inesquecíveis lhes proporcionaram, e lembrando que é nesses momentos que se conhecem os amigos, não lhes regateou o seu mais caloroso aplauso e incentivo. E' que, só sabendo que contam com o amparo indispensável dos seus consócios, embora cientes de que há também (felizmente em numero infimo...) os eternos pessimistas que exigem «tudo bem feito», os nossos jogadores sentir-se-ão com maiores forças para enfrentar a adversidade e continuar trabalhando decidida e afincadamente para reocupar o lugar destacado que conquistaram e ao qual o glorioso Benfica tem direitos assegurados e inconstestáveis.

Afinal, não «há bem que sempre dure, nem mal que nunca se acabe»!

OTTO GLÓRIA

NO CAMPO DAS COVAS

Jogo movimentado

e boa exibição do Torriense

O Torriense, agora em fase de franca recuperação, recebeu a equipa do Restelo e confirmou o favoritismo que inumeros desportistas lhe vaticinavam. E havendo que confessar, igualmente, que o contrário poderia ter acontecido, devemos considerar justa a vitória da equipa que levou até ao fim o seu querer, sem nunca se desnortear, não se entregando aos vaivens da sorte nem á vontade do adversário. Que diferença entre a actual equipa torriense e a do princípio do campeonato, que reinava em não se encontrar!...

O encontro do campo das Covas não desiludiu. Pelo contrário. Constituiu excelente jogo de campeonato, todo nervos, todo vibração, com boas e movimentadas jogadas que empolgavam ora uma, ora outra falange de apoio.

Um remate de Matateu que levava lume e a que Montero respondeu com uma defesa de classe, logo no primeiro minuto de jogo, e a sensação de golo nas balizas de José Pereira na jogada seguinte, deixaram adivinhar o propósito dos dois grupos se aplicarem a fundo.

Assim aconteceu, na verdade. E o primeiro quarto de hora caracterizou-se, todo ele, pela toada de parada e resposta, com ataques alternados dos dois contendores. Mas á medida que a meia hora se ia aproximando, o Torriense superiorizava-se, embora ligeiramente, ao seu antagonista. E aos 19 e 25 minutos os donos da casa estiveram prestes a marcar, primeiro com um remate de Saldanha, que parecia levar o rótulo de «golo», depois, com um balão de Moreira que, por pouco, não introduziu a bola nas proprias redes. A' entrada do ultimo quarto de hora, porém, os Lisboetas sacudiam a pressão adversária, voltando a aparecer com frequência no meio-terreno torriense.

Quando o intervalo chegou, a marca de zero-zero reflectia, de certo modo, a marcha dos acontecimentos, conquanto não desse a ideia da acção das linhas avançadas que se haviam mantido em constante actividade.

Mal o árbitro apitou para o recomeço, os forasteiros entraram de rompante, demonstrando a intenção de resolver a contenda a seu favor. E talvez isso tivesse acontecido, se não fosse a precipitação dos atacantes lisboetas, em certos lances, a falta de sorte noutros. Com efeito, a Vítor Silva, no primeiro minuto, e a Bezerra, quatro minutos depois, ficaram os «azuis» devendo as maiores perdidas do encontro. Finalmente, aos 8 minutos, Matateu viu um golo anulado por deslocação. Até que, pouco depois, Morais, após, ter desarmado excelentemente o médio-esquerdo alfacinha, progrediu, vertiginosamente, pela direita, para centrar na «hora H», proporcionando a Mário o primeiro golo da sua equipa.

Para o Torriense, este golo foi o «abre-te Césamo». Cresceu de forma surpreendente, embaraçando amiude a defesa contrária. E depois da alguns ataques bem urdidos, conseguiu consolidar o seu triunfo, com um tento que nos pareceu precedido de deslocação.

O Belenenses acusou o toque e, visivelmente desorientado, passou um mau bocado. E se o grupo da casa tem sido afortunado, talvez a estas horas os lisboetas se lamentassem de punição mais severa e que, de mado algum, poderia considerar-se como balanço lógico e justo dos noventa minutos de peleja.

Os golos, no entanto, não surgiram e a equipa do Restelo conseguiu recompor-se, lançando-se, desesperadamente, á procura do golo que acabou por surgir quando naviam decorridos quarenta e cinco minutos.

O triunfo assenta bem ao Torriense que, mesmo no período em que foi dominado pelo adversário, não perdeu o norte. Boa exibição e excelente resultado que o colocou apenas a um ponto de grupo dos «quartos» da tabela.

Por seu turno, os «azuis» não desiludiram, havendo, apenas, a apontar-lhes aquele período de desnorteamento a que já nos referimos.

Dos vencedores, queremos des-

(Continua na 6.ª página)

O interior Vítor Silva, elevando-se bem, remata de cabeça sem perigo...

Garcia, elevando-se, afasta o perigo. Apesar de bem vigiado por três ... guiu disparar o remate e fulmi... feito o 1.º go...

EM VIDAL PINHEIRO

Jogar pa...

— exclusivo

O encontro entre salgueiristas e Eborenses foi um verdadeiro jogo de contrastes. A começar, desde logo, pelo resultado. Cinco golos a zero fazem presumir, a quem se fiar apenas pelos numeros, ascendente esmagador por banda da equipa vencedora, com o adversário comprimido fortemente no seu meio campo e entregue, de princípio ao fim, a tarefa atabalhoada de defesa.

Ora, não foi esta, longe disso, a imagem de «Vidal Pinheiro». O panorama foi outro, completamente outro, não podendo sequer dizer-se que, no aspecto territorial, um dos grupos se tenha superiorizado na posse do rectangulo. O jogo foi sempre repartido, de face equilibrada, e se alguém se houver dado á paciência de contar as investidas de Portuenses e Alentejanos, certa-

Distr buição

de prémios

No refeitório da empresa, em Santo Amaro, o Grupo Desportivo da Carris promove amanhã, ás 17,30 horas, uma sessão para distribuição de prémios. O dr. Manuel Gomes Varela Fradinho pronuncia uma palestra subordinada ao tema «Algumas normas de cultura física para operários».

EM BRAGA

O Barreirense alcançou

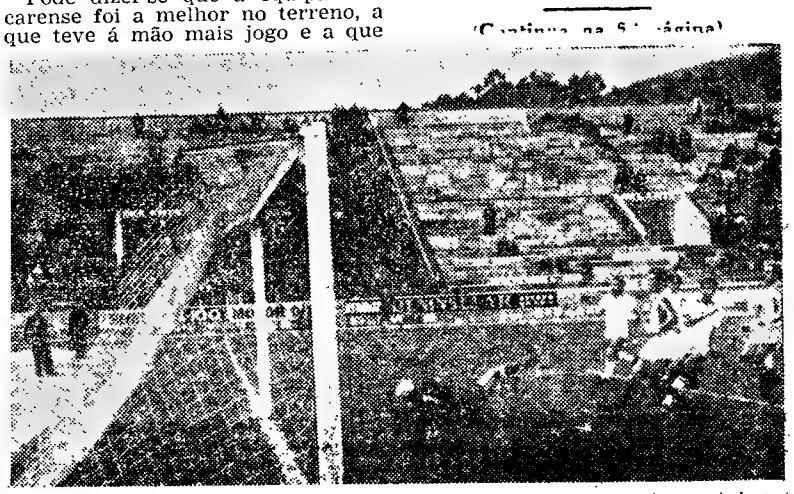
boa proeza na capital do Minho

A igualdade imposta pelos homens do Barreiro aos Bracarenses não era, por certo, esperada. Mas se ela veio a constituir surpresa, como realmente terá acontecido, a verdade é que quem assistiu ao jogo, não pode sentir-se escandalizado com o resultado final da pugna que se travou no Estádio 28 de Maio.

Pode dizer-se que a equipa bracarense foi a melhor no terreno, a que teve á mão mais jogo e a que comandou a partida. Mas, essa superioridade, vistas bem as coisas, foi, em parte, consentida pelo Barreirense. E isso aconteceu porque os visitantes deslocaram-se á capital do Minho com manifestas preocupações defensivas.

Logo nos primeiros ensaios do encontro, foi fácil adivinhar a manobra dos homens do Barreiro. Vasques, por exemplo, andava com o

(Continua na 6.ª página)



Jorge Mendonça marcou neste lance, o 1.º golo da equipa minhota no desafio contra o Barreirense

e desfaz um ataque do Salgueiros dversários, Jorge Mendonça conse- ar as balizas de Bráulio. Estava lo da partida

)

ra marcar

do Salgueiros...

mente não encontrará saldo considerável em favor dos primeiros.

E, no entanto, estes foram vencedores indiscutíveis, exercendo irrecusàvelmente, um domínio bem visível no jogo. Tão visível que, e esse é outro dos contrastes, as cinco bolas de diferença não têm nada de exagerado na sua expressão, admitindo-se até, sem esforços, que o algarismo pudesse ser substituído por um de valor ainda mais elevado.

E' que o Salgueiros de ontem, bem diferente do Salgueiros de muitos outros dias, soube ser impecável na ordenação do seu jogo e, o que é mais, inexcedível a dar-lhe sentido prático. Os «encarnados» jogaram para marcar essencialmente, e, sob o império das circunstancias, que os colocaram na zona angustiosa da tabela, souberam encontrar a melhor das inspirações, desenvolvendo futebol fogoso, sim, por vezes mesmo impelido como que a jacto, mas com a medida precisa, em que os passes e os toques se limitavam ao rigorosamente indispensável e em que nenhuma acção ficava sem finalidade.

Esse foi, afinal, o grande segredo do triunfo, a todos os títulos magnífico, obtido pelos locais, que exerceram a sua autoridade sem congestionar o jogo e procurando, e encontrando, o fecho dos seus golpes de ataque no mais simples dos desenhos que, talvez por isso e pela velocidade que animava todos os lances, superou a defesa eborense em proporções maiores ainda, repete-se, do que aquelas que ao fim se afixavam no marcador. Mas, nesse aspecto há que atentar na presença de Vital impeditiva, inúmeras vezes, de que se concretizasse o que parecia inevitável.

E' possível que o Lusitano se tenha deixado iludir por alguns antecedentes, entregando-se a um jogo aberto perante um contendor tido, mesmo na casa deste, como ao seu alcance. E também terá contribuído para que os Alentejanos se mostrassem afoitos e confiados, a feição das jogadas iniciais, que se lhes revelaram favoráveis, provàvelmente, a sua ideia de se darem á luta sem preocupações especiais, pela manobra defensiva que tem afirmado o seu forte.

O certo é, porém, que apesar do desembaraço com que os visitantes evolucionaram e fizeram seguir o seu jogo até junto da defesa contrária, esta conseguiu dominá-lo sempre, colocando-se hàbilmente em todos os seus cruzamentos, que eram muito mais do que aqueles que o processo de ataque salgueirista proporcionava á retaguarda oporta. Assim, marcado o primeiro golo que foi, pela sua fulgurancia, o espelho fiel do que ia na alma dos jogadores «encarnados», a equipa da casa conseguiu um tal impulso e firmou-se num tal estilo que se tornou irresistível.

E nem vale a pena distinguir jogadores, tanto eles se nivelaram, em vontade e rendimento do lado salgueirista, ou manifestaram actividade, se bem que ineficiente do lado de Evora. A partida, animada pelo entusiasmo das duas partes, foi um todo intenso de luta até ao fim. Mas, o jogo directo, positivo, foi sempre exclusivo dos vencedores, que pôr isso chegaram até onde chegaram.

ALBERTO LOBO

EM SETÚBAL

O empate

seria o melhor resultado

Foi difícil o triunfo que o Vitória de Setubal obteve, ontem, no seu campo sobre a equipa da Académica.

Dificil pelos problemas que o grupo de Coimbra apresentou nos Arcos e que visivelmente embaraçaram os Setubalenses, mas mais dificultada ainda por defeito de organização da equipa local.

Valeu aos Sadinos — e fazemos-lhes a justiça de aceitar o benefício como merecido — o favor da sorte que, por mais de uma vez, salvou, milagrosamente, a sua baliza, quando parecia certo que a bola ia ultrapassar a linha limite, o que, afinal, nunca se deu.

E é tanto mais estranhável a incaracterística e insólita actuação dos locais, quanto é certo que a Académica produziu exibição muito abaixo do seu normal, embora em organização de jogo e capacidade de execução, tivesse sido quase sempre (exceptuamos os 20 minutos iniciais), superior ao adversário.

Talvez que o tom repousante — dizemos mesmo desinteressado — que os estudantes inicialmente imprimiram á partida, esteja na base de uma exibição global modesta, na mesma medida em que terá dado aos Setubalenses ideia errada do poder dos visitantes, em face das facilidades concedidas.

Nem a Académica conseguiu atingir nível elevado quando se mostrou mais empenhada no jogo, chamando a si o comando das operações, retendo o mais possível o esférico em seu poder, mercê da facilidade com que os seus elementos trocavam a bola entre si, furtando-a á posse do adversário, nem o Vitória conseguiu manter o ritmo harmonioso da primeira vintena de minutos, perturbando-se demasiado ante o receio de que o antagonista se adiantasse no marcador e passando a preocupar-se mais com o seu sistema defensivo. O ataque de Setubal ganhou aquele tom de «tentativas aos repelões», insuficientes para ludibriar uma defesa imperturbável e decidida, como é a da Académica.

Do lado dos visitantes, afigura-se-nos que o seu processo careceu de objectividade, apenas porque as peças da máquina estavam mal distribuídas, emperrando a sua normal progressão.

Com efeito, a vantagem dos «estudantes» — salvo depois de sofrido o golo que determinou a sua derrota — era meramente de ordem técnica, na organização e execução de manobras a meio campo, mas á qual não correspondia qualquer superioridade territorial, pois os seus jogadores trocavam a bola entre si, dominando todos os adversários que apareciam a dar-lhes luta, mas não progrediam no terreno o necessário para constituir ameaça séria á baliza de Libanio.

É que o fulcro dessa organização — o extremo-direito Malicia, desviado para a posição de interior recuado — não se revelou á altura de desempenhar o lugar de impulsionador da manobra atacante, além disso a sua ausência no sector avançado foi notória, dado que, sendo aquela função normalmente desempenhada por Rocha, o macaista mantém sempre uma actividade que não diminui a força ao poder atacante da equipa.

E a simples observação de que a certa altura o papel de coordenador da manobra a meio campo passou para Wilson (por troca de posição com Torres) — com vantagem imediata da Académica, traduzida num sentido mais efectivo do ataque — leva-nos a concluir que a deficiência teria sido notada e reparada.

O Vitória, no geito descontrolado de defesa a desfazer de qualquer maneira as tentativas adversárias (Artur Vaz era o unico que punha na sua acção uma nota de orientação), com um médio embrulhado na defesa (Orlando) e o outro a querer fazer sózinho o que mais fácilmente resultaria da colaboração com os restantes jogadores (E. Graça, que trocara com Vaz), não teve, ainda, nos avançados, a calma

(Continua na 6.ª página)

Pontos perdidos

no máximo possível de 38

	C.	F.	T.
F. C. Porto	1	4	5
Sporting	1	5	6
Benfica	5	9	14
Belenenses	4	15	19
Académica	6	13	19
Lusitano	3	16	19
Barreirense	5	14	19
Torriense	7	13	20
Spt. Braga	7	15	22
Caldas	9	14	23
C. U. F.	7	17	24
Salgueiros	6	19	25
Oriental	10	15	25
V. Setubal	11	15	26

Orlando e Romeu, um médio e um interior, vêm á extrema defesa desarmar Almeida que procurava infiltrar-se pelo lado esquerdo, num lance de ataque

EM MARVILA

O uso duma "Martingala"

deu lucro ao Caldas...

Quando, após o primeiro quarto de hora de jogo, o interior Sarrazola—visivelmente magoado numa jogada dura, mas sem traição—«morreu», aparente e realmente, para a manobra de contra-ataque do Caldas, a equipa visitante fixou-se toda, inteira e articulada, numa defesa feroz. Eram, por assim dizer, oito homens (pois que, descontando Sarrazola, João e Rogério ainda faziam ofício de ataque) abrigados em muralha, opondo-se, juntos nesta união, a toda uma equipa de onze unidades querendo romper a pedra e o cimento daquela defesa por qualquer processo—digamos mesmo: de qualquer maneira...

Nisto esteve—quem sabe? o mal dos visitados de Marvila que, de preferência a um jogo ordenado na vantagem que conseguiram, adoptaram uma manobra de nervos, á procura do acaso, tentando tirar da quantidade dos lances um de qualidade que chegasse para as encomendas.

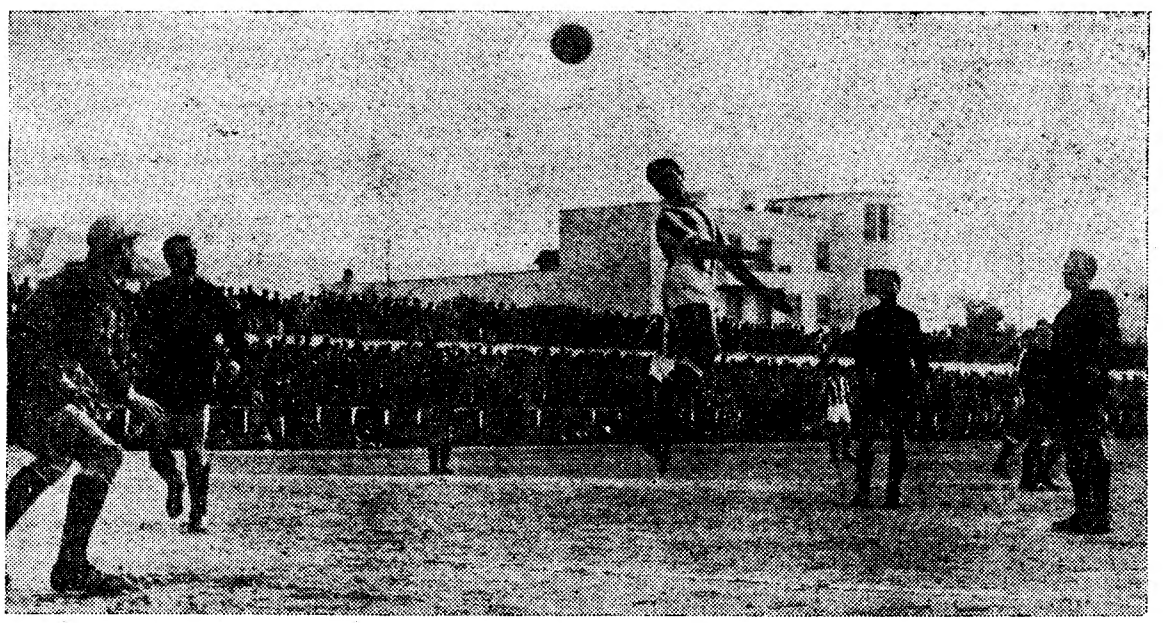
Por outro lado, o naipe de ataque orientalista que chegou a incluir Morais e Capelo, aquele mesmo com um remate ao golo que foi o mais «nobre» da tarde, ignorou que os tentos não se encontram com facilidade quando não se fabricam, esmiuçadamente, passe a passe—numa imagem de exagero: milímetro a milímetro.

Contra esta ideia real de jogo orientado, a equipa de Marvila foi, por desespero—tornando o seu desenho automático tanto mais atabalhoado quanto a satisfação do golo tardava—para um jogo ao deus-dará: lance de bola alta e todos em cima da baliza, como, antigamente, jogavam os miudos da «trapeira», nos cantos baldios da cidade, depois vencida pelo alcatrão e o macadame. E, aqui, esta imagem serve, talvez, para recordar que em piso sem relva, como o de Marvila, a tendência do jogo de rua mais se acentua, dominando o esforço dos homens e os seus próprios nervos, já que o terreno para pouco mais dá...

Ora, como se sabe, nestes jogos que afectam o fim da tabela, um ponto ou dois não é coisa que se ganhe sem luta, nem, por via de regra, á vontade. Foi mesmo, segundo nos pareceu, o espírito desse conhecimento que dominou a partida, de princípio a fim. Mercê da disposição defensiva—ou melhor: extremamente cautelosa—do grupo das Caldas da Rainha, o Oriental entrou em campo, de certo modo, contando com um ponto (o do empate), mas, querendo somar dois, teve que se dar á luta, abrindo a todo o momento, por um lado, o caminho da vitória e, por outro, o terreno da insinuação mal intencionada do contra-ataque adversário que era por onde podia vir ao Caldas o outro ponto certo que voluntàriamente dava aos da casa para ganhar cedendo... Tudo um jogo, na mesma medida em que, nos de azar, uma «martingala» põe o parceiro a coberto dos grandes prejuizos.

Claro que o risco de qualquer «martingaleiro» é quase tão grande como o do jogador de palpite, quando não tem pelo seu lado a sorte, que foi o que, até certo ponto (descontando a contrariedade da lesão de Sarrazola) o Caldas manteve durante todo o embate,

(Continua na 6.ª página)



Inácio remata espectacularmente de cabeça e os estudantes parecem petrificados

O 37.º ANIVERSÁRIO

do Hóquei Clube de Portugal

Fundado em 1 de Janeiro de 1921, por um grupo de entusiastas do hóquei e da patinagem, o H. C. Portugal está a festejar mais um aniversário. No seu campo de Sete Rios passou mais tarde a praticar também o hóquei em campo, futebol, atletismo, basquetebol e handebol. Teve ainda valiosa representação na na esgrima. Privado ultimamente de recintos próprios para treino dos seus atletas, não deixou, no entanto, o clube de tomar parte nos campeonatos de hóquei em campo e de handebol de 7 e de 11, tendo nesta modalidade ganho o Campeonato de Lisboa da 1.ª Divisão, na época passada. No primeiro sábado, 25, a direcção do clube promove um banquete de confraternização, estando a inscrição aberta na secretaria da clube, Largo de S. Domingos, 14, 2.º, ou pelo telefone 43582.

O ESTORIL PRAIA

reuniu-se em assembleia-geral

Reuniu-se a assembleia-geral do Grupo Desportivo Estoril Praia, que, entre outras, tomou as seguintes deliberações: conceder o título de sócio de honra ao presidente da Camara Municipal de Cascais, sr. tenente-coronel José Roberto Raposo Pessoa; saudar o dr. César Henrique Moreira Baptista, antigo dirigente do clube, em virtude da sua recente eleição para deputado á Assembleia Nacional, e o atleta Manuel Faria, do Sporting; e fazer uma exposição ao Governo acerca da actividade do clube, solicitando os meios indispensáveis que possam garantir a sua existência (pretende-se que tal auxílio seja assegurado através de novo contrato a estabelecer este ano, para concessão da exploração do jogo no Estoril). Os trabalhos da assembleia prosseguirão no dia 29, ás 21 horas.

Arsénio, o melhor em campo
marcou três golos

(Continuação da 1.ª página)

E é melhor que o não seja, de futuro, por razão nenhuma, pois um tal padrão de jogador já não pertence aos dias de hoje. Certamente que Candido Tavares, que além de treinador também sabe ser educador, não deixará de cuidar deste problema que muito pode afectar e diminuir o indiscutível valor da sua equipa.

*

Em verdade o Sporting, se quiser enganar-se a si mesmo, pode invocar esta questão da dureza de Durand e também pode dizer que o golo com que a C. U. F. empatou o desafio derivou de um flagrante erro do árbitro. Realmente a «mão» foi tão casual que até se deu quando o jogador infractor estava de costas. São duas verdades incontroversas e no que diz respeito aos erros da arbitragem, ainda seria possível colher mais alguns apontamentos, para repartir pelos dois lados. Não foi feliz a arbitragem.

Mas melhor será que o Sporting se concentre, de preferência, na quebra quase vertical da equipa no segundo tempo. Os seus avançados deixaram de ser unidades efectivas do jogo. Nem se apresentavam convincentemente na ofensiva, nas raras ofensivas que levaram até á baliza de Gama, nem deram á defesa o apoio de que ela necessitava, principalmente quando se começou a desenhar sobre ela a nítida superioridade de Arsénio e seus companheiros, cada qual tão «mercurio» como ele. Ainda assim o que mais procurou ajudar, embora em movimentos sem convicção e até sem personalidade compatível com a categoria que lhe tem sido reconhecida, sem duvida com inteiro merecimento, foi Vadinho. Esse ainda apareceu frequentemente na defesa. Mas os restantes esperavam muito pela bola, excepto Julius que parecia um náufrago ainda com muita força para lutar mas sem ter quem o ajudasse a sair da corrente contrária, que tudo arrastava na direcção de Carlos Gomes.

*

Tal como o jogo decorreu, repetimos, o Sporting trouxe de «Santa Bárbara» um bom resultado. Quebrou demais no segundo tempo para merecer melhor e também não soube apressar-se como devia na primeira parte, quando os ventos lhe corriam de feição, quer dizer, quando a meio do terreno Travaços conseguia segurar Julius junto de si e ambos asseguravam uma ligação, que a C. U. F. não lograva quebrar.

E é verdade. A C. U. F. chegou a dar a impressão de que se ia entregar. Nunca deixou de pensar no ataque, é certo, marcou um golo e teve outro possível, mas percebia-se que o Sporting a estava fechando na mão. Contra o F. C. Porto, por exemplo, a que também assistimos, não teve um período assim. Mas o Sporting não aproveitou o balanço dos dois golos. Andou sempre muito repousado, muito frio, parecendo mais preocupado em poupar energias que em aproveitar a maré, que então estava a favor.

Esqueceu-se o Sporting que na equipa da C. U. F. há um homem que raro perde uma oportunidade e que com um ou dois remates é capaz de mudar a feição de um jogo e o estado de espírito das duas equipas. Foi o que sucedeu. Arsénio marcou três golos e não teve no campo a vigilancia que se justificava num dos melhores marcadores do «Nacional». O primeiro golo ainda poderá ter sido recebido como acidente do jogo. Mas o segundo, disso não tenhamos duvidas, abalou as duas equipas. O Sporting cedeu então as rédeas do jogo e a C. U. F. passou a segurá-las com indómita firmeza. Claro está que o empate passou também a ser um acontecimento que se aguardava a todo o instante. Chegou pela via irregular, mas esteve á vista em muitos outros lances. Bastará dizer que Carlos Gomes foi dos dois guarda-redes o que mais trabalhou — muito e bem.

Já se deixa ver que Arsénio foi — o que já é hábito — a figura central deste desafio que, vistas bem as coisas, foi um bom desafio. Cedeu um tanto o Sporting, é certo, mas há que reconhecer que cedeu perante uma força a que não pôde resistir e a que também outros não têm podido resistir. E tudo isto conseguiu a C. U. F. com uma unidade — José Luís — inferiorizada. No ataque, com a entrada de Campos e Rodrigues, todos estão a jogar «á Arsénio». Rodrigues teve jogadas que obrigaram o correcto Pacheco a felicitá-lo. Talvez Durand não tenha reparado neste elegante gesto, que bem define a nobreza de um carácter...

LUÍS ALVES

O interior-direito da C. U. F., Campos, que não aparece na gravura, atirou a bola por cima de Carlos Gomes e á boca da baliza o irrequieto Arsénio tocou-a para as malhas, fazendo o 1.º golo da sua equipa. O marcador mostra o seu contentamento

O desafio
Setúbal-Académica

(Continuação da página central)

ou lucidez necessárias para dar aos lances a finalização que lhes convinha e que, em alguns casos, parecia ser a unica possível.

Como equipa organizada, com sentido global de manobra, decidida na defesa e intencional no ataque, o Vitória durou os 20 minutos iniciais, caindo verticalmente quando os estudantes, sofrido o golo, passaram a movimentar-se com maior desenvoltura e objectividade.

Os homens da defesa local viram-se então obrigados a um esforço desesperado, recorrendo a todas as suas reservas de energia para defender o magro resultado.

O golo do empate esteve á vista por mais de uma vez, mas, nessa altura, a sorte postou-se decididamente junto de Libanio e da sua equipa.

Cremos, no entanto, que o empate era desfecho justo, correspondendo melhor ao que de bom e mau ambas as equipas fizeram.

Soares, Vaz, Fernandes e Miguel, no Vitória, e Wilson, Torres, Rocha e Bentes, na Académica, os elementos mais salientes.

A arbitragem do sr. Hirminio Soares, de Lisboa, passaria despercibida se alguns jogadores não tivessem revelado desconhecimento total de algumas regras de jogo

ISAAC PAIS

Braga-Barreirense

(Continuação da página central)

n.º 11 nas costas mas nunca ocupou a posição de extremo-esquerdo. Teve missão bem ingrata este futebolista, colocado a meio do terreno, para permitir que Silvino recuasse, e Pinto ficasse ás deixas. Vasques teve papel de alto relevo, como ordenador de jogo, beneficiando da sua finta fácil e do seu belo jogo de antecipação, pormenores que o levaram, muitas vezes, a lançar perigo no ultimo reduto dos Bracarenses. Oñoro, Corona, José Augusto e Faia foram os homens que tiveram missão cem por cento de ataque. Todos eles colaboraram bem e demonstraram engodo pela baliza. Por tudo isto, pode aquilatar-se que o Barreirense se apresentou em Braga com um sistema defensivo preconcebido.

Entretanto, é justo salientar que, embora acautelando a defesa, jamais os visitantes perderam o sentido de contra-ataque. E como a felicidade lhe bateu á porta, tudo surgiu naturalmente.

*

Pois, os Bracarenses não conseguiram, deste modo, bater um grupo a que lhes interessava ganhar. As coisas não lhe correram de feição e isso veio a verificar-se até nos ultimos segundos do encontro, quando Fernando Mendonça, em jogada fulgurante, conseguiu aplicar um violentíssimo remate á base de um poste, já com os ponteiros do relógio em cima da hora. Esses lances dão ao futebol emoção extraordinária. A jogada que atrás descrevemos deixou em suspenso os adeptos do Braga mas, afinal, ela não veio a adiantar... No entanto, se tem sido aproveitada, a alegria teria assaltado os corações dos Bracarenses.

Já afirmámos que os Minhotos comandaram o jogo. E' uma verdade. Mas, esse comando nunca significou subjugação total para o adversário. O Barreirense soube até criar jogadas bem delineadas, com princípio, meio e fim, que provocaram, por diversas vezes, constantes sobressaltos aos contrários. Quer dizer: a equipa do Barreiro consentiu a superioridade do Braga porque, naturalmente a temia, mas fê-lo sempre de maneira agradável, sem dar aquela triste nota de acantonar todos os atletas no seu meio campo.

A igualdade que alcançou só foi possível á custa de muito sacrifício, de muita tenacidade e de muito querer. Este embate vai ser muito benéfico para o grupo. Não será de esquecer que tanto o Porto como o Sporting ainda têm que ir ao Barreiro. Eis por que o Barreirense terá ainda importante papel na parte final do campeonato.

*

O Braga, com este empate, envolveu-se na chamada zona perigosa. Resta-lhe três jogos em casa, um dos quais é com o Porto. Portanto, apenas com dezasseis pontos, não pode estar, de modo algum, tranquilo. A equipa, composta por jogadores de real valor, continua desarticulada, sem chama e sem alegria. Depois de magnífica entrada na prova, espera-a, agora, um final arrazante.

O árbitro falhou estrondosamente na sua, aliás, difícil missão de julgar. Validou o segundo golo aos Bracarenses, com o marcador em nítida posição de fora de jogo e ordenou, a seguir, um castigo máximo contra o Braga que ninguém descortinou.

DOMINGOS LUZ

O jogo
Torriense-Belenenses

(Continuação da página central)

tacar a utilíssima acção de toda a defesa, com relevo para Forneri e a eficácia dos dois extremos. O guarda-redes teve, em todo o encontro, um deslize que lhe custou um golo.

Dos vencidos, destaque-se José Pereira que, apenas aos 69 minutos, perdeu a cabeça, o que lhe podia ter custado, pelo menos, um «penalty», Vicente, Matateu e Bezerra, este com o senão de utilizar alguma malícia em certas jogadas.

A arbitragem do sr. Jaime Pires, de Lisboa, não foi inteiramente feliz, sobretudo, porque nem sempre «segurou» o jogo, o que lhe poderia ter trazido alguns dissabores. O segundo tento dos locais pareceu-nos precedido de «fora de jogo» e o golo dos forasteiros obtido depois do tempo regulamentar. O juiz de linha do lado das bancadas foi um péssimo auxliar.

De jornada a jornada

O Campeonato Nacional da 1.ª Divisão teve ontem a sua 19.ª jornada — primeira do terço final da prova. A ronda englobou dois desafios do maior interesse e por isso suscitou a maior expectativa.

Recordemos, entretanto os resultados que se verificaram:

Benfica-F. C. Porto	**2-3**	**(0-1)**
C. U. F.-Sporting	**3-3**	**(0-5)**
Oriental-Caldas	**0-0**	**(0-3)**
Torriense-Belenenses ...	**2-1**	**(2-3)**
Braga-Barreirense	**2-2**	**(1-3)**
Salgueiros-Lusitano... ...	**5-0**	**(0-5)**
Setubal-Académica	**1-0**	**(1-6)**

Entre parentesis indicam-se os resultados dos desafios da 1.ª volta.

O Futebol Clube do Porto foi o grande triunfador da jornada. Tão grande que passou a comandar a classificação, ganhando um desafio dificílimo e beneficiando do empate consentido pelo seu mais directo competidor.

As equipas da A. F. L. não estiveram afortunadas. Só uma ganhou — a do Torriense, no unico desafio entre grupos da capital. O Sporting e o Oriental empataram e o Benfica perdeu.

Alcançaram desforras o Salgueiros (devolvendo o resultado da 1.ª volta) o Vitória de Setubal (sem anular a diferença de golos) e o Torriense (igualando em golos). Três equipas batidas na 1.ª volta — C. U. F., Oriental e Sporting de Braga — rectificaram para empates. Portanto, foi o F. C. Porto o unico a confirmar.

Dos resultados de ontem, surgiram seis alterações na ordenação das equipas, o que quer dizer que oito concorrentes conservaram as suas posições :Benfica, Belenenses, Barreirense, Torriense, Braga, Caldas, C. U. F. e V. Setubal.

Passou a haver novo guia — o F. C. Porto, que antes era 2.º e trocou o lugar com o Sporting. Atrás do Benfica voltou a haver um quarteto, dentro do qual só houve uma permuta entre a Académica e o Lusitano. Na cauda da classificação mais uma troca: o Salgueiros adiantou-se ao Oriental.

E' curioso referir que dos sete clubes da segunda metade da tabela nem um só deles perdeu. Como curioso é anotar que a diferença que separa o 4. classificado do 1.º é bem maior do que a que separa o mesmo quarto classificado, do ultimo. Concretizando: o Belenenses está a 14 pontos do guia e a 7 do «lanterna-vermelha». Julgamos que nunca isto aconteceu.

EM ESPANHA

MADRID, 20. — Resultados dos jogos correspondentes á 18.ª jornada do campeonato nacional de futebol, ontem disputados: Valência, 4-Jaen, 0; Granada, 3-Real Sociedade, 1; Osasuna, 2- Gijon, 1; Saragoça, 3-Atlético de Bilbau, 1; Celta de Vigo, 3-Espanhol, 2; Barcelona, 2-Las Palmas, 0; Atlético de Madrid, 7-Valladolid, 0; Sevilha, 3--Real Madrid, 2.

Classificação: Atlético de Madrid, 27 pontos; Barcelona, 26; Real Madrid, 23; Celta de Vigo, 22; Osasuna, 20; Atlético de Bilbau e Espanhol, 19; Real Sociedad e Valência, 18; Granada, 16; Gijon, Valhadolid, Jaen e Saragoça, 14; Las Palmas, 13; Sevilha, 11. — (A. N. I. e Efe.).

O encontro
Salgueiros-Lusitano

(Continuação da página central)

especialmente nos quarenta e cinco minutos da segunda parte.

Neste periodo, porém, um rapaz loiro e seco, talhado para o numero que veste—o cinco—que até aí tinha sido mais uma peça da muralha da China do que uma individualidade com corpo e arte de bom jogador, tornou-se, de subito, a figura central de um fim de festa que pertenceu aos de fora. E' bem de ver que nos referimos a Saraiva, o homem que durante todo o quarto de hora final chegou para uma equipa inteira á procura da vantagem que se diz que têm os que jogam em casa.

«Não perder é ganhar só metade» e, para os pretensões do Oriental, esta cotação dividida «a meias» não serve—não diremos, por enquanto, não serviu, mas a verdade é que a partir de agora o grupo de Marvila terá mais um risco no jogo dos episódios finais do Campeonato.

ADELINO TAVARES DA SILVA

	EM CASA						FORA						TOTAL					
	J.	V.	E.	D.	B.	P.	J.	V.	E.	D.	B.	P.	J.	V.	E.	D.	B.	P.
F. C. Porto ...	10	9	1	—	33- 8	19	9	7	—	2	15-10	14	19	16	1	2	48-18	33
Sporting C. P.	9	8	1	—	32- 4	17	10	6	3	1	29-12	15	19	14	4	1	61-16	32
Benfica	10	7	1	2	34- 7	15	9	4	1	4	14-13	9	19	11	2	6	48-20	24
Belenenses ...	9	6	2	1	27-10	14	10	2	1	7	13-22	5	19	8	3	8	40-32	19
Académica ...	9	5	2	2	17- 8	12	10	3	1	6	16-22	7	19	8	3	8	33-30	19
Lusitano	9	7	1	1	26-11	15	10	1	2	7	4-17	4	19	8	3	8	30-28	19
Barreirense ..	10	7	1	2	26-16	15	9	1	2	6	8-24	4	19	8	3	8	34-40	19
Torriense	9	5	1	3	9-10	11	10	3	1	6	13-22	7	19	8	2	9	22-32	18
Braga	10	6	1	3	28-15	13	9	—	3	6	9-27	3	19	6	4	9	37-42	16
Caldas	10	4	3	3	14-13	11	9	1	2	6	9-24	4	19	5	5	9	23-37	15
C. U. F.	9	5	1	3	26-17	11	10	1	1	8	8-31	3	19	6	2	11	34-48	14
Salgueiros ...	9	6	—	3	28-10	12	10	—	1	9	9-39	1	19	6	1	12	37-49	13
Oriental	10	3	4	3	9-13	10	9	1	1	7	8-33	3	19	4	5	10	17-46	13
Vitória F. C.	10	4	1	5	18-19	9	9	1	1	7	6-31	3	19	5	2	12	24-50	12

Jogo alto para o monte

— foi a orientação que perdeu o Benfica!

(Continuação da 1.ª página)

Teixeira, quando havia 21 minutos e 30 segundos, não se desorientaram, jogando com sentido realístico, e aplicando-se, repetimos a palavra porque é a unica que dá a ideia verdadeira, obstinadamente, com o pensamento no título, que não queriam deixar fugir — fosse por isto ou por aquilo...

E note-se como os factos decorreram. Os Portuenses estavam a ganhar por um-zero e o empate verificou-se na melhor altura para o Benfica, quando havia apenas dez segundos para o fim do primeiro tempo. Era de calcular que, após o intervalo, as equipas reaparecessem com diferente pensamento, os Portuenses arriscando-se menos e os Benfiquenses mais audaciosos, estes perfeitamente industriados e metidos na orientação adequada. O adversário jogava com dez homens, e o «handicap» não deixava de ser considerável...

Pois bem! Não só o Porto fez mais dois golos, como jogou durante toda a parte restante do tempo com manifesta superioridade de manobra, agarrando, sempre que possível, todas as situações, e servindo-se delas em seu proveito. O domínio territorial do adversário nada representava, sentindo-se perfeitamente a impotência do ataque benfiquista no sentido dos golos. Águas, que tem uma cabeça de oiro, captando a bola de todos os lados e enviando-a para onde pretende com precisão matemática, ainda aproveitou uma oportunidade. Era já tarde! Faltavam apenas oito minutos para o arraial ser levantado, e os Portuenses nunca deixaram de «ver» o jogo e as condições em que ele se apresentava. Nem nos lembra um caso tão perfeito como este, em que uma equipa colocada em posição numérica desfavorável fosse tão esclarecida, e outra, que deveria estar na mó de cima, perdesse tão completamente a faculdade de apreciar as jogadas, não compreender o que era preciso fazer...

■

Deram ainda as duas equipas uma impressão diferente no que toca a condição física e a força de vontade, devendo dizer-se que o segundo requisito deriva muito da existência do primeiro. Os Portuenses empregaram-se do princípio ao fim com o mesmo empenho, energia e velocidade, chegando as suas forças para todos os casos dentro dos noventa minutos, ao passo que os Benficas, pelo menos, alguns deles, deram a impressão nítida de que estavam abalados e de que não ganhavam muitos lances por falta de força. De um lado, um grupo em forma física; do outro, um conjunto com carência de forma, e certamente, corrompido por outros males, não acreditando talvez nas suas possibilidades. E o encontro, com todos os seus incidentes e sobressaltos, não deixou de interessar vivamente, mantendo em suspenso a assistência. Os próprios adeptos do Benfica, sentindo a verdade, também se entregaram, começando a atravessar os portões do estádio, de costas para o jogo, muito antes do ponto final da partida.

■

A parte mais interessante talvez tenha sido aquela que foi delimitada com a expulsão de Teixeira. A propósito, cabe fazer a pergunta: porquê, a expulsão, se nada vimos em desabono do jogador, que acorrera a um lance em que Zézinho procurava proteger Costa Pereira? Parece ter-se dado, segundo a visão do árbitro, próximo do acontecimento, uma cena de agressão justificando a ordem de saída.

Como quer que seja, este período foi muito movimentado, revelando-se globalmente a equipa portuense como de engrenagem mais perfeita. No entanto, havia perigosas réplicas do Benfica. O Porto reforçava algumas vezes a sua linha média com mais um elemento (ou um ou outro dos defesas laterais, conforme o caso); o Benfica metia deliberadamente na linha de ataque o seu médio Vasco Pegado, ressentindo-se o jogo de conjunto devido á falta de veio de transmissão.

Aos oito minutos, deu-se o primeiro golo: num forte remate, de longe, de Carlos Duarte, Costa Pereira não conseguiu blocar a bola, e, no ressalto, Teixeira não teve a mais leve dificuldade em fazer o tento, demorando até, como que espantado da dádiva, o tempo da marcação.

Deve dizer-se que, em lances anteriores, já o guarda-redes do Benfica, que está longe de ter a forma que deriva de uma actividade constante e permanente, dera sinais certos de que estava ou nervoso ou pouco seguro. E talvez isso tenha abalado a organização da defesa, pois o nervoso ou a desorientação é doença grave que rápidamente alastra numa equipa, especialmente em desafios de responsabilidade. Cabe dizer que o contraste entre a actuação dos dois guarda-redes foi evidente, comportando-se Acursio á altura da situação, ao jogar com grande firmeza quando teve de agarrar a bola ou ao ver-se obrigado a meter-se nos lances, saindo das balizas.

■

Do momento da expulsão até ao fim do primeiro tempo, a partida alterou-se um pouco nos seus dados e fundamentos, como fácilmente se compreende. Os Benficas lançaram-se abertamente ao ataque, iniciando o jogo de «bola para o monte». Pegado metia-se ainda mais no futebol de ataque, e este deixava de possuir clareza, com manifesto prejuizo da interdependência dos vários sectores. O transporte da bola, é certo, era feito pelo sítio indicado, pela feixa lateral do terreno, geralmente a mais desguarnecida, mas o fim da jogada era abominável — um centro por alto para o monte de jogadores aglomerados em frente das balizas... Tanto lance assim desenvolvido perdeu-se sistemáticamente, porque Acursio seguia o jogo com muita atenção e intervinha com autoridade, e porque os componentes da defesa se colocavam bem e marcavam segundo a boa teoria. O golo do Benfica, a segundos do intervalo, resultou de um centro por alto de Cavem, não-cortado por Acursio, que Águas apanhou de cabeça, não perdoando... Mas deve dizer-se que, antes, quando o cronómetro marcava quarenta minutos, tinha havido uma jogada que poderia influenciar a partida. Foi o caso de Hernani, concluindo uma fuga pelo lado esquerdo desferir um remate, indo a bola embater no poste esquerdo e ressaltar para as mãos de Costa Pereira, estendido na relva e já batido.

Os portuenses também modificaram a sua orientação de conjunto, fazendo por sistema retenção de bola, jogando com calma e procurando surpreender a defesa contrária com manifestações individualistas. O segundo tempo, de certo modo, confirmou esta orientação que, afinal, produziu bons frutos.

■

Houve três jogadas extraordinárias nos quatro minutos de inicio da segunda parte, e rápidamente, num abrir e fechar de olhos, o F. C. P. pôs-se em vencedor (diferença de duas bolas), quebrando a corda pelo mais fraco, ou por aquele que não se adaptava ás circunstancias. No primeiro minuto, uma jogada individual de Carlos Duarte, que captou a bola a meio-campo e fez na sua companhia cinquenta metros, terminou com forte remate deste jogador, não fechando Costa Pereira as balizas.

A resposta do Benfica não se fez esperar: aos dois minutos, Águas concluiu (repare-se que o nome do centro-dianteiro aparece em todo o futebol benfiquense de ataque bem feito), da melhor maneira, uma jogada, com remate forte e colocado, embatendo a bola no mesmo poste e quase da mesma maneira, com idêntico ressalto, que já havia sucedido a Hernani. E daí a pouco, aos quatro minutos, uma fuga de Hernani pelo lado esquerdo, a que acorreu Costa Pereira que não hesitou em mergulhar, produziu o terceiro golo, pois o conhecido jogador portuense, no momento preciso, libertou-se do «mergulho» e fez passar a bola por cima do corpo de Costa Pereira, enfiando-a nas balizas desertas.

Tornou-se cada vez mais patente, dessa altura em diante, o chamado domínio territorial do Benfica, que chegou a ser avassalador, isto é, com todos os homens instalados no campo do Porto, mas a verdade é que a esse domínio não correspondia uma esquematização clara e perfeita, de jogo rasteiro, rápido e com desmarcações, o que conduziria á construção do ponto de golo. Atrevemo-nos até a dizer que o fim do lance era, quase como regra, aquele que já foi enumerado: — bola para cima do monte, e cada um que lá se avenha!...

Isto não quer dizer que não tenha havido algumas jogadas de golo, essas, porém, por infelicidade do Benfica, afastaram-se de Águas e foram parar a Santana, homem sem calma e experiência, jogador ainda a completar-se, que não soube explorá-las. Lembra-nos que, ao quarto de hora, Santana recolheu um centro de Coluna e não fez o golo, a três ou quatro passos das redes...

Pelo contrário, a calma dos Portuenses continuava a ser uma das caracteristicas do seu jogo, ao ponto de haver não só defesa renhida e sempre certa como algumas tentativas de ataque que lançavam o alvoroço no lado do Benfica. E não se tratava de ataques por duas, muito menos por três ou quatro unidades: uma só chegava, ou Carlos Duarte ou Hernani, ou Osvaldo Silva, para desencadear o pânico. De alguma coisa serve, afinal, dispôr de individualidades com largos recursos de ordem técnica.

Dentro do campo — não era possível parar o jogo por instantes, e o treinador fazer regressar ao espírito dos jogadores a luz do jogo — a equipa do Benfica, descomandada, prosseguia na sua espécie de jogo por alto, não se organizando, e facilitando até o trabalho defensivo dos Portuenses, que aproveitavam todas as situações para retenção e dobra de passes. Na marcação de um «canto», por Palmeiro, Águas marcou a segunda bola, com um toque subtil de cabeça. Faltavam oito minutos, e os Portuenses ainda «viram» a situação e o que convinha fazer, gastando quase todo o tempo que faltava a dar bolas a Acursio, e atingindo plenamente o seu objectivo, ganhar o jogo — aproximando-se do título, a sua bela e gloriosa obstinação.

■

As referências ao trabalho dos jogadores estão implicitas, ao definir-se a partida nos seus diferentes aspectos. Monteiro da Costa merece, no entanto, uma chamada especial, ainda que todos os seus companheiros servissem a equipa de forma modelar. Do outro lado, também nos parece justa menção honrosa a José Águas. E o desafio, por todos os motivos já apontados, cobriu-se de emoção, tendo os bombeiros de transportar, em macas, pessoas com ataques e desmaios. O futebol estraga o coração do adepto

T. DA S.

A EXPULSÃO DE TEIXEIRA — Os jogadores portuenses protestam vivamente contra a expulsão de Teixeira que, no meio do grupo, aguarda a decisão. O árbitro, Inocêncio Calabote, mantém a decisão e Teixeira, lentamente, sairá do campo. Talvez fosse interessante ouvir a conversa dos jogadores com o árbitro, neste instante de agitação...

UMA IMAGEM REPETIDAMENTE VISTA NA LUZ — As jogadas do Benfica terminavam invariàvelmente pelo ar, com centros a cair na zona das balizas. De frente para a bola, decididos e certos, os homens da defesa portuense aliviavam com relativa facilidade... Desta vez, apesar de Acursio ter saído, foi Virgílio que afastou o perigo. Metido no lance vê-se Santana, e em atitude de observação Cavém e Pedroto

TAÇA «JULES RIMET»

O caso da Irlanda

parece ter solução favorável às suas pretensões

ZURIQUE, 19. — O secretário-geral da F. I. F. A. (Federação Internacional de Futebol), Kurt Gassmann, publicou hoje um desmentido á notícia divulgada pela Imprensa francesa de que fora estabelecido um prazo, até 31 deste mês, á Irlanda do Norte, para decidir se queria ou não jogar ao domingo, na fase final do campeonato mundial de futebol.

Gassmann explicou que o 31 de Janeiro é o ultimo dia normal para todos os países classificados, para a fase final, confirmarem a sua participação, mas que isso nada tem que ver com o regime da Irlanda do Norte, contrário ao futebol aos domingos.

Como um informador da F. I. F. A. já declarou na passada sexta-feira, o pedido da Irlanda do Norte para ser dispensada de jogar ao domingo será apreciado pela Comissão do Campeonato Mundial, da F. I. F. A., na sua reunião de 8 de Fevereiro, em Estocolmo.

Até então, nem a F. I. F. A. nem a Federação de Futebol da Irlanda do Norte terão que tomar quaisquer decisões definitivas sobre a questão dos jogos ao domingo.

Se a comissão da F. I. F. A. recusar á Irlanda do Norte um tratamento especial, e os Irlandeses insistirem na sua recusa de jogar ao domingo, a Itália ocupará o lugar da Irlanda do Norte no campeonato mundial, segundo o regulamento da competição. — (A. N. I.).

Pele cuidada cavalheiro distinto

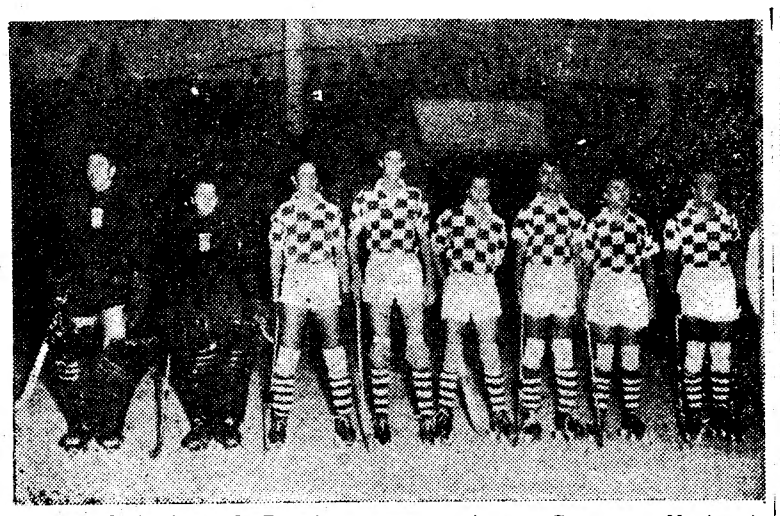
O creme NIVEA distende a pele antes e depois da barba e torna-a macia e lisa. O creme NIVEA é um alívio para a pele barbeada, tornando-a fresca e dando-lhe o aspecto de bem tratada. Milhões de homens sabem isto. NIVEA goza, por isso, de preferência em todo o mundo.

Pele tratada com NIVEA: frescura juvenil

Tão eficiente porque contém Eucerit.

PRODUTO ORIGINAL DA BEIERSDORF, ALEMANHA

N 57-6



A equipa de juniores do Boavista, que conquistou o Campeona Nacional de forma brilhante

HÓQUEI EM PATINS

A vitória do Boavista
no campeonato nacional

O Campeonato Nacional de 1957, de hóquei em patins, na categoria de juniores disputado sòmente (!) pelo Campo de Ourique, campeão do Sul; e pelo Boavista, campeão do Norte, terminou com a conquista do título pelo «cinco» portuense.

Os «axadrezados» venceram perfeitamente. Os seus elementos demonstraram maior poder atlético, maior somatório de conhecimentos, enfim, mais personalidade. Os Lisboetas foram, ao fim e ao cabo, inferiores aos novos campeões. O facto não molestará, nem pode molestar, o popular clube lisboeta, e muito menos, Jorge Barbosa, o preparador da equipa (há meses a esta parte) o qual tem competência suficiente, assim pensamos, para desempenhar cabalmente a missão de que está incumbido.

*

Nem é a circunstancia, em si, que nos sugeriu esta meia duzia de considerações. Há outro aspecto mais curioso e de maior interesse para os hoquistas do Sul — a subida de nível da modalidade na região nortenha. Repare-se que os dois ultimos nacionais de juniores foram parar ás mãos de quadros de além-Mondego — Famalicense e, agora, Boavista.

Quer dizer, portanto, que o hóquei patinado do Sul, mais precisamente da capital, já por duas vezes ficou em xeque ante o do Norte. E, o que é mais importante, na categoria de juniores. Leva-nos a observação a concluir que, no Norte, a modalidade está a ser tratada com mais carinho, desenvolvendo os seus dirigentes maior acção construtiva, já que os juniores (a existência oficial de principiantes não é considerada) constituem a semente do hóquei.

*

Deste modo, a derrota sofrida pelo Campo de Ourique ante o Boavista, impressiona mais pelo significado que da mesma se pode tirar, do que pròpriamente pelo revés, em si.

Idêntica opinião teve para connosco, o sr. Humberto Peixoto, treinador do Boavista, que, no fim do segundo desafio, nos disse constituir a proeza do seu grupo um excelente aviso para o hóquei do Sul, porquanto os rapazes que, há momentos, haviam conquistado o título máximo, são produto exclusivo das escolas do clube e como o oBavista outros (o Académico, por exemplo) mantêm em actividade jovens, que, diariamente, procuram completar, com ensinamentos recebidos nos treinos, a sua intuição para a prática da modalidade. Basta, acrescentar, para se aquilatar devidamente da importancia que os Portuenses estão a dar ao hóquei, que o Boavista teve no torneio regional duas equipas suas!

Estas iniciativas, como outras de idêntica oportunidade, hão-de fazer sentir os seus efeitos benéficos num futuro próximo. E a hegemonia do Sul passará, irrecusavelmente, de mãos, já que em Lisboa as coisas não têm tido semelhante rumo.

A selecção
de corta-mato

Passemos em revista a ficha dos atletas seleccionados, três dos quais — Hélio Duarte, Dias Santos e Filipe Luís — já deram provas em corridas internacionais da especialidade.

HELIO DUARTE — 24 anos, natural de Setubal, cobrador do S. L. Benfica. Corredor de recursos excepcionais que se iniciou na modalidade em provas de velocidade prolongada e veio a terminar em grande estilo nas corridas de fundo. Impressionou a época passada, chegando a um plano de indiscutível valor. E' uma das esperanças do atletismo português.

DIAS SANTOS — 23 anos, empregado comercial, natural de Lisboa. Um novo com valor, nas corridas de meio-fundo. Representou o País pela primeira vez, na categoria de juniores. Atleta de futuro devido á sua juventude. No «Cross das Nações», no hipódromo de Lasarte, em S. Sebastian, conquistou o 59.º lugar e em Belfast uma indisposição física não lhe permitiu terminar a corrida, mas em Warrengen, na Bélgica, conquistou o 44.º lugar.

JOAQUIM DIAS FERREIRA — 19 anos, empregado comercial, natural de Lisboa. Um jovem com grandes possibilidades na modalidade. Há quem diga que será o sucessor de Manuel Faria, caso se dedique á modalidade com afinco. Voluntarioso, com qualidades atléticas excepcionais. Estreia-se internacionalmente em corridas de corta-mato.

FILIPE LUIS — 35 anos, padeiro, natural de Lisboa. Corredor veterano e «capitão» da equipa nacional ao «Cross das Nações», efectuado em Belfast, onde se classificou em 47.º lugar. Em S. Sebastian, naquela corrida obteve o 41.º lugar e em Warrengen, na Bélgica, o 59.º lugar. Atleta de estirpe especial, brioso e, sobretudo, persistente.

O sarau do G. C. P.

Realizar-se-á no dia 22 de Fevereiro o tradicional sarau do Ginásio Clube Português, no Coliseu dos Recreios.

RESERVAS DA A. F. L.

Com nove vitórias e uma derrota
o Benfica conquistou a taça "Pinto Basto"

Acabou o torneio de reservas da A. F. L., dotado com a taça «Guilherme Pinto Bastos», estando o seu vencedor antecipadamente apurado.

Foi o Benfica que ganhou o certame, o que não chegará a surpreender, pois isso está, afinal, dentro das previsões. Como naturalissimo é que nos lugares imediatos se vá encontrar o Belenenses e o Sporting.

A vitória dos «encarnados» não oferece contestação. Mas, não teve o brilhantismo de que poderia revestir-se, porquanto na ultima jornada foi interrompida a série de vitórias que principiara no primeiro dia. Mas, a derrota sofrida anteontem não chega a ser desprimorosa, pois foi registada ante uma equipa que ficou no 2.º lugar, após um final de prova magnifico, devido á inclusão, no onze, de boa percentagem de jogadores que se têm visto na equipa de honra.

A equipa do Benfica foi, na verdade magnifica de regularidade. Anotemos, pois os resultados:

Adversários	*1.ª v.*	*2.ª v.*
Atlético	2-0	7-2
Sporting	4-1	1-0
Estoril (*)	0-0	6-0
Oriental	3-0	2-0
Torriense	7-0	4-2
Arroios	13-0	10-0
Belenenses	1-0	0-4

(*) O Estoril foi punido com falta de comparência.

De notar que a equipa marcou 30 golos em cada uma das voltas, sofrendo um na 1.ª volta e oito na 2.ª.

A equipa de reservas do Benfica que conquistou a taça «Guilherme Pinto Bastos», sofrendo apenas uma derrota no torneio. Esta é a formação que alinhou no ultimo encontro: Bandola, Vaz, Araujo, Mário João, Barbosa, Helder, Palmeiro Antunes, Chipenda, Azevedo, Neto e Pedro Silva

Arsénio
voltou ao primeiro lugar da tabela dos marcadores

Esta dança do comando no primeiro lugar da tabela dos marcadores toma aspectos curiosos — ora entra o Vasques e sai o Arsénio, ora se dá o contrário.

Ainda na jornada passada, o internacional do Sporting se fixou no primeiro posto — partilhado com o homem da C. U. F. e o artilheiro do Belenenses — e já, na ronda de ontem as posições mudaram — ficando os outros dois á frente do jogador leonino.

Os herois da jornada, no entanto, foram, além de Arsénio, Aguas e Faia, todos com dois golos marcados nas partidas que disputaram.

Neste momento, a classificação é a seguinte:

Arsénio (C. U. F.)	**18**
Matateu (Belenenses)	**17**
Aguas (Benfica)	**17**
Vasques (Sporting)	**16**
Vadinho (Sporting)	**14**
André (Académica)	**14**
Hernani (F. C. Porto)	**14**
Jorge Mendonça (Braga)	**11**
Teixeira (F. C. Porto)	**11**
Faia (Barreirense)	**11**
Teixeira (Salgueiros)	**10**
J. Augusto (Barreirense)	**10**

Por clubes os melhores marcadores são os seguintes:

ACADEMICA—André	**14**
BARREIRENSE—Faia	**11**
BELENENSES—Matateu	**17**
BENFICA—Aguas	**17**
BRAGA—Jorge Mendonça	**11**
CALDAS—Vital	**5**
C. U. F.—Arsénio	**18**
F. C. PORTO—Hernani	**14**
LUSITANO—Batalha	**6**
ORIENTAL—Garófalo	**5**
SALGUEIROS—Teixeira	**10**
SPORTING—Vasques	**16**
TORRIENSE—Morais	**8**
V. SETUBAL—Jacinto	**5**

FUTEBOL EM ITÁLIA

ROMA, 20. — Os jogos ontem disputados para o campeonato nacional da 1.ª Divisão da Federação Italiana de Futebol terminaram com os seguintes resultados: Atalanta, 0-Spal, 0; Génova, 1-Milão, 1; Internazionale, 0-Bolonha, 2; Nápoles, 3-Lanerossi, 1; Pádua, 3-Fiorentina, 2; Roma, 4-Juventus, 1; Turim, 4-Sampdoria, 3; Udinese, 2-Alessandria, 0; Verona, 1-Lazio, 0.

Depois dos jogos de ontem, os clubes ficaram classificados pela seguinte ordem: Juventus, 25 pontos; Nápoles e Pádua, 23; Fiorentina, 21; Roma, 20; Lanerossi e Verona, 18; Alessandria e Bolonha, 17; Internazionale e Turim, 16; Milão, 15; Sampdoria, Lazio e Spal, 14; Udinese, 13; Génova e Atalanta 11. — (A. N. I.).

FUTEBOL EM FRANÇA

PARIS, 20. — Nos jogos ontem efectuados, para o campeonato nacional de futebol, registaram-se os seguintes resultados: Reims, 1-Mónaco, 1; Valenciennes, 0-St. Etienne, 0; Nice, 2-Nimes, 0; Racing de Paris, 1-Lille, 3; Lens, 2-Sédan, 3; Lyon, 1-Sochaux, 1; Alès, 2-Béziers, 0; Marselha, 1-Angers, 2; Metz, 2-Toulouse, 1.